

Regresso de Peniche ao Mar

Intervenção no Território
como Palimpsesto

Jéssica Tatiana Lucas da Silva

Licenciada

Projeto final para a obtenção do grau
de Mestre em Arquitetura

Doutor Arquitecto João Nuno
Carvalho Pernão

Doutor Arquitecto João Rafael
Marques Santos

Equipa de orientação

Presidente do júri : Doutor
Arquitecto Nuno Arenga Reis
Vogal: Doutor Arquitecto José
Manuel Aguiar

Júri

FA ULisboa, Lisboa, Julho 2017





FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Projeto Final de Mestrado Integrado em
Arquitetura

Regresso de Peniche ao Mar
Intervenção no Território como
Palimpsesto

Jéssica Tatiana Lucas da Silva

Lisboa, Julho de 2017

Título

Regresso de Peniche ao Mar

Subtítulo

Intervenção no Território como Palimpsesto

Discente

Jéssica Tatiana Lucas da Silva

Orientação Científica

Professor Doutor João Nuno Carvalho Pernão

Professor Doutor João Rafael Marques Santos

Júri

Presidente do júri : Doutor Arquitecto Nuno Arenga Reis

Vogal: Doutor Arquitecto José Manuel Aguiar

Mestrado Integrado em Arquitetura

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

Lisboa, Julho de 2017

Resumo

Este PFM desenvolve-se segundo a leitura do território da cidade de Peniche, procurando gestos de intervenção à qualificação deste território, sem esquecer os valores do lugar.

Tanto pela experiência visual percetiva como, pelo estudo do território como palimpsesto, os elementos vigorosamente presentes na imagem da paisagem - o omnipresente mar, os aflorados rochedos de calcário e os muros da mesma pedra - revelaram-se estratégia de programa e conceção de projeto.

O programa assenta na interpretação de percursos, (re) qualificação de “sítios” com carácter de espaço público, assim como, na construção de equipamentos (Centro de Interpretação; Pólo de Arqueologia Náutica e Subaquática e; espaço de Restauração) na área dos Remédios, um lugar de culto. Ao alcance da arquitetura, estes equipamentos pretendem re-vigorar valores identitários, não esquecendo o simbolismo de um lugar como os Remédios, e pensando como pode ser vivido nos novos tempos.

(141 palavras)

Palavras - chave:

Peniche; Identidade; Território; Arquitetura; Muros

Abstract

This final master's project proposes several requalification solutions for the city of Peniche, while preserving its endogenous values through a careful appraisal of the territory.

Making use of a landscape study and observation based methodology, noticeable elements of the area were identified. Elements such as the surrounding ocean, the limestone rock formations and the walls made of it, revealed themselves strategical for the project execution, as well as part of it.

The project, which addresses the worship place of Remédios, focus on the interpretation of routes, requalification of public spaces, as well as the construction of facilities. For instance, an Interpretation Center, a Nautical and Underwater Archeology Center and a space with a restaurant and a bar. Supported by existing architectural solutions, these elements intend to emphasize Remédios' identity, without disregarding the symbolism it carries, and considering how it can be lived in modern times.

(145 words)

Key - words:

Peniche; Identity; Territory; Architecture; Walls

Agradecimentos

Aos meus pais, ao meu irmão e à minha irmã por, não só apoiarem carinhosamente todo o meu percurso, como pela determinação e vontade para que “tudo” fosse possível.

Aos meus amigos e restante família, especialmente aos que nesta etapa estiveram mais presentes.

Aos meus orientadores João Pernão e João Rafael, pelo ensino e pela motivação com que só assim se faz arquitetura.

Índice

Resumo - Palavras - Chave	V
Abstract - Key-Words	VII
Agradecimentos	IX
Índice	XI
Índice de imagens	XV
Prólogo	XXI

00. Introdução	01
-----------------------	-----------

01. A Sedução do Lugar	07
-------------------------------	-----------

1.1. O Início - Acerca da Ilha	09
1.2. Percursos - Génese e Ocupação	15
1.2.1 Os primeiros planos de intervenção urbana	15
1.2.2 Paulino Montez	17
1.2.3 Tempos Modernos	18
1.3. Santuário dos Remédios	23
1.4. Valores de Identidade	29
1.4.1 Herança Religiosa	30
1.4.2 Os Naufrágios	30
1.4.3 A Pesca	32
1.4.4 Agricultura	33
1.4.5 Renda de Bilros	35

02. O Território como Palimpsesto	37
--	-----------

2.1 O Limite	41
2.1.1 A Cidade e os seus limites	42
2.1.2 Espessura dos limites	43
2.2. O Mar e a Praça	45
2.2.1 Santuário de Nossa Senhora do Cabo	47
2.2.2 Escola Superior de Setúbal de Siza Vieira	48
2.2.3 Praça do Comércio	49
2.3. A Parcela	53
2.3.1 Persistências - Traços Morfogenéticos	54
2.3.2 Estrutura Parcelar e Carácter Identitário	57

03. Leitura do Território	61
3.1. O Lugar	63
3.2. Peniche, na atualidade	69
3.2.1 Análise do Território	69
3.2.2 Planear a Cidade	73
3.2.3 Os Remédios como Espaço Público	76
 04. Proposta	 81
4.1. Os Muros como arquitectura	83
4.1.1 Percursos	84
4.2. Programa	85
4.2.1 (Re) qualificação de “sítios” (espaço público)	86
4.2.2 Equipamentos	86
- Centro de Interpretação	
- Pólo de Arqueologia Náutica e Subaquática	
- Espaço de Restauração	
 05. Considerações Finais	 92
 06. Bibliografia	 95
 07. Anexos	 101
7.1 Processo de trabalho	105
7.1.1 Desenhos	107
7.1.2 Maquetes	114
 7.2 Peças de apresentação final	 117
7.1.1 Maquetes	119
7.1.2 Painéis	129

Índice de imagens

001. CAPA

Fonte: Autoria da autora

002. “Entrada de Peniche ao tempo das obras de demolição da antiga entrada, vêm-se os trabalhadores alguns a partir a pedra e a camioneta de transporte de materiais. Fotografia possivelmente de 1955-56.”

Fonte: [Consult. 05 de Maio de 2017] in, <http://pinturasempeniche.blogspot.pt/2010/04/>

01. A Sedução do Lugar

003. Peniche em 1622 (Desenhado pelo cosmógrafo português Pedro Teixeira Albernaz.)

Fonte: [Consult. 03 de Junho de 2017] in, <http://cidadeimaginaria.org/inv/Inv.htm>

004. “Provável aspeto do Litoral (...) 1147”

Fonte: Da autora baseada em (CALADO, 1994: 26)

005. “Carta Topografica do Istmo, e terreno arenoso em frente da Praça de Peniche, e que mostra as innundações que nele tem lugar... / Levantada pelo Tenente Coronel Brandão de Souza, e as suas Ordens o Capitão J. A. Mourão, ambos do R. C. de Engenheiros, e desenhada pelo mesmo Tenente Coronel; Anno 1830. - [Escala não determinada] 1830. - 1 mapa : ms., p&b ; 50,3 x 45 cm”

Fonte: In, <http://www.bnportugal.pt/>

006. Representação da Lagoa de Óbidos. Teixeira, João (1648) — Descrição dos Portos Marítimos do Reino de Portugal. Sétima carta (pormenor). Reproduzido de Cortesão e Mota (1987, est. 509 G).

Fonte: In, <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/trabalhosdearqueologia/28/6.pdf>

007. Representação da Barra de Pai Mogo e do esteiro da Lourinhã.

Teixeira, João (1648) — Descrição dos Portos Marítimos do Reino de Portugal. Sétima carta (pormenor). Reproduzido de Cortesão e Mota (1987, est. 509 G).

Fonte: In, <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/trabalhosdearqueologia/28/6.pdf>

008. “Representação da península de Peniche no século XVII. São observáveis o esteiro, reminiscência do braço de mar que insularizava Peniche, e os dois núcleos de povoamento correspondentes às actuais zonas urbanas conhecidas por Peniche de Cima (designado por Peniche Velho, à esquerda da imagem e junto ao fundo do esteiro), e Peniche de Baixo, junto ao porto no abrigo da baía, a Sul. Pormenor da Quarta Carta do Atlas de João Teixeira (1630). Biblioteca do Congresso. Washington. Reproduzido de Cortesão e Mota (1987, est. 471 B).”

Fonte: In, <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/trabalhosdearqueologia/28/6.pdf>

009. Planta da praça de Peniche, e de parte da Península, em que está situada : com o projecto das obras de fortificação, em Agosto de 1800.

Fonte: In, catálogo portugalliae civitates, perspectivas

cartográficas militares. Da autoria de Maria Helena Dias e instituto Geográfico do exército, 1ª edição, 2008. Pp: 52

010. Planta da Península de Peniche Séc. XVIII .

Fonte: In, (CALADO, 1984 : anexos)

011. Peniche de Cima

Fonte: in, (Peixoto, 2003: 77)

012. Peniche de Baixo

Fonte: in, (Peixoto, 2003: 77)

013. Área de intervenção no Séc. XIX de conexão de “Peniche de Cima” a “Peniche de Baixo” 1932-1959

Fonte: eniche / Serviços Cartográficos do Exército ; levantada pelo Instituto Geográfico e Cadastral ; des. cap.

V. Simões. - [Ed. 1]. - Escala 1:25 000. - [Lisboa] : S. C. E., [1938]. - 1 mapa topográfico : color. ; 40 x 64 cm. - (Carta Militar de Portugal 1:25 000. Continente, série M888 ; fl. 337).

014. Mapa Topográfico - Levantamento de 1936 e atualizada em 1942 . Crescimento de Peniche

Fonte: Peniche / Serviços Cartográficos do Exército ; levantada pelo Instituto Geográfico e Cadastral. - [Ed. 2]. - Escala 1:25 000. - [Lisboa] : S.C.E., 1942. - 1 mapa topográfico : color. ; 40 x 64 cm. - (Carta militar de Portugal 1:25 000. ; 337. Continente, série M888)

“Levantada em 1936, pelo I.G.C., Revista em 1937, pelos S.C.E. Atualizada em 1942”

Menção de edição atribuída com base em informação do organismo responsável

Impressão: Litografia Nacional. Reimpressão: 1942

Mapa topográfico / Peniche (Leiria, Portugal) / Leiria (Portugal) / Portugal

http://www.igeoe.pt/cartoteca/bibliopac/images/337_1942.jpg
http://www.exercito.pt/sites/BiblEx/PublishingImages/Biblioteca_Digital/igeoe.JPG

015. Peniche 1940

Fonte: In, (Peixoto, 2003: 77)

016. “A- Plano Geral de extensão, Regularização e Embelezamento da Vila, 1942”

Fonte: In, (MONTEZ, 1943)

017. Perspectiva da Avenida Paulo VI, eixo de simetria do Bairro Administrativo e Comercial projetado pelo Arquiteto Paulino Montez, 1970 (MMP, 2013)

Fonte: Imagem exposta no museu municipal do forte de Peniche

018. Fotografia da Avenida Paulo VI, 2014.

Fonte: GREGÓRIO, Sofia, Estudos de Urbanismo em Peniche: A obra do Arquiteto Paulino Montez (Projeto final de arquitetura), 2013-2014, p. 234)

019. levantamento topográfico de 1959 - 1993

Fonte: Peniche / Instituto Geográfico do Exército. - Ed. 4. - Escala 1:25 000 ; projecção transversa de Mercator ; WGS84. - Lisboa : I.G.E., 2004. - 1 mapa topográfico : color. ; 40 x 64 cm. - (Carta militar de Portugal 1:25 000. ; 337. Continente, série M888)

Levantamento, digitalização, processamento e desenho por

meios automáticos pelo Instituto Geográfico do Exército. Estereofotogrametria aérea, trabalhos de campo: 2001
ISBN 972-765-237-9
Mapa topográfico / Peniche (Leiria, Portugal) / Leiria (Portugal) / Portugal

020. Levantamento topográfico de 2004

Fonte: Peniche / Instituto Geográfico do Exército. - Ed. 4. - Escala 1:25 000 ; projecção transversa de Mercator ; WGS84. - Lisboa : I.G.E., 2004. - 1 mapa topográfico : color. ; 40 x 64 cm. - (Carta militar de Portugal 1:25 000. ; 337. Continente, série M888)
Levantamento, digitalização, processamento e desenho por meios automáticos pelo Instituto Geográfico do Exército. Estereofotogrametria aérea, trabalhos de campo: 2001
ISBN 972-765-237-9
Mapa topográfico / Peniche (Leiria, Portugal) / Leiria (Portugal) / Portugal

021. Planta da Cidade de peniche - Conexões e Edificado

Fonte: Autoria da Autora

022. Cruz dos Remédios

Fonte: Autoria da autora

023. Cruz dos Remédios

Fonte: Autoria da autora

024. Largo dos Remédios

Fonte: Autoria da autora

025. Capela dos Remédios (Torre sineira)

Fonte: Autoria da autora

026. Capela dos Remédios (Torre sineira)

Fonte: Autoria da autora

027. Procissão dos círios - 22 de outubro de 1951

Fonte: In, <http://cabo-carvoeiro-historico.blogspot.pt/2008/09/peniche-remdios-sirios-22-out-1951.html>

028. Procissão dos círios - 2014

Fonte: In, <http://terrademaresol.blogspot.pt/2016/10/cirios-n-s-dos-remedios.html>

029. Procissão dos círios - 2016

Fonte: In, <http://terrademaresol.blogspot.pt/2016/10/cirios-n-s-dos-remedios.html>

030. As berlengas que nos esperam ao longe.

Fonte: da autoria da autora

031. Rampa do lado esquerdo de quem olha para a Capela - descemos ao Revelim dos Remédios.

Fonte: Fotografia cedida pela camara municipal de Peniche

032. O Largo dos Remédios - 1912

Fonte: In, (Peixoto, 2003: 76)

033. Santuário dos Remédios

Fonte: In, (Peixoto, 2003: 85)

034. Estrada dos Remédios. - Antes de chegar ao largo

Fonte: Autoria da Autora

035. O Largo dos Remédios - 2017

Fonte: Autoria da Autora

036. A venda do peixe. Anos 60

Fonte: Autor desconhecido. In, (PEIXOTO, 2002: 61)

037. Pedra conhecida pela Nau dos Corvos no Cabo Carvoeiro

Fonte: (PEIXOTO, 2003: 38)

038. “Vendedora de lagosta”

Fonte: (CALADO, 1984: 370)

039. “Acabado de Pescar”.

Fonte: In, <https://desenvolturadesacatos.blogspot.pt/2012/03/fotogaleria-de-fotos-antigas-berlengas.html>

040. Cruzeiro dos Remédios

Fonte: Naufrágio do navio de Guerra S. Pedro de Alcântara, sobre a Costa de Peniche... Da autoria de Vicente Mariani, 1786 - 1799

041. Naufrágio do navio de Guerra S. Pedro de Alcântara, sobre a Costa de Peniche... Da autoria de Vicente Mariani, 1786 - 1799

Fonte: Da autoria de Vicente Mariani, 1786 - 1799. Gravura: água-forte. Biblioteca Nacional de Portugal

042. Almocreve de peniche

Fonte: In, <http://cabo-carvoeiro-historico.blogspot.pt/>

043. Ribeira Velha nos anos 30

Fonte: http://www.cm-peniche.pt/Patrimonio_Peniche_Etnografia_Pesca

044. Fábrica de Conserva - Anos 20 - Séc. XX

Fonte: In, http://www.cm-peniche.pt/Patrimonio_Peniche_Etnografia_Pesca

045. Muros de Pedra Solta calcária (estrada dos Remédios)

Fonte: Autoria da Autora

046. Ribeira velha anos 60

Fonte: Fotos:<http://arturpastor.tumblr.com/archive>

047. Ribeira velha - Nos dias de hoje

Fonte: Fotografia de João leitão in, <http://olharsobrepeniche.blogspot.pt/2014/02/ribeira-velha-de-peniche.html>

048. Fabricantes de rendas

Fonte: Autoria de Vicente Mariani, 1786 - 1799. Gravura: água-forte. Biblioteca Nacional de Portugal

02. O Território como Palimpsesto

049. Don't Cross the Bridge Before You Get to the River

Fonte: Fotografia de francys Alys, apartir de um video da autoria de Francys Alis

050. No “Miradouro da Laranja” na área dos Remédios em peniche

Fonte: Autoria da Autora

051. Esquema referente aos “limites”, por Kevin Lynch

Fonte: In, LYNCH, Kevin, Maria Cristina Tavares. A imagem da cidade. Arte & comunicação 15, Lisboa: Edições 70, 1999, p. 28

052. Esquema elaborado pela interpretação do texto e figuras apresentadas por Kevin Lynch

Fonte: In, LYNCH, Kevin, Maria Cristina Tavares. A imagem da cidade. Arte & comunicação 15, Lisboa: Edições 70, 1999, p. 30

053. Esquema explicativo da adaptação do tecido urbano à instabilidade temporal e da mutação dos seus componentes.

Fonte: (NETTO, 2013) com alterações da autora

054. As regiões morfológicas da cidade histórica de Ludlow. Baseado em (CONZEN, 1988: 258)

Fonte: Conzen, M. R. G., ‘Morphogenesis, morphological regions and secular human agency in the historic townscape, as exemplified by Ludlow’, in the historic townscape, as exemplified by Ludlow’, em Denecke Denecke, D. and , D. and Shaw, G. (Shaw, G. (eds) Urban historical geography Urban historical geography (Cambridge (Cambridge University University Press, Cambridge), 255 , Cambridge), 1988, 255-61.

055. Fonte: autoria da autora

056. Terreiro do Santuário do Cabo Espichel

Fonte: In, <https://www.guiadacidade.pt/pt/poi-santuuario-de-nossa-senhora-do-cabo-cabo-espichel-14107>

057. Imagem aérea da localização do cabo espichel; Fotografia aérea do Cabo Espichel

Fonte: In, <http://www.bing.maps.com>

058. Imagem aérea da localização do cabo espichel; Fotografia aérea do Cabo Espichel

Fonte: In, <http://portugalfotografiaaerea.blogspot.pt/2010/04/cabo-espichel.html>

059. Ermida da Memória

Fonte: Autoria da Autora

060. Casa da água

Fonte: Autoria da Autora

061. Corte pelas hospedarias mostrando a fachada principal da igreja.

Fonte: AMARAL, 1964:

062. Composição dos espaços no santuário da Nossa Senhora do Cabo

Fonte: AMARAL, 1964:

063. Paisagem

Fonte: Autoria da Autora

064. Escola Superior de Setúbal de Siza Vieira

Fonte: In, <http://www.mun-setubal.pt/pt/pagina/instituto-politecnico-de-setubal/237>

065. Praça do Comércio

Fonte: in, <http://www.360meridianos.com/2015/06/praca-do-comercio-lisboa.html>

066. Praça do Comércio nos anos 80

Fonte: In, <http://www.360meridianos.com/2015/06/praca-do-comercio-lisboa.html>

067. Imagem aérea de parte do concelho de Peniche onde se localiza a Barragem de São Domingos

Fonte: In, <http://www.bing.maps.com>

068. Registo topográfico da localização de Irancy

Fonte: In, <http://www.irancy2016.fr/blog/page/2/>

069. Registo topográfico de Irancy

Fonte: In, (PINON, 1972)

070. Imagem aérea do vale de Irancy - Vinhas e aldeia

Fonte: In, <https://www.irancy.org/vins-rouge-bourgogne.php>

071. Mapa de Johannes Janssonius onde observamos o golfo do Zuiderzee ; publicado em Amsterdão em 1658

Fonte: In, http://www.wikiwand.com/nl/Republiek_der_Zeven_Verenigde_Nederlanden

072. Morfologia do construído + olivas + vinhedos; morfologia do construído + Muros

Fonte: (2004 VIGANO)

03. Leitura do território

073. Cruz dos Remédios

Fonte: Autoria da autora

074. Fotografia aérea do concelho de peniche

Fonte: Imagem cedida pela CMP, departamento de urbanismo

075. Concelho de Peniche.

Fonte: Autoria da autora

076. Fotografia aérea de parte da península de peniche onde se concentra o centro histórico

Fonte: Imagem cedida pela CMP, departamento de urbanismo

077. Entrada da cidade pela Avenida Monsenhor Bastos.

Fonte: Autoria da autora

078. Avenida Monsenhor Bastos

Fonte: Autoria da autora

079. “Abertura da muralha”

Fonte: Autoria da autora

080. Praia da Gamboa

Fonte: Autoria da autora

081. “Dunas brancas e ondulantes...”

Fonte: Autoria da autora

082. Fosso da Muralha

Fonte: Imagem cedida pela CMP, departamento de urbanismo

083. Forte de Peniche / Fortaleza

Fonte: Autoria da autora

084. Percurso da Estrada Marginal - Remédios

Fonte: Autoria da autora

085. Continuação do percurso pela Estrada Marginal - Revelim dos Remédios

Fonte: Autoria da autora

086. Rua da muralha, a caminho da Papoa

Fonte: Autoria da autora

087. Percurso da Estrada Marginal, em direção ao Cabo Carvoeiro

Fonte: Autoria da autora

088. Continuação do Percurso da Estrada Marginal, sobre as rochas, com vista ao Farol do Cabo Carvoeiro.

Fonte: Autoria da autora

089. Fotografia aérea de Peniche

Fonte: Imagem cedida pela CMP, departamento de urbanismo

090. Topografia

Fonte: Autoria da autora

091. Vias sobre topografia

Fonte: Autoria da autora

092. Relação de traçado urbano com o edificado

Fonte: Autoria da autora

093. Interpretação do PDM original

Fonte: Autoria da autora sob consulta do PDM original

094. Tipos de solo

Fonte: Autoria da autora sob consulta de <http://mapas.dgterritorio.pt/viewer/index.html>

095. Visível junto à praia, a Avenida MonSenhor Bastos, via de entrada na cidade de Peniche

Fonte: Fotografia aérea cedida pela CMP

096. Fotografia aérea de um supermercado na entrada da cidade.

Fonte: Fotografia aérea cedida pela CMP com alterações da autora

097. Fotografia aérea de uma área da cidade Peniche, onde se destaca:

Fonte: Fotografia aérea cedida pela CMP

098. Fotografia aérea de parte da Zona industrial e de armazéns

Fonte: Fotografia aérea cedida pela CMP

099. Bairro do Visconde

Fonte: Fotografia de Manuel Chagas, fonte desconhecida.

100. Imagem das casas de madeira dos pescadores

Fonte: <http://cabo-carvoeiro-historico.blogspot.pt/2008/05/>

101. Áreas pertinentes de intervenção e alvo de coesão do tecido urbano

Fonte: Autoria da Autora

102. Estrada dos Remédios - Antes de chegar ao largo

Fonte: Áreas pertinentes de intervenção e alvo de coesão do tecido urbano

103. Planta de Localização dos Remédios

Fonte: Ortofotomapa retirada do Google Maps com alterações da autora

104. Escola Superior de Tecnologia do Mar de Peniche do Instituto Politécnico de Leiria (Vista do Largo dos Remédios)

Fonte: Autoria da autora

105. Escola Superior de Tecnologia do Mar de Peniche do Instituto Politécnico de Leiria (Vista da Marginal)

Fonte: Autoria da autora

106. Lateral do Largo dos Remédios - Estrada dos Remédios (transformado em estacionamento)

Fonte: Autoria da autora

107. Largo dos Remédios (transformado em estacionamento)

Fonte: Autoria da autora

109. Cheios e Vazios - Remédios - Escala 1:2000

Fonte: Autoria da autora

110. Alçado Norte- Largo dos Remédios - Escala 1:2000

Fonte: Autoria da autora

111. Alçado Sul Largo dos Remédios - Escala 1:2000

Fonte: Autoria da autora

04. A Proposta

111. Muro como “textura”

Fonte: Autoria da autora

112. Os muros como planeamento da arquitectura

Fonte: Autoria da autora

113. Parque de Valdefierro em Zaragoza dos arquitetos Héctor Fernández Elorza e Manuel Fernández Ramírez

Fonte: *In*, <https://skyofthousand.wordpress.com/2012/07/22/valdefierro-park-by-hector-fernandez-elorza-and-manuel-fernandez-ramirez/>

114. Rota Turística Nacional Trollstigen dos arquitetos Reiulf Ramstad, em Romsdalen, Rauma, Norway

Fonte: Fotografias de Reiulf Ramstad Architects, *In* <http://www.archdaily.com>

115. Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa dos arquitetos Camilo Rebelo e Tiago Pimentel

Fonte: “Implantação” de Camilo Rebelo e Tiago Pimentel *In*, <http://www.archdaily.com>

116. Centro Interpretativo da Paisagem da Vinha de SAMI-arquitectos

Fonte: Fotografia de Fernando Guerra *In*, <http://www.archdaily.com>

117. Centro de Interpretação Ambiental na Ilha de São Jorge da arquiteta Ana Laura Vasconcelos.

Fonte: Fotografia de Fernando Guerra *In*, <http://www.archdaily.com>

118. **Miradouro do Pico dos Bodes, ilha de s. Miguel nos açores do arquiteto Luís Filipe Barata Almeida e Sousa.**

Fonte: *In*, <http://www.panoramio.com/photo/55174410>

119. **Museu do Vinho no Pico, Açores do arquitecto Paulo Gouveia.**

Fonte: *In*, http://guiasdearquitectura.com/pt/produtos/packs/azores-archipelago/_397

120. **As Piscinas de Marés de Leça da Palmeira, em Matosinhos do arquiteto Álvaro Siza Vieira.**

Fonte: Fotografia de Fernando Guerra *In*, <http://www.archdaily.com>

121. **Museu Hedmark do arquiteto Sverre Fehn**

Fonte: *In*, <http://architecturenorway.no/stories/photo-stories/binet-hamar-09/>

122. **Casa em Anavyssos, na Grécia, do arquiteto Aris Konstantinidis.**

Fonte: *In*, https://en.wikiarquitectura.com/Casa_en_Anavyssos_13

*Ontem, como hoje, amanhã, uma
Esperança*
Mariano Calado

Prólogo

Sobre as forças do mar nasce Peniche. Hoje cidade obstinada às terras do Oeste de Portugal por um istmo, foi em tempos uma ilha.

Sobre um alto valor cénico e geomorfológico da memória da história do lugar desenvolve-se o território, cultura e tradições desta cidade, desde a Pesca à agricultura, à renda de bilros e à indústria conserveira.

Os Remédios (lugar de culto e de “arraial”) que, carrega um sentido místico e espiritual, reflete não só o povo crente e pescador, pagão e festivo, como o valor cénico e geomorfológico, anteriormente referido, penetrado pelas águas animadas do atlântico.

O seu povo, de afetuosa ligação ao mar e à terra, viu ao longo do tempo a descaracterização dessa identidade em louvor de interesses maiores, de uma evolução urbana desmedida e desrespeitosa do lugar.

É por este reconhecimento do território como palimpsesto, que propomos, numa atitude humilde e respeitadora da natureza autóctone, da paisagem rochosa e dos elementos da terra e para a terra, um programa capaz de valorizar não só o existente, como a mostrar a “nova arquitetura” sem arrogância, pelo auxílio dos expressivos muros de pedra calcária.

00. Introdução

“(…) Peniche é horrível Por toda a parte por onde têm passado os homens dos municípios por toda a parte transformaram as terras cheias de carácter em terras incaracterísticas com edificações banais, avenidas novas e chalés de zinco nos jardins. Degradaram tudo. Peniche que foi uma fortificação e um ninho de piratas isolado e feroz, à espreita do naufrágio e da presa, cheira que tomba, e conserva duas coisas interessantes : o cabo (hão-de deitá-lo. abaixo) com a Senhora dos Remédios e a esplanada, que é um esplêndido cenário para o último acto da Tosca e um ponto de vista admirável para o sul- traço indistinto a roxo, com um ou outro casal, uma ou outra aldeia dispersa e sem nome.” (BRANDÃO, Raul, 1923: 196 - 197).

“Morfologicamente, a península de Peniche é uma antiga ilha, unida ao continente por um istmo ⁽¹⁾ de areia baixo e estreito” (CALADO, 1984: 44) e reconhece-se como cidade desde 1988. O mar representa não só a génese do território, como conta toda a restante história de Peniche. Desde a sua ocupação, percursos e itinerâncias até, ao desenvolvimento urbano de cidade, o mar, omnipresente, preenche as mais belas imagens da paisagem, sustenta a alma de um povo pescador e crente, e desde tempos bem mais recentes, nunca desilude quem procura a “melhor onda”.

Foi assim que conheci Peniche, como “capital da onda”. Hoje, conheço-a pela sua gente, história, cultura e tradições, na dececionada certeza que os seus maiores atributos se encontram dissimulados, quando deveriam ser estes, com certeza, os elementos de desenvolvimento do território e promoção da diferenciação.

Os Remédios, com início ao que se pensa, no séc. XVI é um espaço que não só nos transporta a outra dimensão, como pelo seu sabor popular, nos conduz com simplicidade à Cruz dos Remédios, presente sobre a culminante imagem panorâmica das rígidas paisagens dos aflorados rochedos de calcário percorridos por terras argilosas de pigmento férreo. Toda

a composição informal e sem rigidez geométrica desconstrói-se, desde o caminho dos Remédios, ao largo, até ao miradouro, onde qualquer simetria, neste último, se abandona por completo. Neste largo de “arraial” decorrem festas significativas, quer de carácter religioso, quer de divertimento popular, cujo elemento mais significativo é a capela com torre sineira, de humilde presença, todavia de grande significado, especialmente para quem desceu as suas escadas à procura de proteção aos seus, das forças do mar.

Neste Projeto final de Mestrado tratar-se-á de integrar e potenciar os já existentes recursos de Peniche, atendendo e revitalizando a identidade do lugar.

Assumindo o território como palimpsesto ⁽²⁾, a proposta para projeto de tese final de mestrado passa por reconhecimento de uma matriz presente na memória, na paisagem e no lugar, capaz de redesenhar um território através da arquitetura. Esse reconhecimento é feito por elementos notórios em praticamente toda a expansão da península, os muros de pedra de calcário solta – elementos de proteção das vinhas aos ventos- que pela força que assumem na paisagem, materialidade e direções, citar-se-ão como limites, desde o redesenho da cidade, ao conteúdo programático através da arquitetura.

A proposta de programa pretende, no seu conjunto, potenciar as vivências socioculturais de quem habita e visita a cidade pela implantação de um centro de interpretação, um polo de investigação náutica e subaquática e de um espaço de restauração. O Centro de Interpretação será um espaço de exposição dos factos e fenómenos cronológicos e dos valores da terra de Peniche onde trazemos para o seu seio as videiras; A presença do Polo de Investigação Náutica e Subaquática, cujo elemento de excecionalidade transporta o mar até à experiência do homem através do mergulho, justifica-se pela quantidade de naufrágios existentes ao redor da península, sendo que neste será possível não só o estudo e investigação dos artefactos, como a permanência temporária em dormitórios; por último, e assumido como espaço de lazer e contemplação da paisagem, propomos um espaço de restauração, seguidor da linguagem dos restantes edifícios, salvo algumas exceções fundamentadas pela sua localização aproximada ao mar, em contacto com os afloramentos rochosos e de maior solitude relativamente ao edificado existente.

A proposta pretende, acima de tudo, ser cúmplice da natureza e paisagem, garantido a continuidade desta harmonia, em que a “nova arquitetura”

constrói-se de pensamentos estéticos contemporâneos, sustentados por referências de projetos existentes, cuja localização, programa, forma, materialidade ou técnicas construtivas, se adequam ao programa projetado para os Remédios, mencionados no capítulo de projeto deste documento.

Numa primeira fase, apresentamos suporte teórico de conceitos e referências condutoras para a leitura e reconhecimento do território. Como veremos, este desempenha um papel crucial na obtenção de estratégias de intervenção no mesmo, a partir de indicadores morfológicos.

De seguida, damos a conhecer a “sedução do lugar”, de acordo com os seus valores identitários e históricos presentes, não só na imagem da paisagem da “ilha”, como nas gentes de personalidade própria. É a partir de análises urbanas e históricas, pela recolha de cartografia e iconografia da área em estudo, que se determinará a zona dos Remédios, espaço de excelência histórica e vivências culturais de valor espiritual e religioso, como potencial área em expansão e carente de coesão e colmatação entre cheios e vazios.

O documento desenvolver-se-á então segundo dois eixos fundamentais:

1. Abordagem ao nível do projeto urbano baseado na leitura histórica/morfológica / percetiva, através de uma matriz modular e de parcelamento.
2. Programa de projeto arquitetónico, na área dos Remédios através do centro de interpretação, Pólo de arqueologia náutica e subaquática e espaço de restauração.

⁽¹⁾ **Istmo**- Na área da geografia, “faixa estreita de terra que liga uma península ao continente” *in*, <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/istmo>

⁽²⁾ **Palimpsesto**- “Papiro ou pergaminho que contém vestígios de um texto manuscrito anterior, que foi raspado ou apagado para permitir a reutilização do material e a posterior sobreposição de um novo escrito” *in*, <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/palimpsesto>





002.

01. A Sedução do Lugar

Um povo que ignora a sua história e os elementos de toda a ordem que o constituem, não pode ter ideal. E um povo sem ideal é como se estivesse morto.

Leite de Vasconcelos



003. Peniche em 1622 (Desenhado pelo cosmógrafo português Pedro Teixeira Albernaz)

1.1. O Início - Acerca da Ilha

“É geralmente aceite que a crosta terrestre tenha sido formada há cerca de 2 biliões de anos”

(CALADO, 1984:41)

“A área correspondente ao concelho foi habitada pelas civilizações primevas quando a humanidade, despertando, soltou os primeiros vagidos”.

Hernani de Barros Bernado⁽³⁾

⁽³⁾ In, (CALADO, 1984:40)

“Peniche” deriva da palavra latina “paena” + “insula” que significa “quase ilha”, “Morfologicamente, a península de Peniche é uma antiga ilha, unida ao continente por um istmo de areia baixo e estreito. A sua periferia traçada em recortes desenhados caprichosamente, apresenta, na maioria, escarpas elevadas, talhadas verticalmente, onde as camadas se apresentam em bons afloramentos” (CALADO, 1984: 44), desenhados até ao mar ou cerrados no encontro com a fortaleza.

“De cada vez que o mar se retirava (...) surgiam planícies costeiras, limitadas por zonas de materiais grosseiros, assinalando na antiga linha de contacto entre o mar e a terra e formando assim o que se designa por praias levantadas”
(CALADO, 1984: 46)

As camadas rochosas permitem-nos saber que a península de Peniche

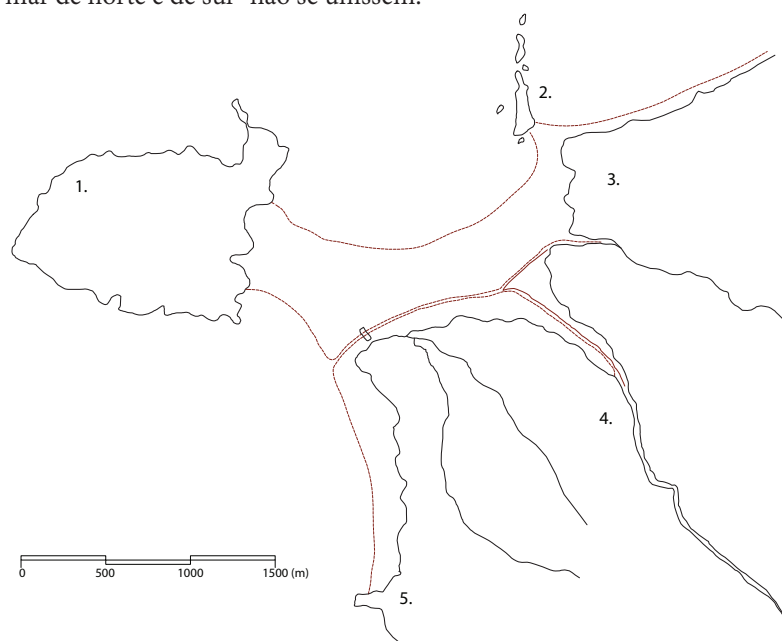
⁽⁴⁾ Intervalo entre as duas ultimas glaciações

existe há 150 milhões de anos, contudo, a arqueologia encontrada nas praias levantadas do farol e dos Remédios indicam-nos a presença do homem na península durante o tirreniano⁽⁴⁾ (há cerca de 200 mil anos). Nessa altura Peniche seria uma pequena ilha cercada pelo mar, trinta metros mais acima que o atual nível. Após uma série de descidas e subidas das águas, em que a pequena ilha continuava a espreitar o atlântico, finalmente se consolidou o istmo. Como ilha, Peniche chegou até ao século XIV pois, por ação do vento e efeitos de sedimentação, consolidou-se a ligação física entre a península e o restante território, o que não significa que, pela força de um oceano revoltoso e explosivo, de tempos a tempos, “o mar de norte e de sul” não se unissem.

004. “Provável aspeto do Litoral (...) 1147”

— Limites Antigos
— Limites Atuais

1. Peniche
2. Baleal
3. Ferrel
4. Autoguia
5. Consolação



⁽⁵⁾ A gruta da furninha foi ocupada por caçadores – recolectores, que encheram este abrigo de um espólio arqueológico vasto, da sua ocupação durante o paleolítico, assim como durante o Neolítico e a idade do cobre como necrópole.

Foi a cerca de 100 mil anos que o istmo se consolidou e permitiu ao homem a habitabilidade no atual território de Peniche, no entanto, a presença do homem na península acerta-se pela arqueologia encontrada na zona do farol e dos Remédios, de tempos em que os homens do paleolítico dedicavam o seu tempo à caça, à agricultura e naturalmente à pesca, já que o mar lhes oferecia maior “rendimento” e a gruta da Furninha⁽⁵⁾ um ninho de “histórias maravilhosas de lindas mours eternamente encantadas” (CALADO, 1984: 4)

⁽⁶⁾ In, <http://www.cm-peniche.pt/Custom-Pages/ShowPage.aspx?pageid=3e524d-c8-7a9d-42c4-881a-f0484477eb95&q=%C3%89POCA%20ROMANA>

“Durante a época romana assiste-se à consolidação de uma economia assente no cultivo das férteis terras aluviais contíguas ao Rio de S. Domingos e à Ribeira de Ferrel, e na exploração de recursos estuarinos e marinhos.” (CMP)⁽⁶⁾ - A presença romana está também presente no arquipélago das Berlengas, facto provado pelos diversos vestígios deixados pelas embarcações dos romanos.

Numa tentativa de conquista de Lisboa aos Mouros, os cruzados que se

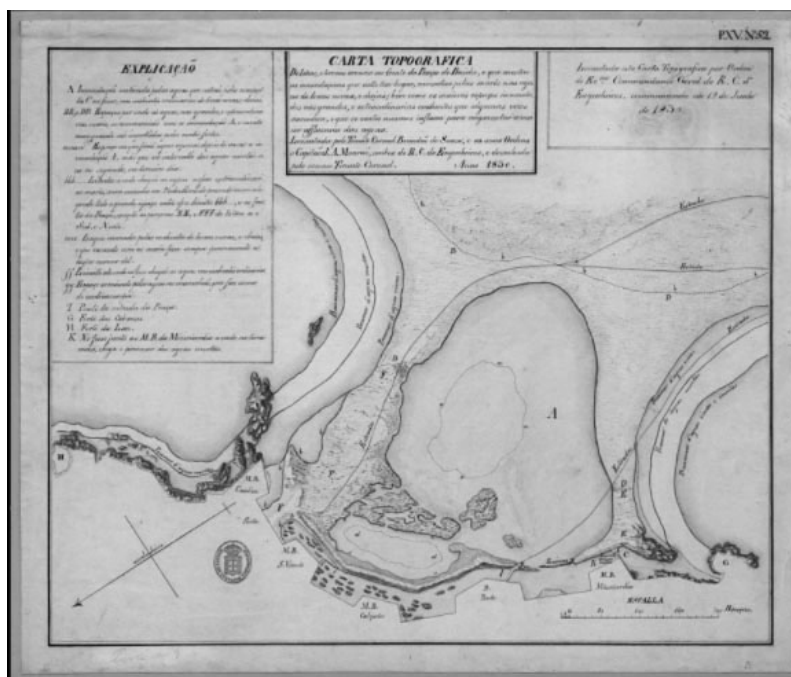
deslocavam com o objetivo de auxiliar D. Afonso Henriques atracaram, numa noite de 1147, em “Peniche”. Desde aí, e da nomeação desta na passagem de uma crónica escrita pelo cruzado inglês Osberno, conhecemo-la por este nome, “Peniche”.

“No dia seguinte aportámos com felicidade à ilha de Peniche, distante do continente cerca de oitocentos⁽⁵⁾ passos; (...) para além dela já não há mais terra; Por isso se diz o extremo do mundo conhecido. Junto dela há ainda duas ilhas, a que vulgo chama berlenga, corrupção de Baleares (...)” (Alexandre herculano, *portugaliae onumenta Historica – Scriptores*, Vol.I pág. 395 (in, CALADO, 1984)⁽⁷⁾

⁽⁷⁾ Deste documento aferimos que Peniche, em 1147 seria ainda uma ilha que, paralelamente a estudos geológicos da região “mostra que a distância seria muito maior” que oitocentos passos.

No século XV, por responsabilidade do mar que sempre ocupa um lugar de destaque na história de Peniche, este território passa por uma nova transformação geográfica abrangente à morfologia e geografia, dos diversos assoreamentos, da Península até à zona norte da Lagoa de Óbidos, São Martinho e Salir do Porto. Estas alterações justificaram decisivas distribuições demográficas pelo assoreamento do canal que ligava a Península ao continente⁽⁸⁾.

⁽⁸⁾ Por esta altura, D. João I ordenou alargar o estuário, visto que a areia o começou a assorear. Seu filho D. Duarte continuou o “projeto”.



005. “Carta Topografica do Istmo, e terreno arenoso em frente da Praça de Peniche, e que mostra as inundações que nele tem lugar... / Levantada pelo Tenente Coronel Brandão de Souza, e as suas Ordens o Capitão J. A. Mourão, ambos do R. C. de Engenheiros, e deenhada pelo mesmo Tenente Coronel; Anno 1830. - [Escala não determinada] 1830. - 1mapa : ms., p&b ; 50,3 x45 cm” (In, <http://www.bnportugal.pt/>)

Pela existência de um porto na Atouguia da baleia, este, na idade média, seria a maior potência das redondezas e sede administrava da ilha de Peniche. Aliás, foi durante o reinado de D. Dinis que o seu desenvolvimento económico se prenunciou, a ponto de se tornar independente da povoação de Óbidos, sua vizinha, por encargo da rentável atividade piscatória, comespecialidade na caça da baleia (Cácio que dá nome à ilha).

006. Representação da Lagoa de Óbidos. Teixeira, João (1648) — Descrição dos Portos Marítimos do Reino de Portugal. Sétima carta (pormenor). Reproduzido de Cortesão e Mota (1987, est. 509 G).



006.

007. Representação da Barra de Pai Mogo e do esteiro da Lourinhã. Teixeira, João (1648) — Descrição dos Portos Marítimos do Reino de Portugal. Sétima carta (pormenor). Reproduzido de Cortesão e Mota (1987, est. 509 G).



007.

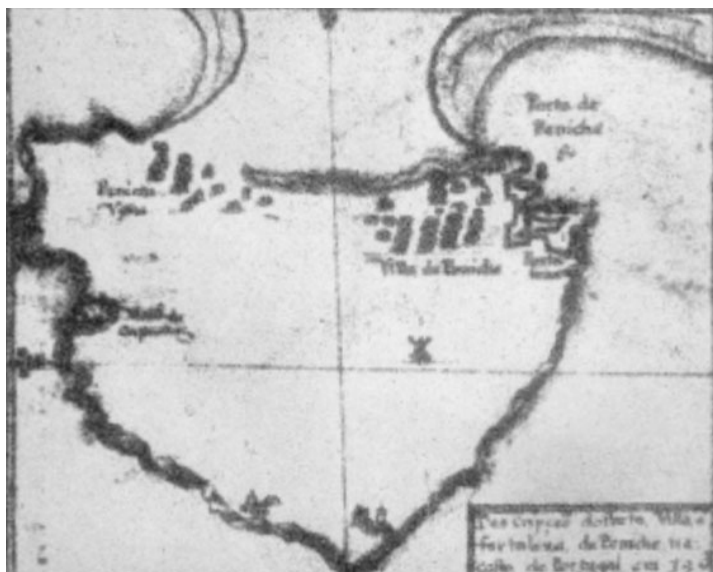
- Necessidade de Defesa

Séc. XVI... “pelo aumento de cabedais e de mão-de-obra -, se dá início à grande transformação económica e urbanística que haveria de pôr em breve, nas mãos de Peniche (...) Mau grado a exiguidade do terreno e as condições agrológicas e climatéricas adversas (...) muito embora continuasse a pesca a ser o fulcro da maior atividade; começam a surgir os templos e os edifícios de certa imponência e a constituir-se (...) ; e é igualmente desta altura (...) o início da construção do sistema defensivo (...)” (CALADO, 1984 (1962): 103)

Foi precisamente junto às muralhas que a população do “lugar de Peniche” se foi densificando e estendendo, apesar de mais tarde se ter estirado em direção ao cabo carvoeiro na exploração de solos férteis à agricultura.

“A povoação da antiga ilha de Peniche, começa por se fixar no extremo norte da orla da ilha voltada ao continente” (MONTEZ, 1943: 82) e, mais tarde, para a zona sul. “Ao primeiro destes dois aglomerados, se deu por isso a designação de Peniche-Velha, ao segundo, a de Ribeira, designações essas mais tarde substituídas, respetivamente, por Peniche-de-Cima, e Peniche-de-Baixo” (MONTEZ, 1943: 82).

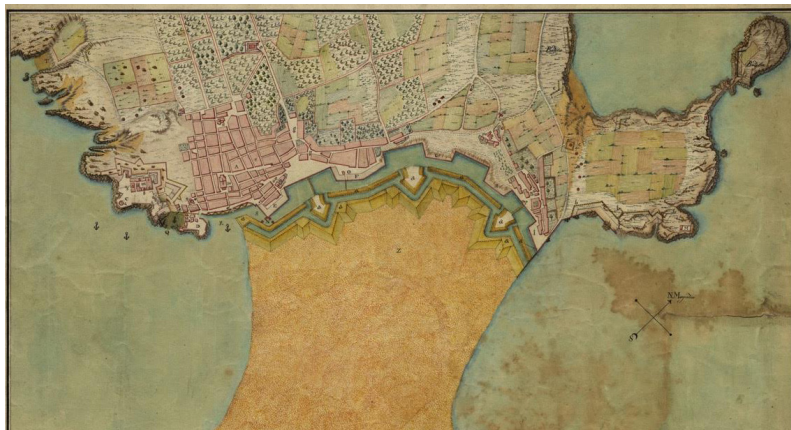
Os fenícios “desejosos de alargar o seu poder político, militar e comercial, haviam contornado igualmente o ocidente ibérico e não teriam eles, também, provavelmente, passado de largo sem aportar a Peniche, ou penetrado na foz do rio que lhe ficava defronte...” (CALADO, 1984:60). Não tivessem estes se instalado em aldeias de pescadores, há quase 5 mil anos, ao norte de uma estreita faixa no litoral do mediterrâneo; pioneiros nas trocas comerciais que se faziam por responsabilidade do oceano e um dos responsáveis pelo desenvolvimento do território litoral português.



008. “Representação da península de Peniche no século XVII. São observáveis o esteiro, reminiscência do braço de mar que insularizava Peniche, e os dois núcleos de povoamento correspondentes às actuais zonas urbanas conhecidas por Peniche de Cima (designado por Peniche Velho, à esquerda da imagem e junto ao fundo do esteiro), e Peniche de Baixo, junto ao porto no abrigo da baía, a Sul. Pormenor da Quarta Carta do Atlas de João Teixeira (1630). Biblioteca do Congresso. Washington. Reproduzido de Cortesão e Mota (1987, est. 471 B).”

“Para ocidente de Atouguia em crescente aproximação ao continente, as ilhas de Peniche, Baleal ou mesmo as Berlengas, deveriam parecer aos olhos de todos como locais desabrigados e desprotegidos, ideais para a pesca e a caça à baleia, mas pouco próprios para actividades que exigiam vigilância permanente – como era o caso das transacções comerciais. [...] Sabemos que quer em Peniche, quer no Baleal, habitavam alguns pescadores e talvez um número significativo de baleeiros que, dependendo do rei, também era dele que recebiam as graças e os privilégios que os convenciam a morar em local tão inóspito”. (SILVA, 1994: 48)

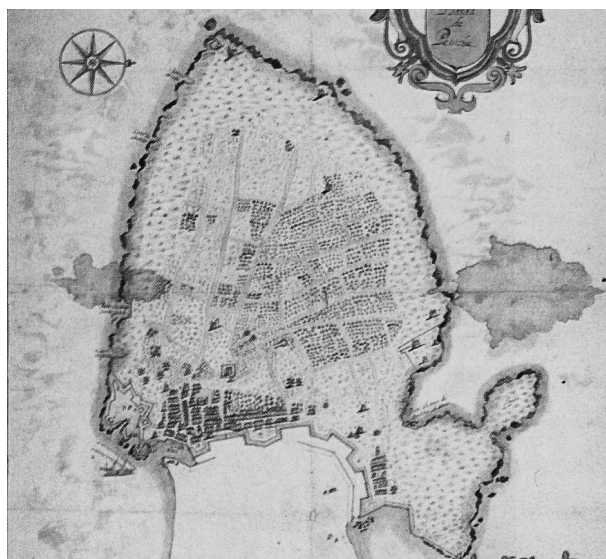
A povoação da Península de Peniche foi crescendo devido às condições que a terra oferecia a quem nesta queria viver e sobreviver, pelos solos férteis donde se providenciavam cereais e vinhas, por responsabilidade dos cursos de água, como o Rio de S. Domingos ou a Ribeira de Ferrel e a “de sempre e para sempre” mais valia da pesca. Todavia, também o sistema defensivo, iniciado por D. Luís de Ataíde ⁽⁹⁾, contribuiu para esta densificação populacional pela sensação que oferecia de segurança aos ataques piratas dos muçulmanos do norte de África, mais tarde ainda reforçada pelos monarcas filipinos e, principalmente, por D. João IV que ordenou a construção da fortificação da península através de um imponente sistema defensivo, como proteção ao desembarque de invasores.



009. Planta da praça de Peniche, e de parte da Península, em que está situada: com o projecto das obras de fortificação, em Agosto de 1800.

⁽¹⁰⁾ In, *Portugalliae civitates* - perspectivas cartográficas militares, Instituto geográfico do exército, Lisboa, 2008

Devido à importância que constituía nas navegações do Atlântico, Peniche chegou a ser comparada a Gibraltar, até pelas dificuldades que os navegadores encontravam em atravessar a “ilha”, apesar desta se constituir por uma “massa de rochedos permanentes” e aquela fechar o acesso de um “istmo de volúveis areias” (AZEDO, 1814) ⁽¹⁰⁾.



010. Planta da Península de Peniche Séc. XVIII.

1.2. Percursos - Génese e Ocupação

011; 012. Peniche de cima e de Baixo - Inícios do séc. XX (PEIXOTO, 2003: 77)



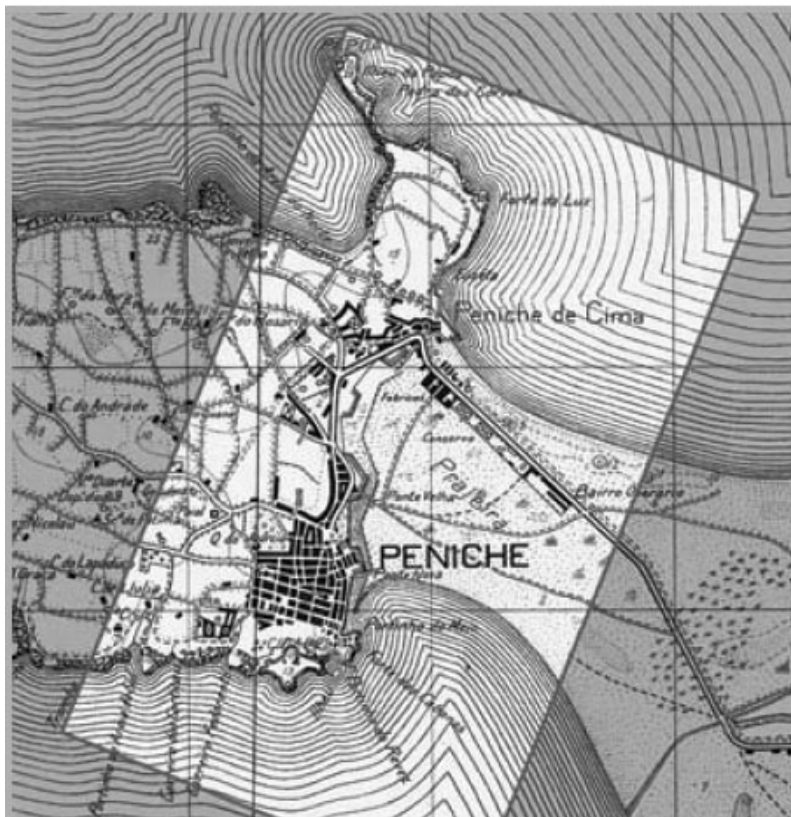
1.2.1. Os primeiros planos de intervenção urbana

Em termos de crescimento, este território é e sempre foi limitado pelos seus limites naturais, já que “morre” no contacto com o mar de “ponta a ponta”. O seu crescimento, por isso, desenvolveu-se de forma radial desde o seu “centro” (mais densificado que o resto da península). A evolução da ocupação do solo está registada desde 1932 através de cartas que se sobrepõem e que divergem em certos pontos de referência.

Não só os limites físicos condicionaram a expansão da ocupação assim como “o imponente pano de muralha, integrando inclusivamente na área urbanizável, algumas reentrâncias de mar e pequenas lagoas a este” (CMP, 2009: 40) o que, no séc. XIX justificou planos de “intervenções urbanísticas significantes, de que há a salientar, além das medidas de regularização e

salubridade do espaço público, a criação de estruturas viárias, destinadas a promover a articulação entre Peniche de Baixo e Peniche de Cima, e de um Jardim Público, o Passeio. (CMP, 2009: 40)

013. Área de intervenção no Séc. XIX de conexão de “Peniche de Cima” a “Peniche de Baixo” 1932-1959



A partir de 1940, “normas de salubridade pública são criadas. Paralelamente, são planeadas as primeiras intervenções no campo da habitação social. Algumas fábricas procedem à construção de bairros para

014. Mapa Topográfico - Levantamento de 1936 e atualizada em 1942 . crescimento de Peniche

Podemos verificar no mapa topográfico a clareza com que se apresenta a via de ligação aos Remédios (estrada dos remédios), marcação física de um crescimento tendencial da cidade por este caminho sobreposto a uma linha de água que é igualmente símbolo de um caminho peregrino.



os seus operários permanentes” (CMP, 2009: 41).



015. Peniche 1940

1.2.2 Paulino Montez

“A beleza duma cidade não resulta da reunião casual de edifícios, monumentos e jardins ou da ligação fria e caprichosa de bairros múltiplos, mas do espírito global, do acordo ou harmonia do traçado e da expressão com as características da urbe, com as necessidades e aspirações mais comuns dos habitantes.” (MONTEZ, 1935: 57)

O primeiro plano de urbanização executado na vila de Peniche, de 1953, pertence ao mais mediático arquiteto que alguma vez por Peniche passou, Paulino Montez. Este plano geral divide-se em cinco partes: “(i) Inquérito Urbano; (ii) Análise crítica; (iii) A região e a Vila; (iv) Programa de Urbanização; (v) programa do plano” (MONTEZ, 1943). Contextualizando os planos do arquiteto num contexto nacional, em 1934⁽¹¹⁾ (foram publicados Planos Gerais de Urbanização (Decreto-Lei nº 24:802 de 21 de dezembro de 1934) que obrigaria as câmaras municipais a responsabilizarem-se pelas transformações urbanas do seu concelho. Dado o grande número de planos então aprovados, a atividade urbanística desencadeada por Duarte Pacheco marcou o caráter e o desenvolvimento dos mais importantes aglomerados do País, pelo que a sua história urbana e social não pode ignorar a dimensão e o sentido das intervenções urbanísticas, cujo grau de realização e impacto haverá ainda que avaliar. (LÔBO, 1995: 225)

⁽¹¹⁾ Plano lançado por Duarte Pacheco (ministro das Obras Públicas da altura).

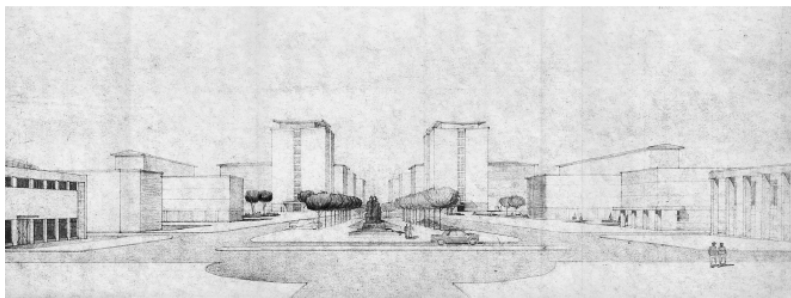
Os planos de urbanização realizados pelo arquiteto Paulino Montez ostentam, presentemente, muitas semelhanças ao que podemos encontrar no atual “setor central da Vila, assim como a ligação às marginais e

o traçado envolvente de várias escolas, como elementos construídos segundo o desenho do Arquiteto P. Montez. A nível do edificado, destaca-se a implantação de variadas escolas primárias”, assim como o local de construção do hospital. Os projetos que acabaram por ceder aos planos do arquiteto são essencialmente visíveis na estrutura viária.

016. “A- Plano Geral de extensão, Regularização e Embelezamento da Vila, 1942”



017. Perspectiva da Avenida Paulo VI, eixo de simetria do Bairro Administrativo e Comercial projetado pelo Arquiteto Paulino Montez, 1970 (MMP, 2013)



018. Fotografia da Avenida Paulo VI, 2014. (Estado atual)

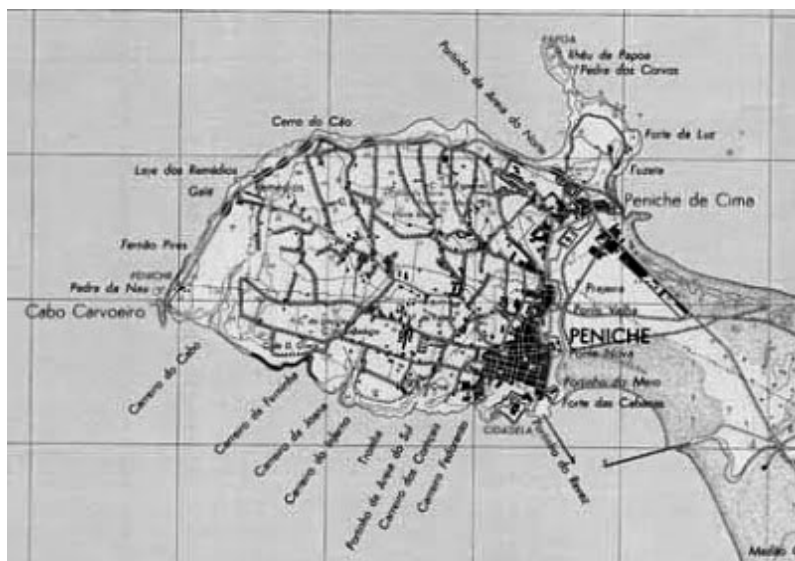


1.2.3 Tempos Modernos

Foi criada uma rede viária na segunda metade do séc. XX como conector das diversas praias espalhadas pela península.

Foi em 1974, após a revolução que, uma nova rede viária de acesso foi projetada e construída através de “uma nova ponte e uma circular marginando o porto, a sul, e a muralha, a poente (esta última criando uma ligação extra-muralha entre o norte e o sul da cidade)” (CMP, 2009: 43). Entre 1974- 75 assiste-se, tal como um pouco por todo o país a uma explosão demográfica e à proliferação dos bairros clandestinos que se foram estendendo um pouco por todo o território e abandonam-se as áreas urbanas deixando-as à mercê do tempo, degradando-se. “O modelo

definido pelo Arquiteto P. Montez, esteve, segundo a própria Câmara Municipal, em vigor até aos anos 70. Este foi revisto e atualizado pelo Plano Director Municipal de 1995” (CMP, 2009: 45).



019. Levantamento topográfico de 1959 - 1993

Nos finais do séc. XX, dispersa-se sobre o tecido urbano de Peniche a habitação, desde “Peniche de Cima em direção à Papão. Prolongou Peniche de Baixo em direção aos Remédios, circundando a via que liga o Porto da Areia ao Cabo Carvoeiro” (CMP, 2009: 45).



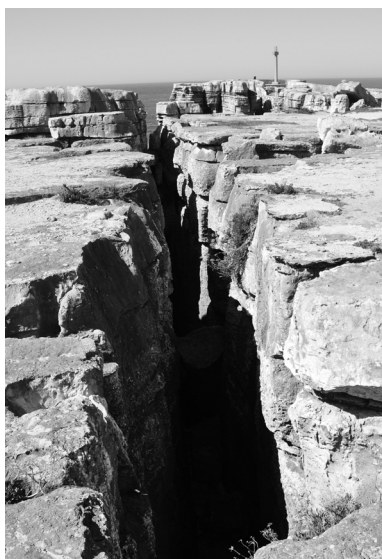
020. Levantamento topográfico de 2004

Em 2006, com a ânsia de ligar Peniche ao resto do país, por acesso facilitado e rápido, prolonga-se a IP6 que se conecta à A8, contribuindo esta intervenção para o aumento do turismo. É precisamente nos finais do séc. XX, inícios do próximo que, aumentam os visitantes na altura balnear e aumenta a procura imobiliária por parte dos mesmos.





021. Planta de análise da cidade de Peniche - Conexões e Edificado (estado atual)



022; 023. Cruz dos Remédios

1.3. Santuário dos Remédios

“Serpeando por entre muros de pedra solta encimados por canaviais airosos, retalhando vinhas e areais, uma estrada, estreita e bucólica, leva-nos ao largo dos Remédios, maravilhoso remanso de poesia e solidão”

CALADO, 1984 (1962): 26

O Largo dos Remédios, relativamente próximo do Cabo Carvoeiro, apresenta-nos “logo à entrada, um alto cruzeiro de pedra carcomida” que nos lembra “qualquer coisa de respeitoso. E ao cimo do largo, simples e afundando-se para a banda do mar, uma capela – a veneranda capela da Senhora dos Remédios” (CALADO, 1984: 26) circundada por um muro de pedra caiado de “média altura”, interrompido pela entrada de um portão em ferro, seguido de cinco degraus que descem para um contido pátio marcado por uma araucária. Ao fundo, do lado esquerdo, uma torre sineira. Continuando a entrar, são mais seis degraus e, mais quatro ainda, sempre a descer, até entrarmos num alpendre anterior à capela de teto envidraçado, por onde entraremos pisando um mosaico simples decorado de azul e branco. (CALADO, 1984: 270 – 273)

Padre Pedro Silva, Pároco de Peniche, em entrevista ao jornal *Voz da Verdade* explica que na maioria dos santuários, a entrada faz-se num

024. Largo dos Remédios



⁽¹²⁾ BRANDÃO, Diogo, 2013, in *Jornal Voz da Verdade*, *Santuário de Nossa Senhora dos Remédios, em peniche – Descer às raízes da fé*. (Consultado em <http://www.vozda-verdade.org>)

⁽¹³⁾ Conta a lenda que a fé à Nossa senhora dos remédios tem por base uma lenda, a de que a imagem teria sido encontrada, ao que se nela se garante, em tempos que remontam à fundação da nacionalidade, pelo século XII, estaria escondida numa pequena caverna, situada no preciso lugar onde depois se levantaria a capela. Construída esta, ao que se julga no século XVI, logo então teria começado o culto mariano que hoje ali se mantém. (Rota das igrejas – itinerário pelo património religioso, município de Peniche)



025, 026. Capela dos Remédios (Torre sineira)

sentido de subida, ao contrário dos Remédios onde, se desce ao santuário numa convidativa “atitude de humildade” e a “olhar o mundo com outra coragem” nesta que é “uma realidade pastoral muito querida” (BRANDÃO, 2013, in *Jornal Voz da Verdade*) ⁽¹²⁾.

“(…) pelo menos uma vez por ano, na veneranda capela dos remédios, uma missa cantada por intenção dos camaradas vivos e pela alma dos mortos”(CALADO, 1984: 372).

A capela de Nossa senhora dos Remédios, no encontro com a costa, num dos planaltos mais altos de Peniche no extremo ocidental da Península, “constitui a base de santuário consagrado ao culto Mariano” ⁽¹³⁾ desconhece-se a data de início da construção, supõe-se que anterior ao séc. XVII (Rota das igrejas – itinerário pelo património religioso, município de Peniche).



São as peregrinações anuais dos círios, a razão da sua existência e, por consequência destas, a existência de uma praça fronteira desenhada em retângulo, definida “de um lado e outro” por “grupos de casas brancas, pequenas barradas de azul, entrecortadas aqui e além por uma fachada de azulejo fino e colorido.” (CALADO, 1991: 26). Onde permaneciam o ermitão e os mordomos da confraria, as hospedarias e as cavalariças para alojamento dos peregrinos (município de Peniche, Rota das igrejas – itinerário pelo património religioso).

“A quinta-feira de Ascensão, dantes – e para além do seu profundo significado religioso - era em Peniche, um dia genuinamente popular, pois toda a gente, com os seus farnéis na mão se punha a caminho dos remédios ou do porto da areia. (...) radioso dia da espiga” (CALADO, 1984:359)



027. Procissão dos círios - 22 de outubro de 1951



028; 029. Procissão dos círios - 2014 - 2016

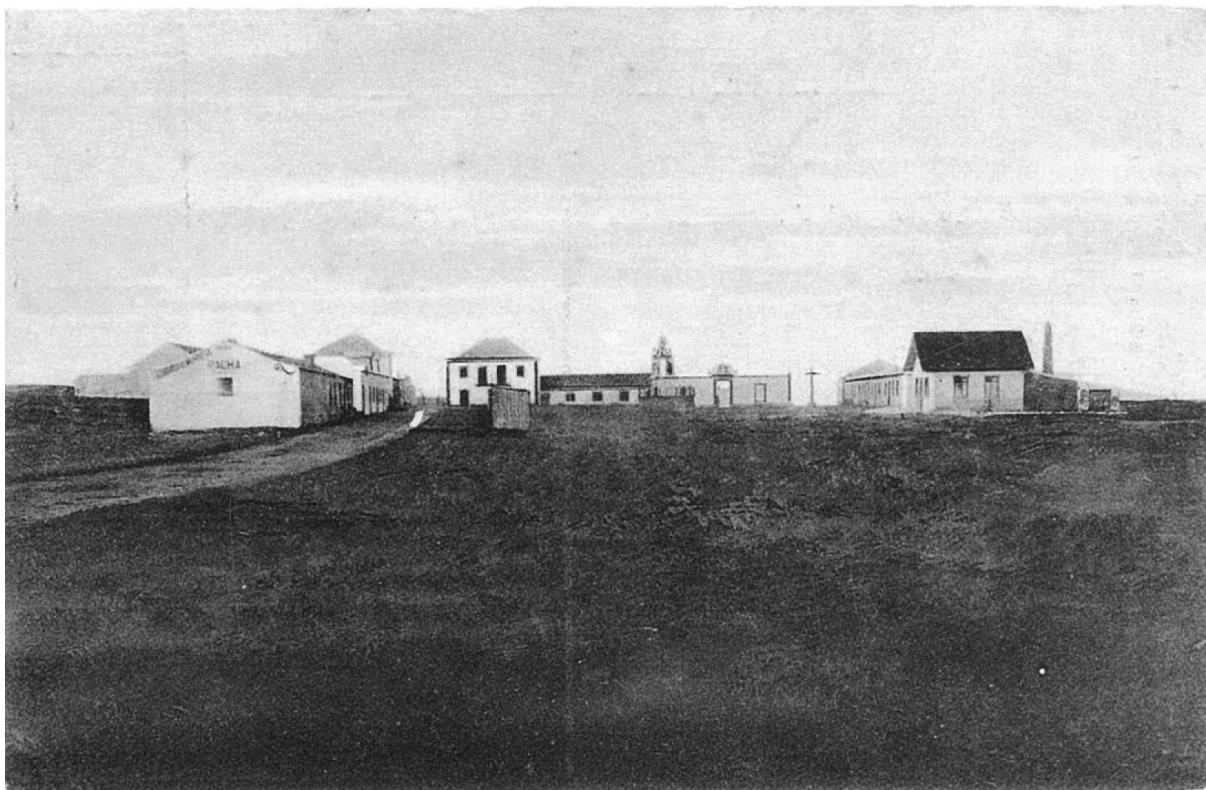
“Pela rampa encostada à capela descemos ao Revelim” a caminho do oceano que se escondia atrás da Igreja, e ao sobre ele deleitarmos o olhar, “debruçados sobre os rochedos de perfis estranhos”, “embevecenos o cenário” onde instintivamente permitimos todo um esquecimento “mesmo das berlingas que nos espreitam e esperam ao longe, sorrindo no mar azul, envoltas numa penumbra de violeta e de fogo.” (CALADO, 1991: 26)



030. As Berlingas que nos esperam ao longe.



031. Rampa do lado esquerdo de quem olha para a Capela - descemos ao Revelim dos Remédios.



032. O Largo dos Remédios - (Ano desconhecido)



033. O Largo dos Remédios - 1912

O Largo dos Remédios, composto por uma praça em “U” é o culminar de um caminho, o dos Remédios, entre o centro da vila e o extremo oriente da península, envolvido por campos de há tempos agrícolas, essencialmente por videiras, protegidos por muros de pedra de calcário solta – cujo benefício se perdeu pelos tempos de extinção das videiras.

Generosamente para quem chega, abre-se a praça nos Remédios, de um gesto oblíquo, no seguimento da estrada do mesmo nome - hoje alcatroada, um dia de terra batida. O espaço organiza-se pela já mencionada capela de Nossa senhora dos Remédios – peça principal da composição- e as humildes casas agregadas de cada lado do Largo com diferentes extensões

⁽¹⁴⁾.



034. Estrada dos Remédios.
Antes de chegar ao largo

⁽¹⁴⁾Mais adiante neste documento, verificaremos a semelhança ao Santuário do Cabo Espichel, apesar deste apresentar uma diferente monumentalidade nos “braços” que compõem o volume edificado, também eles se apresentam desiguais na sua extensão.



035. Largo dos Remédios - 2017
(Da autora)



036. A venda do peixe. 1913/14

1.4. Valores de Identidade

Para um entendimento dos valores identitários de um território, transpomos as palavras de Amos Ropoport sobre o meio ambiente urbano: “Se pensarmos que a cultura influi no espaço, que o território é algo «a defender» e que as pessoas valorizam as suas actividades segundo a sua religião e a sua ética, etc. [...] cada área se identifica com factores culturais específicos, com o fim de regularizar a vida da área”.

(RAPOPORT, 1978:72)

Peniche, de peculiares hábitos e saberes dos quais as suas gentes, penicheiros, se orgulham - “Nem o pitoresco nazareno”, vizinho de terras piscatórias, conseguiram impor-se, por si mesmos, neste rincão teimoso e ousado, onde coabita um mesclado de tipos e costumes, porventura heterogéneo, desenvolvido num clima próprio.

Percorrer o concelho de Peniche é penetrarmos em solos verdejantes férteis à agricultura, ao mesmo tempo que nos cercamos pelo mar e nos deliciamos com as formosas rochas da costa. O povo penichense, de sotaque prolongado como os búzios (CALADO, 1984: 239) é moldado pela omnipresença do oceano desde sempre. Deste facto e de outros, surgem costumes e tradições, rituais e traçados de um povo de vigorosa herança religiosa, boa gastronomia, habilidade na renda de bilros e que,



037. Pedra conhecida pela Nau, em frente ao Cabo Carvoeiro

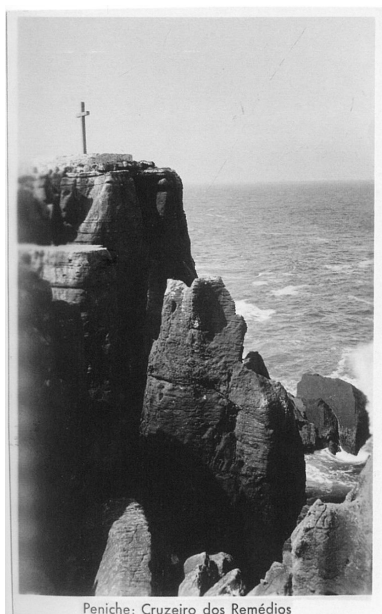
desde “há tempos” se dedica à agricultura e à pesca; mais tarde à indústria conserveira, com um sempre presente e conhecido espírito colaborativo entre quem habita estas terras.



038. “Vendedeira de lagosta”



039. “Acabado de Pescar”



040. Cruzeiro dos Remédios

1.4.1 Herança Religiosa

Os penicheiros são religiosos de geração em geração e devotos a Nossa senhora da Nazaré por herança dos seus vizinhos Nazarenos e pelas “virgens da ajuda, da boa virgem e dos remédios” (em cuja honra – e desde há séculos- se promovem, todos os anos, alegres e coloridos festejos e romarias)

(...) (CALADO, 1984, 372)

A costa de Peniche é propícia a naufrágios e acidentes marítimos, que facilitaram a esperança na fé e uma vivência humana extremamente religiosa quando “o mar que alimenta e enriquece é o mesmo que naufraga e destrói”. Os festejos e cultos religiosos associados ao mar são uma das práticas evidentes da religiosidade deste povo, pelas venerações a Nossa senhora da Boa viagem e de nossa senhora dos remédios. (Município de Peniche Rota das igrejas – itinerário pelo património religioso)

1.4.2 Os Naufrágios

Foi na costa de Peniche que, devido às suas características geográficas (“com a península do Baleal e o Cabo Carvoeiro arremetendo pelo mar dentro, com ilhéus do arquipélago das Berlengas e os recifes e bancos de areia entre o Vale de Janelas e a Foz do Arelho” (CALADO,1991: 397),

ocorreram os maiores naufrágios de Portugal.
Esta região possui, por isto, um historial de tragédias!

Sendo exemplo destas o navio que, a 1590, foi derrubado por um terrível temporal, perto das Berlengas. Os passageiros teriam desembarcado antes, contudo, todos os mantimentos foram levados pelas correntes fortes e, dado a inexistências de habitantes na ilha, estavam estes condenados...

Neste navio, viajava também o pintor holandês Hendrik Cornelis Vroom e com ele os seus quadros religiosos que naufragaram até à costa de um convento de frades português que se fizeram ao mar em socorro das pessoas.

Ao contrário deste navio, a 1786, a nau espanhola S. Pedro de Alcântara, conseguiu salvar alguma da mercadoria que carregava: (“dezenas de peças de artilharia” e “mais de 70 milhões de cruzados” (CALADO,1991: 398) contudo 200 das 400 pessoas (entre eles soldados, tripulantes e passageiros) faleceram por afogamento.

A nau que viajava do Peru à Cidade, encalhou e naufragou nas rochas da Papoa, cujos sobreviventes, em forma de agradecimento aos habitantes da vila pela sua hospitalidade, mandaram construir na igreja de São Pedro “um altar em honra de Nossa Senhora das Dores, onde foram colocadas as imagens de um crucificado e de S. Pedro de Alcântara...” (CALADO,1991: 398)

Hoje em dia, no Museu de Peniche, existe uma representação deste naufrágio!

Sobre, os naufrágios à costa de Peniche, Mariano Calado diz ainda: “Quando a morte ronda, o mar deixa de ser cordeiro inocente para se transformar no lobo voraz que fere quem ousa dele aproximar-se!

E as lágrimas dos que ficam são bem um outro mar salgado, imenso, desconhecido, onde navega o barco da saudade, tripulado pelas almas de todos os que partiram e jamais iniciaram o caminho de regresso... (CALADO,1991: 407)”



041. Naufrágio do navio de Guerra S. Pedro de Alcântara, sobre a Costa de Peniche... Da autoria de Vicente Mariani, 1786 - 1799

1.4.3 A Pesca

“Tem o pescador sido o obreiro da cidade que é Peniche e sempre com grande dignidade” (PEIXOTO, 2002: 43)

No conselho de Peniche sempre se viu na pesca uma atividade lucrativa e dotada de encantos que definiram uma cultura, tradições e gentes ousadas, com espírito comunitário que têm sob sua posse os pesos de rede em cerâmica da época romana ou os célebres ossos de baleia da faina piscatória.

“E partem, no regresso, é a azáfama, a gritaria, a confusão, a vida – no cais desafogado da Ribeira, na lota nos armazéns de salga.” (CALADO, 1984: 370)

⁽¹⁵⁾ “Almocreve indivíduo que transporta em animal de carga” (<https://www.infope-dia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/almocreve>).

Esta profissão caiu em desuso pela facilidade que encontramos nos dias de hoje no transporte de mercadoria em veículos motorizados.

Pelo almocreve⁽¹⁵⁾ eram vendidas no interior do concelho, a cavala o chicharro e a sardinha que chegavam em cavalgadas transportadas pelos pescadores após as manhãs de pesca.

042. Almocreve de Peniche



043. Ribeira Velha nos anos 30

⁽¹⁶⁾ Retirado do website oficial da Câmara Municipal de Peniche - http://www.cm-peniche.pt/concelho_caracterizacaoconcelho.



Em tempos mais recentes, durante o séc. XX, começa a desenvolver-se a indústria ligada ao mar, congelação, salicultura, indústria conserveira e construção naval, e a poética atividade piscatória dá lugar às modernas traineiras e à “produtiva pesca de cerco” em lugar das armações à valenciana, as sacadas, os cercos volantes, as caçadas de sardinheiras, ou as redes de lagosta” (CMP).⁽¹⁶⁾

Hoje em dia o cenário é preocupante, atendendo à escassez de diversas espécies, impulsionada pelo aumento da produção de pescado, poluição das águas e apanha das algas (protetoras das criações) (PEIXOTO, 2002:

62)No início do séc. XX – “As maiores indústrias eram a pesca, as rendas de bilros e, em menor escala, o fabrico de telha, tijolo, tijoleira e louça; os principais produtos agrícolas eram o vinho, o milho, o feijão, a cevada, a batata e a cebola, sendo, de já grande importância as quantidades obtidas

(...) A produção excedia as necessidades do concelho era expedida para diversos pontos do país (...) A expedição era feita, na maior parte, por via marítima, em virtude de não haver linha férrea.” (CALADO, 1984: 204)

Em 1909 o Rei D. Manuel II ordenou “num terreno de cultivo onde estavam implantados 2 moinhos de vento. [...] Ali edificou a sua fábrica (de conservas de sardinha) com todos os requisitos modernos, com residência para o pessoal maior e proprietário, bem como para a classe operária” Fernando Engenheiro *in*, “A Voz do Mar”. Nº 1044.

Além de ser a indústria mais antiga de Peniche, a conserveira, é ainda hoje uma das responsáveis ao desenvolvimento económico e urbano na atualidade.

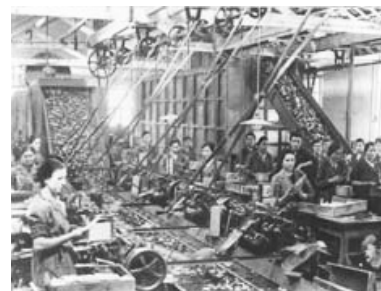
1.4.4 Agricultura

Se o oceano atlântico oferece aos destemidos homens que se fazem ao mar o seu peixe, os solos rurais do interior do concelho estimam-se à agricultura.

A presença de cursos de água, como o rio de S. Domingos e a Ribeira de Ferrel reuniram as condições de fertilidade aos solos, necessária à produção agrícola no conselho desde a produção hortícola à frutícola (produções de regadio), destinada ao consumo local e regional. Também a produção cerealífera, especialmente de trigo e milho “perpetuadas na paisagem pelos altaneiros moinhos de vento”

Na península propriamente dita, apesar da salinidade e aragem marítima que condicionam a fertilidade dos campos, medrou-se entre muros de calcário de pedra solta, a produção vinícola, essencialmente de vinho branco, dispondo a este território uma “paisagem de fazendas”(CMP).

(16)



044. Fábrica de Conserva - Anos 20 - Séc. XX

045. Muros de Pedra Solta calcária (estrada dos Remédios)





046. Ribeira velha anos 60 (Em cima)

047. Hoje em dia... (Em baixo)



1.4.5 Renda de Bilros

“As mulheres de Peniche têm um modo particular de se assentar diante das almofadas para o fabrico das rendas...” (FIGUEIRA, 1865)

Cada uma com ao seu jeito de sacrifício que entre os seus “pregões matinais de peixe fresco”, trabalhava nos armazéns de salga, congelação e exportação de peixe, nas fábricas de conserva, nas cabanas das redes (nos remendos) ou as dedicadas às rendas, as de ascendência penicheira que se punham às portas a rendilhar minuciosas peças. A venda das rendas de bilros seriam, para uma família, o complemento ideal à pratica da pesca e da agricultura, à qual, os homens se dedicavam.

O primeiro documento testemunha desta arte, remonta ao século XVII, mas foi por volta de 1865 que foi patenteada, onde a partir daí se inauguraram oficinas, mais tarde escolas e até aos dias de hoje espaços, de aprendizagem da renda de bilros.



048. Fabricantes de rendas

02. O Território como Palimpsesto

“O território, sobrecarregado como está de numerosas pegadas e leituras passadas, se parece mais a um palimpsesto.” (CORBOZ (1983), 2004: 34).





049. *Don't Cross the Bridge Before You Get to the River* de, Francys Alys ⁽¹⁷⁾

⁽¹⁷⁾Francis Alÿs é um artista contemporâneo, especializado em arquitectura e urbanismo que, pela frustração da existência de múltiplas possibilidades de intervir no território, Alys, “caminha, para e observa”, procurando explorar o território, não apenas no espaço como, no tempo e no ritmo que as relaciona. (LAURENTTIS, 2014)



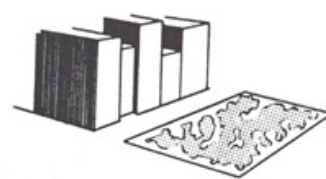
050. Autora

2.1 O Limite

“Os limites (...) são fronteiras entre duas partes, interrupções lineares na continuidade, costas marítimas ou fluviais, cortes do caminho-de-ferro, paredes, locais de desenvolvimento. Funcionam, no fundo, mais como referências secundárias do que como alavancas coordenantes; tais limites podem ser barreiras mais ou menos penetráveis que mantêm uma região isolada das outras, podem ser “costuras”, linhas ao longo das quais regiões se relacionam e encontram (...)” (LYNCH, 1999 (1960): 58).

Um limite interpreta, segundo Lynch, “qualidades motoras e visuais” enquanto elemento visualmente identificável e fisicamente presente no sentido separativo, e simultaneamente convergente de diferentes áreas “alinhavadas” por este limite. Assim sendo, este “limite” em lugar de um obstáculo, apresenta-se como uma “costura” impulsionadora de relações, na promoção de equilíbrio entre os espaços. Tais características deste “corpo contínuo” atribuem novos usos e novas dinâmicas, sociais, económicas e culturais promovendo relações e assegurando o equilíbrio da cidade (LYNCH, 1999 (1960)).

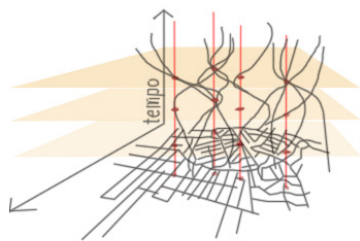
Para o entendimento do papel dos limites no espaço urbano e edificado destacamos, por semelhança às questões que nos prendem, uma abordagem aos temas colocados por Vinicius de Moraes Netto em *Caminhos em Arquitectura e Sociedade* - “Os limites da relação forma-



051. Esquema referente aos “limites”, por Kevin Lynch



052. Esquema elaborado pela interpretação do texto e figuras apresentadas por Kevin Lynch



053. Esquema explicativo da adaptação do tecido urbano à instabilidade temporal e da mutação dos seus componentes.

⁽¹⁸⁾Mircea Eliade “(Bucareste, 9 de março de 1907 — Chicago, 22 de abril de 1986) foi professor, historiador das religiões, mitólogo, filósofo e romancista romeno, naturalizado norte-americano em 1970.” (in, wikipedia, https://pt.wikipedia.org/wiki/Mircea_Eliade)

função (...) Estaria só em nossas cabeças?” (NETTO *in, caminhos em arquitectura e sociedade*: 211).

Um limite apresenta, segundo Abel Borges na sua dissertação para obtenção do grau de doutor em arquitectura- *Os Limites da Cidade*- uma instabilidade temporal na sua relação com um espaço físico e é por si só, independente de “espessura”, no entanto, entre espaços, reconhece-se de imediato como presente entre o “dentro” e o “fora”, tanto do ponto de vista físico e formal como na formulação da imagem do que se observa. Tais reflexões, o autor retira da leitura do autor Mircea Eliade⁽¹⁸⁾, invocando como complemento à teoria da arquitectura, a reflexão dos “limites” à dimensão do cosmos e à natureza do homem, destacando na sua tese a citação referente à importância do limite geográfico e físico, “na percepção do deslocamento do homem, visto necessitar de um referente espacial que lhe limite o “fora” ou/e “dentro” ou, se atendermos à dimensão sagrada, a noção de estar no “cosmos” (espaço organizado ou no “caos”) (ELIADE, 2002: 76).

Retornando ao artigo de Vinícius de Moraes Netto, sintetizamos as suas questões fundamentadas pela tentativa de compreender os limites vivenciados e construídos: será que os limites estão inscritos no espaço urbano e nos edifícios? Estarão os limites presentes na arquitetura enquanto estrutura representável em desenho, ou na sua linguagem mais poética e alvo de interpretação? Será que a sociedade vive esses espaços que, enquanto habitáveis, permitem a integração social na expressão que adquirem e na forma como se constroem? Todas estas questões levam-nos a uma certeza: “pensar a cidade é, antes de mais, pensar nos limites” (ABEL, 2007/2008: 21).

2.1.1 A 4.3Cidade e os seus limites

Começam por exhibir-se como limites físicos, as muralhas/cercas nas cidades medievais em que a noção de limite é alcançada pela necessidade de um determinado povo se distanciar dos “outros”. Aristóteles (384 a.C. a 322 a.C.), como exemplo, considerava a muralha o objeto essencial da civilização grega.

Françoise choay, historiadora e professora de urbanismo, em referência e reflexão ao livro de Kevin Lynch, *A imagem da cidade*, admite que “os limites são elementos lineares embora não sejam propriamente ruas são, no entanto, salvas algumas exceções, as fronteiras entre duas áreas de

espécies diferentes” (CHOAY, 2005: 307). Ou seja, ainda que observando áreas contíguas pertencentes à mesma cidade, distinguem-se pelas suas diferentes texturas e malhas ainda que, os “limites” não sejam elementos físicos e fronteiriços do espaço urbano.

Do ponto de vista da morfologia urbana e do território, Panerai reconhece o limite de cidade como limite geográfico, enquanto que o limite urbano se adequa à estratégia da cidade, por forma a tirar partido das potencialidades e características destas fronteiras como orientadores de crescimento, atendendo ao “(...) conjunto de fenómenos de extensão e adensamento apreendidos de um ponto de vista morfológico” (PANERAI, 2006: 51).

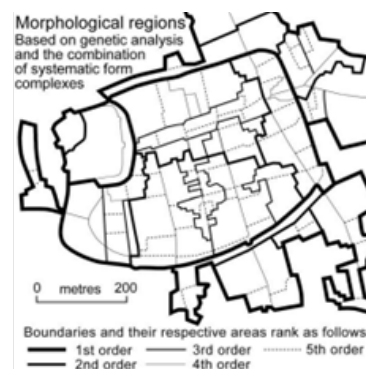
Em modo conclusivo, em síntese dos autores estudados e referenciados, o limite é o espaço que, pensando nos conceitos de cidade, varia segundo as suas características físicas, sociais, económicas e de relação entre os habitantes, contudo, influencia-a a ponto de a construir e de a tornar mutável. O crescimento físico é decorrente da análise urbana do território, contudo, a cidade é um espaço sem limites à apropriação humana pelo que suporta espaços acionadores de vivências, cultura e imaginação.

2.1.2 Espessura dos limites

“Em termos urbanísticos, mesmo considerando o valor de proteção – no seu “Latusensu” – da paliçada, cerca ou muralha, o limite, aquela estreita faixa de território, habitado pelos limitarei, seres a um tempo participantes do mundo da razão e, a outro tempo, comunicantes com o mundo da “sem razão” (TRÍAS, 1991: 16).

Em Alnwick, Conzen desenvolveu o conceito “fringe belts” iniciado por Louis⁽¹⁹⁾ em 1936 para Berlim, em que explora a robustez dos limites de acordo com o período de evolução urbana a que estão associados, sabendo que existiram quebras na criação de edificado e/ou obstáculos geográficos à expansão de área construída. Identificou em Ludlow segundo o conceito, uma hierarquia de fronteiras estruturada em cinco ordens baseada não apenas no plano de cidade, mas também no tecido edificado e nos usos de solo como atributos morfológicos para a caracterização da paisagem urbana (Fig. 054). Ao longo das últimas décadas, este conceito tem sido aplicado em diferentes partes do mundo, na investigação morfológica e, em casos excecionais, na prática de planeamento pois desmistifica,

⁽¹⁹⁾Louis, geógrafo alemão, foi mentor de Conzen que sofisticou a sua investigação do conceito de “cintura periférica”, nos estudos em alnwick.

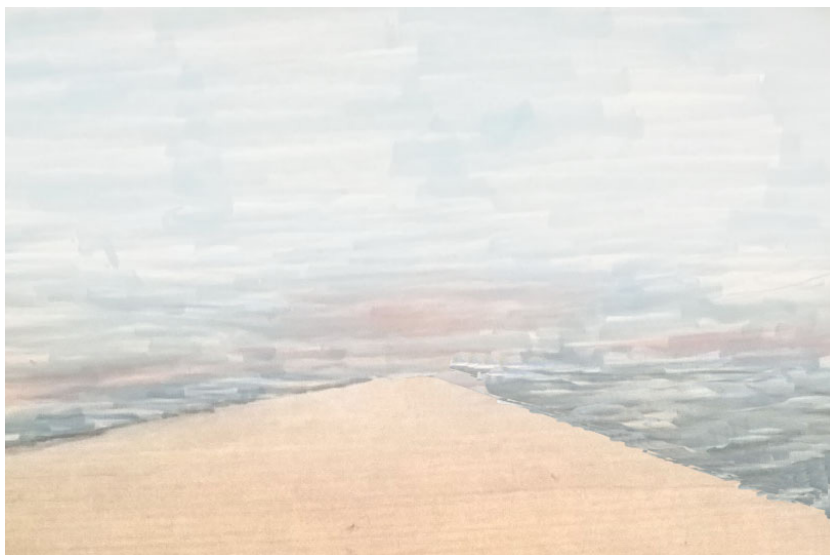


054. As regiões morfológicas da cidade histórica de Ludlow. Baseado em Conzen (1988, p.258, fig. 17.2)

segundo Conzen, o modo como as formas urbanas são criadas sobre o solo, especialmente na passagem de solo rural a urbano e a razão para a atual existência de áreas fragmentadas e espaços ocupados dispersos. (WHITEHAND, 2001: 103-109). Em resumo, Se considerarmos que o que separa duas cidades é “campo”, então o “campo” pode ser o nosso limite de correlação entre essas duas cidades, ao mesmo tempo que é vivenciado e até possivelmente contaminado por essas envolvências urbanas, em oposição ao espaço rural – O limite ganha densidades (populacional, construída, de trocas culturais)

⁽²⁰⁾ Arquitecto interessado “na arquitetura dos mestres do século XX como um momento de charneira entre o novo e o velho. Luz e vazio como substâncias irredutíveis da composição.” (In, <http://www.iuav.it/Ateneo1/docenti/docenti201/Cacciatore/index.htm>)

Cacciatore ⁽²⁰⁾, sobre a habitabilidade dos “muros” em *Il Muro Come Contenitore di Luoghi*, investiga, segundo a obra de Louis Kahn, o “limite” na sua multiparidade de conceitos, analisável não só como elemento que relaciona ou opõe “mundos” que se tocam, como local que se habita, adquirindo espessura e tornando-se habitável, segundo uma própria identidade. A obra expõe a forma quase constante como Kahn trabalha as “formas estruturais ocas” atendendo à inovação estrutural, não obstante de tradições construtivas e figurativas de uma época.



055. Desenho da autora

2.2 O Mar e a Praça

“Não é de hoje que sabemos, que as vias de comunicação desempenham um grande papel na estruturação da cidade” (TEIXEIRA, 2001: 21)

São inúmeros os núcleos urbanos junto ao mar, já que se estabelecem como referências comerciais e de comunicação “oferecidas pelos rios, lagos e mares” e complementadas pelas “estradas [que] exercem também grande atração para o estabelecimento de novos aglomerados urbanos”. (PAIO, Alexandre *in*, TEIXEIRA, 2001:34). O mar, desde tempos fenícios, marca o limite de um território contíguo a um espaço de inter-relações variadas e de “mestiçagem de ideias”. Essas trocas, para além de comerciais, são para os “limitanei que aí “habitam” uma “troca de ideias” (ABEL, 2007/2008: 29).

Maria Rosália P. Guerreiro afirma que a forma de deslocamento estabelecida sobre o tecido é o crucial fator delineador de espaços públicos, aos quais estão incluídas as praças, que surgem do cruzamento, extensão e consolidação do sistema de percursos aliados às atividades que se praticam na envolvente (TEIXEIRA, 2001 :20 - 26).

Fundamentados pelo que nos diz Jorge Gaspar (1969) ⁽²¹⁾, os séc. XIII e

⁽²¹⁾ A Morfologia urbana de padrão geométrico da idade Média, *In* Finisterra, Vol. IV, N°8, 1969: 198- 215

XIV, são marcados, um pouco por toda a Europa pelo nascimento de novas vilas e consequente extensão ou mesmo consolidação das já existentes, vias.

Tais fenómenos resultam do aumento demográfico, do alargamento da agricultura a solos férteis e da “renovação do pensamento religioso” pela dinamização de caminhos de procissão até ao local de ligação com o divino. São exemplo, os caminhos de Santiago que “não serviram apenas o pensamento sacrossanto da Igreja e da fé dos peregrinos (...) como também transportavam “o mais elevado saber da época das ciências e nas artes” e vida urbana um pouco por vários pontos, fomentando mercado e artesanato, onde “fluíam e refluíam, como incontida aluvião, reis, plebeus, bispos, monges, santos e pecadores, artistas e sábios, jograis e trovadores”. (LUCENA, 1966 :33)

“Repararam-se, então, as estradas;
construíram-se pontes, aumentaram
os privilégios dos mosteiros próximos
e dotados de preciosas e venerandas
reliquias” (LUCENA, 1966 :33)

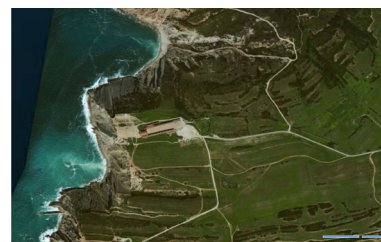
Por todos estes fatores desencadeados uns pelos outros num ciclo de subjugação aos caminhos até ao mar, as feiras, apesar de “não podermos afirmar com tanta certeza”, também elas foram o desenvolvimento de vários centros urbanos (CARVALHO, 1989: 39) o que deciframos de casos como o Cabo Espichel em Sesimbra, a Praça do Comércio em Lisboa ou, o Largo dos Remédios em Peniche, onde festas e romarias favoreceram o desenvolvimento das vivências.

Grande parte dos territórios costeiros, aderiram à necessária criação de um sistema defensivo que, atendendo ao panorama nacional, “baseou-se não na fortificação das principais cidades”, mas na criação de “sistema de fortes e fortalezas ao longo da costa marítima e da fronteira terrestre”. (VALLA, Margarida, *in* TEIXEIRA, 2001: 162)

Os casos de estudo que se seguem desempenham no território um espaço público de praça em coexistência com o mar; existentes por processos de formação anteriormente destacados perceptíveis pela leitura do território; assim como de vivências coincidentes de comunicação num espaço público, ora de enaltecimento do divino pelo seu caráter religioso, ora de caráter comercial de “mercado”. O importante será indagar de que forma estes espaços contidos/fechados se localizam e infra-estruturam “frente” ao mar e, de que forma se foram preservando, “ganhando” ou “perdendo” terreno perante uma sociedade em constante mudança.



056. Terreiro do Santuário do Cabo Espichel



057; 058. Imagem aérea da localização do cabo espichel; Fotografia aérea do Cabo Espichel

2.2.1. Santuário de Nossa Senhora do Cabo

“O que torna, de facto, este santuário invulgar é não só a sua especial localização como a variedade dos seus elementos componentes, que deveriam, em parte, de necessidades coletivas, emergentes dessa mesma localização.” (AMARAL, [et al.] 1964:31) ⁽²²⁾

O Santuário da Nossa Senhora do Cabo, no Cabo Espichel, também conhecida por Nossa Senhora da Pedra da Mua, localiza-se no distrito de Setúbal no conselho de Sesimbra sobre uma “elevada formação rochosa, sem vegetação, que integra o conjunto montanhoso da Arrábida e que se adianta sobre o Oceano atlântico em escarpas ou falésias de grandes lajes de estratos calcários”. (DGEMN, 2001) ⁽²³⁾

O sentido do santuário de Nossa Senhora do cabo é o “espírito do lugar” desenvolvido pela eutímia entre a natureza e o homem “num profundo sentido espiritual religioso” cujo registo remonta ao séc. XV ⁽²⁴⁾. O conjunto de edificado do Cabo Espichel teve início no séc. XVIII, iniciado pela pequena capela - “Ermida da Memória” - em louvor de Nossa Senhora, e representa, no seu conjunto, um marco da arquitetura portuguesa, pelo seu “sabor popular, a simplicidade e o informalismo do conjunto” erguido, pouco a pouco, pelos próprios peregrinos, de “uma composição axial, sem rigidez geométrica, cuja simetria a determina altura se abandona, se desfaz, e cuja modelação se humaniza com saborosas diferenças de interpretação dos elementos que marcam o ritmo dos edifícios” (AMARAL, [et al.] 1964: 6)

⁽²²⁾ Arquitectos, Francisco Keil do Amaral, António Pinto de Freitas, Francisco da Silva Dias, Carlos Kjolner Worm, salustiano dos Santos, Helder Pereira de Almeida, Diogo Lino Pimentel

⁽²³⁾ Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais

⁽²⁴⁾ Repare-se que se insere no espaço temporal de Fundamentados pelo que nos diz Jorge Gaspar (1969), os séc. XIII e XIV, são marcados, um pouco por toda a Europa pelo nascimento de novas vilas e consequente extensão ou mesmo consolidação das já existentes, vias. Tal sucede-se do aumento demográfico, do alargamento da agricultura a solos férteis e da “renovação do pensamento religioso” pela dinamização de caminhos de procissão até ao local de ligação com o divino.

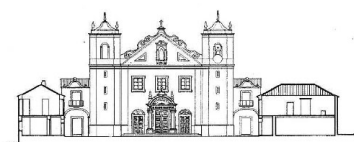


059. Ermida da Memória

⁽²⁵⁾ Destinavam-se, exclusivamente, ao alojamento dos romeiros.



060. Casa da água



061. Corte pelas hospedarias mostrando a fachada principal da igreja.

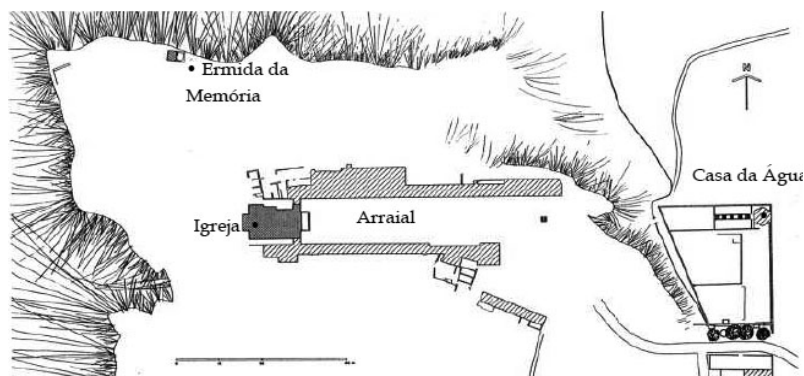
062. Composição dos espaços no santuário da Nossa Senhora do Cabo (à direita)



063. Paisagem

Com início na construção do templo, evoluiu a construção pelo posterior acrescento dos dois extensos corpos laterais (hospedarias)⁽²⁵⁾ de dois pisos, conformando-se o espaço retangular em U, aberto a nascente para quem chega, através de um percurso de aproximação denominado oblíquo, com braços de desigual extensão, onde quem chega se sente acolhido pela simplicidade, “sabor popular” e vive ainda na expectativa do que se esconde pelo conjunto. No planalto de Espichel, a Igreja destaca-se, quer pelo seu volume, quer pela sua implantação de destaque que encerra o lado menor da “praça” a poente, quer pelo seu volume. O caminho de chegada invita a entrar no espaço “fechado” percorrendo a arcaria que se estende pelo conjunto, até à descoberta do Atlântico. Tal deleitoso cenário figura, após a passagem de “dois pequenos corpos coroados por frontão, vazados por arcos”, (DGEMN,2001) contíguos, lado a lado à Igreja.

A arcaria é o caminho, “marcado por claros escuros”, mensurável à escala do homem, que antecede o quadro maravilhoso e estonteante de paisagem que surge após a passagem do “arraial” e elemento constituinte dos



alçados enaltecadores do terreiro. Na verdade, apesar de descrevermos a “praça” com forma em U, também do lado nascente deste belo espaço somos envolvidos pela encantadora “casa da água” “de traçado classicista, com planta hexagonal e iluminada superiormente por um lanternim” (AMARAL, [et al.] 1964:36).

Assim sendo, e como forte constatação das itinerâncias à descoberta a que nos digna o santuário, prescrevemos as palavras de Victor Mestre de que “o sentido do primeiro percurso da procissão é o sentido de “mundo regular”, pela disposição arquitetónica, e o segundo percurso é o sentido naturalista do perímetro do esporão, num abismo de sufocar, separando a terra finita do mar infinito” (MESTRE, Vitor, 2001: 16)

2.2.2. Escola Superior de Setúbal de Siza Vieira



064. Escola Superior de Setúbal de Siza Vieira

É assumido por Siza Vieira as referências do Santuário do Cabo Espichel no seu projeto da Escola Superior de Setúbal, estabelecer a analogia entre estes dois. O edifício “dobrá-se” e cria a imediata semelhança, pela configuração de pátio porticado em U, que “procura integrar-se na paisagem natural, um bosque de sobreiros centenários” (SIZA, 1995)

Madalena Matos descreve a “praça” como “um espaço compassado, quase cerimonial, pela analogia que tem com o espaço sacro das igrejas de dupla ordem, de ritmo, direcionalidade e sentido determinados em função de uma liturgia localizada” (TRIGUEIROS, 1995: 9-13)

No caso da Escola Superior de Setúbal a “praça” não possui um carácter totalmente público, projetado ou pensado de forma a acolher feiras ou romarias, mas sim, como “ponto de reunião, de troca de informação entre gerações”, onde a confrontação de escalas permite “que uma pessoa se reconheça num espaço comunitário”, não apenas “no Pátio”, assim como no átrio” que se encontra entre os dois “braços” de sistema colunar de dupla altura (SIZA, 1992) ⁽²⁶⁾. Ao contrário do santuário no Espichel, o atravessamento do lado menor do conjunto edificado, dá lugar a um espaço de átrio e não, ao reconhecimento de uma paisagem natural que se escondia.

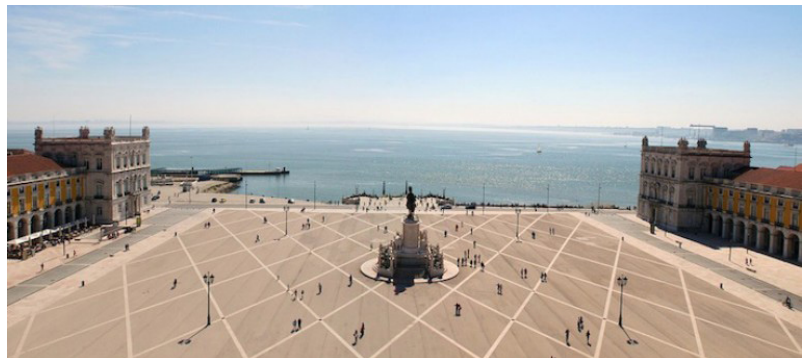
⁽²⁶⁾ Álvaro siza em entrevista à revista Escola Nova de Setúbal. Disponível na internet in, https://www.si.ips.pt/ese_si/WEB_BASE.ERA_PAGINA?P_pagina=28267

2.2.3. Praça do Comércio

Como exemplo recente de relação entre cidade e o mar, Vítor Matias Ferreira, na análise de sinergias entre Lisboa e a água afirma “nessa específica condição, as áreas transfronteiriças polarizam formas

065. Praça do Comércio

contrastadas e identidades múltiplas, de tal modo que cada um dos territórios participa e integra a configuração identitária e simbólica do outro” (FERREIRA, 2004 : 23), estes lugares de “mercado” são os rossios, os campos de feira, as praças e os terreiros, a partir dos quais a polis se desenvolve. Destes lugares mencionados por Ferreira, identificamos a Praça do Comércio, como espaço pertinente de análise, assim como elemento comparável aos casos já referidos neste trabalho de “praça”, avaliando-se as suas características compositivas tanto de edificado, como de vivências, estabelecidas ao longo de uma história culturalmente marcante.



Também a “implantação geográfica da praça” é “justificação única para que a tenha qualificado de *magnífica*”, afirma o historiador Alexandre Herculano em consenso com Costa e Silva (arquiteto)⁽²⁷⁾. Também o Arquiteto Paulino Montez em 1935 afirma que o Terreiro do Paço é “A grande obra Pombalina, o maior e mais honroso documento do tempo do marquês” (MONTEZ, 1935:75). Surgiu como consequência da renovação da Baixa pombalina de Lisboa em 1758, cujo elemento “praça” surgiria como construção monumental aberta ao rio, também ela de desenho regular em “U”, contudo, de base quadrada, em que “O eixo construído pela Rua Augusta entra na praça através do arco triunfal, e define a centralidade do rei e, já junto ao rio, dos cais das colunas” (RAMALHETE, Filipa [coord.], 2009: 19).

Ao contrário das anteriores praças, a do comércio, não adotou uma volumetria construída de forma a mistificar a paisagem, digamos, o mar. Avaliando o tecido de implantação deste espaço público constatamos o enquadramento numa malha reticulada que enquadra a Norte este espaço, o qual é limitado, a sul, pelo rio tejo (RAMALHETE, Filipa [coord.], 2009: 18 - 20). Atendendo à densidade de edificado da Baixa Pombalina, esta “praça” resulta não de corpos construídos que se “dobram” no perímetro de uma geometria retangular, mas sim de um conjunto de volumetrias que se erguem em volta deste desenho “em quadrado”.

E, mais uma vez, os tempos mudaram e as designações para que esta foi

⁽²⁷⁾ A propósito do plano para a apresentação de um plano de melhoria estético do rossio, promovido pela Câmara Municipal de Lisboa em 1934. (Revista semestral de edifícios e monumentos Nº 21: 8)

criada foram desfragmentando-se no mesmo, de tal modo, que a certa altura os seus ocupantes passaram a ser veículos. Num concurso aberto em 1999 (concurso internacional de ideias) de recuperação da praça, é novamente reposta uma praça livre a encontros sociais, à atividade comercial e à hoteleira.

A praça do comércio também conhecida por Terreiro do Paço foi sendo alvo de projetos de recuperação e requalificação. Em 2016, dizia o atual presidente da Câmara Municipal, Fernando Medina que “não há marca maior do progresso e do dinamismo que a cidade está a viver do que o projeto de requalificação do Terreiro do Paço (...) pela procura da identidade, orgulho e modernidade da cidade de Lisboa” ⁽²⁹⁾.



066. Praça do Comércio nos anos 80

⁽²⁹⁾Consultado no artigo de 01, setembro 2016, *Mais um passo na devolução da Praça do Comércio à cidade*, no website oficial da Câmara Municipal de Lisboa.



067. Imagem aérea de parte do concelho de Peniche onde se localiza a Barragem de São Domingos

2.3 A Parcela

“Yo creo que hay una arquitectura de la ciudad que nos es la de sus edificios individuales, ni tampoco los proyectos de los espacios vacios, sino que está en la articulación formal de sus partes...” (SOLAMORALES, 1997: 16).

Vivemos e habitamos, convergimos e criamos, em espaços fragmentados, em “estruturas não consolidadas que se foram compondo através de operações dispare e com tempos de ação distintos” (COELHO [coord.], 2013: 150). Preocupa-nos a paisagem, natural e urbana, que se afetam e que parecem indecifráveis quando olhamos para as nossas cidades disfuncionais, imundas, de elementos desarticulados provenientes de desígnios passados entre espaço público e privado. Deste paradigma contemporâneo esmiuçamos, tal como investiga Carlos Dias Coelho na obra, *Elementos Urbanos*, uma ferramenta que se ajuste à “forma e conteúdo” das cidades atuais, a parcela.

Defende Walter Rossa na obra *Fomos Condenados à Cidade*, que o território e o espaço público integram-se como estruturas matriz da urbanidade como até aqui, e por influência dos limites, já falámos, contudo, ‘através do parcelário obtemos um sistema mais completo de determinação da paisagem urbana. No planeamento e projeção de novos territórios

urbanos, o sistema de parcelamento é utilizado como ferramenta de organização do tecido avistando as suas futuras ocupações e densidades sejam elas, sociais ou construídas – “o processo também desenha” (Nuno portas *in*, ROSSA, 2015: 109).

No caso de nos debruçarmos sobre um tecido ocupado, esta ferramenta identifica uma matriz por via da interpretação de marcas físicas ou, invisíveis que, delineiam segundo princípios culturais e morfológicos um padrão de (re)interpretação do tecido a consolidar. Ainda que não seja possível a identificação de um traçado real, permite-nos desmistificar a origem da sua organização e evolução espacial- “Mesmo onde as parcelas foram alteradas (...), o padrão da parcela no seu todo está cheio de resíduos de períodos anteriores o que pode, na verdade, aparecer inalterado em todas as suas características essenciais” (CONZEN, 1960: 7).

Phillipe Panerai, como exemplo, defende o parcelamento num sistema até mais urbanizado, no sentido articulador de rede viária, ruas e edificações, afirmando que a parcela se distingue como um desses mesmos elementos urbanos (PANERAI, 2006), a par de outros autores como Rossa que, identifica a parcela como parte integrante da cidade na relação entre “território, espaço público e parcelário” (ROSSA, 2015: 99).

É pela consciencialização de toda esta articulação entre os constituintes da paisagem urbana, que a parcela assume ainda maior destaque em cidades desarticuladas entre “cheios e vazios” e fragmentações do tecido, resultantes de quebras no ritmo do crescimento da mesma. Destas aferições e na consciência de que um “pilar” na produção de tecido urbano é essencial, discutimos o conceito de parcelamento como “ferramenta de leitura do território (...) para destrinçar alguns processos evolutivos e compositivos da forma urbana.”(COELHO [coord.], 2013: 148).

2.3.1 Persistências - Traços Morfogenéticos

“Nada há no mediterrâneo tão típico da íntima união da geografia com a história como as cidades”. (RIBEIRO, 1967:32)

⁽³⁰⁾ Historiador de arte e arquitectura e urbanismo, tendo sido professor da universidade LaBAL de Quebec, Montreal e no instituto de arquitectura de Genebra e na ETH de Zurich. A par de muitos outros convites como professor convidado e a comparecer em conferências e investigações.

André Corboz⁽³⁰⁾ em *O território como palimpsesto*, reconsidera o território apurando as transformações urbanas contemporâneas, sabendo que estas derivam de uma longa e lenta estratificação de vestígios já que, o território é uma “figura inscrita sobre um fundo”. O autor faz referência a uma questão para este trabalho pertinente, referente à passagem anta-

gónica de “campo” a “cidade”, de um problema nascido no século XVIII “convertido em clássico desde o aparecimento da civilização industrial”. Corboz afirma que, este antagonismo entre campo e cidade não existe, e que por ter prevalecido, em lugar de resolver um problema urbano, paralisa o território. Todavia, e após percorrer dois séculos de gestão do território, parece que surge uma leitura reorientada que, “busca identificar as pegadas presentes de processos territoriais desaparecidos, tal como as formações do solo, em particular aluviais, sobre os quais foram criados assentamentos humanos”. Este facto devolve-lhe espessura onde se investigam desde os vestígios geológicos à arqueologia que deteta os diferentes usos do solo, e mais tarde os “caminhos”, na leitura da sua importância e disposição (CORBOZ, 2004: 25- 34).

O artigo *Relations entre formes d'occupation* (1972) expõe leituras de relação entre a forma do solo e a forma de gestão do mesmo, no sentido articulador das variantes. O objetivo do estudo é a leitura da riqueza morfológica proporcionada pelas integrações e adaptações, examinando a utilização do solo no conteúdo rural, para o qual os geógrafos designam de “paisagens agrárias” que, por sua vez, se desdobram em duas componentes: A de campo e estrutura agrária produtiva cuja estrutura por si, desempenha o parcelamento; ou uma ocupação improdutiva, pelo facto de integrar estruturas de ligação sejam, de estradas, habitações ou equipamentos.

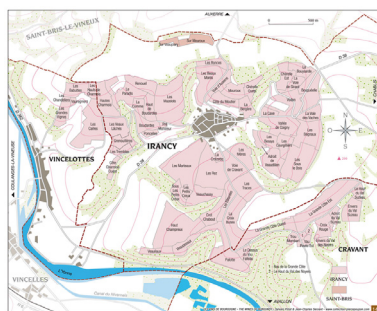
É facilmente compreendida a relação de flexibilidade e humildade da ocupação agrária com o meio, pelas suas razões funcionais, comparativamente a uma ocupação humana seja ela, social, religiosa, habitacional, ou por equipamentos, ainda que possa surpreender na sua expressão subtil e sublime com a envolvente. Todavia, “esses padrões de uso da terra estão longe de ser independentes entre si”, estimulando a que se influenciem mutuamente (PINON, 1972: 4-11).

- Vinhas de Irancy ⁽³¹⁾

Como exemplo, as vinhas de Irancy na área administrativa de Borgonha, cujo cultivo de videiras perdura por mais de quinze séculos, apresenta uma plasticidade na sua imagem de paisagem, planificada pela natureza maleada pelo homem. A aldeia implantou-se no fundo de um vale, enquanto que as videiras se plantaram na periferia da mesma, desde a colonização romana ⁽³²⁾. O “anfiteatro” que configura a imagem da paisagem de Irancy, protege as videiras de condições meteorológicas

⁽³¹⁾ Com base no artigo *relations entre formes d'occupation* (1972)

⁽³²⁾ Baseado no artigo Regiões vinícolas da França: Bourgogne publicado em <URL: <http://www.vivendoavida.net/?p=19436> > [Consult. 01 de Junho de 2017].



068. Planta de localização de Irancy



069. Registo topográfico de Irancy

⁽³³⁾Baseado no artigo publicado em <URL: <https://www.irancy.org/vins-rouge-bourgogne.php>> [Consult. 01 de Junho de 2017].

adversas e garante luz solar suficiente para o amadurecimento da fruta.



070. Imagem aérea do vale de Irancy - Vinhas e aldeia

Foram os canais de água os responsáveis pela origem de canais de comunicação, seja através dos próprios rios, no caso, o rio Yonne, como para a delimitação de percursos e vias, como o caso da estrada romana contínua ao rio ⁽³³⁾. Também em Irancy existiu um pico de desenvolvimento industrial pela construção de acessos viários e de comunicação no séc. XVII que levou, inicialmente, ao crescimento do cultivo de videiras (situação oposta à que se veio a verificar nos dias de hoje). Para o crescimento desta atividade agrícola contribuiu a “vida religiosa” visto que o vinho é indispensável em festejos religiosos e economicamente vital para as riquezas adquiridas pelo comércio.

- Zuiderzee, Holanda



071. Mapa de Johannes Janssonius onde observamos o golfo do Zuiderzee ; publicado em Amsterdão em 1658

De entre um dos exemplos estudados pelo artigo *Relations entre formes d'occupation* (1972), destacamos Zuiderzee (um golfo de 5000 Km² formado pelas águas do mar do Norte no centro-norte dos Países Baixos), como exemplo de território em contacto com a água, formado pelas subidas e descidas do mar. A situação obrigava os habitantes à construção de diques e de colinas artificiais chamadas “terpen” ou “wierden” ⁽³⁴⁾ onde se refugiavam, ao mesmo tempo que protegiam a costa das águas do mar, possibilitando o cultivo das terras, até ao dia em que se estabeleceu o Zuiderzee propriamente dito, no séc. XIII (pela descida das águas do mar). Em redor do zuiderzee estabeleceram-se inúmeras vilas piscatórias e algumas tornaram-se cidades fortificadas, o que fomentou o comércio mercantil. Também a pesca e a indústria associadas a esta prática foram uma grande fonte de rendimento, contudo a partir do séc. XX prevaleceu o turismo como maior fonte.

⁽³⁴⁾ Colinas artificiais onde se refugiavam

2.3.2 Estrutura Parcelar e Carácter Identitário

“A instalação de cada nova modernidade impõe uma revitalização do papel da(s) identidade(s), adotando novas leituras do passado, ou seja, uma nova história e, para alguns, a utopia de obliteração do passado ou de parte dele.” (ROSSA, 2015: 102).

Assumirmos que o regresso a um passado genuíno é irrealizável, não significa o descarte de um passado, todavia, torna-se essencial, para o bom funcionamento das cidades, a exploração da origem da forma do tecido e a evolução da imagem da paisagem, sabendo que, e segundo José Aguiar, a identidade é “inalienável dos lugares” (AGUIAR, 1999: 5).

Reforça a ideia de Aguiar, sobre o território como património e da “paisagem humanizada”, Walter Rossa em, *Fomos condenados à cidade*, ao salientar que todas as cidades têm uma história que, aliada ao património evoluem e não alteram a sua estrutura - “urbanismo é, necessariamente e por excelência, património”. Sabemos igualmente que o espaço urbano e a sociedade subordinam-se; sofrem mutações e evoluem em paralelo e por consequência uma da outra- “A valorização, desenvolvimento, reciclagem ou destruição de património (...) condiciona o futuro da civilização”. Cada geração faz uma reapropriação do espaço que habita e desenvolve-o segundo diferentes valores, o que se estende ao campo da arquitetura. Assumindo que a própria identidade evolui, adapta-se o papel da cidade aos autores da mesma, mantendo-a atual e descartando a possibilidade de uma cidade estagnada (ROSSA, 2015: 105-107).

“A parcela conserva (em geral) durante mais tempo os limites” mais ou menos concetuais, formais e/ ou funcionais, “mantendo-se a forma”. “Constitui-se uma matriz morfológica de padrões e proporções” através de traços morfogenéticos materializados ou não, que na perspetiva de plano futuros, sejam eles de reestruturação ou colmatação de espaços, serão mais funcionais visto que desmistifica o passado e explicam o “resultado morfológico atual” (COELHO [coord.], 2013: 146, 147).

Quando bem interpretados, mesmo na conceção de planos na passagem de solo rural a urbano, o parcelário permite o entendimento dos restantes espaços construídos já que este “afigura-se como a imagem mais precisada da história de um espaço” (ROULEAU, Bernard, *in*: MERLIN, Pierre e CHOAY, Françoise, 1988: 574).

Além de presente em espaços funcionais, a parcela estende-se à poesia da paisagem resultante de episódios urbanos que deixam no território a possibilidade de regenerar zonas antigas da cidade, áreas industriais abandonadas, e possibilita a integração de novas áreas de residências. (SAMUELS, 1993 *in* , WHITEHAND, 2009: 103-109).

- Plano para Lecce de Paola Viganó e Bernardo Secchi

⁽³⁵⁾ Secchi nasceu em Milão em 1934 e faleceu na mesma cidade no dia 15 de outubro de 2014.

Paola Viganó e Bernardo Secchi⁽³⁵⁾ são dois arquitetos urbanistas italianos que desenvolvem um trabalho inovador e pioneiro tanto nas estratégias, conceção, assim como apresentação dos planos para a cidade segundo os desafios colocados pela cidade contemporânea.

“Trois stratégies cognitives complémentaires se superposent dans notre travail: eu stratégie de recherche, ne stratégie de projet et une stratégie de représentation” (SECCHI, VIGANÓ, 2011:1)

Desde os anos 90, os arquitetos exploram diferentes maneiras de olhar e interpretar a dispersão urbana, na certeza de que as cidades difusas, através de instrumentos e estratégias bem estudadas, têm possibilidade de se manterem funcionais e fiéis ao que as caracteriza já que esse parece ser o grande desafio da cidade contemporânea. É num seminário no politécnico de milão a 23 de Abril de 2009 sobre o tema “La nuova questione urbana” que Bernardino secchi apresenta um cenário alternativo para as cidades europeias e para o território (AKIYAMA, PEDRAZZINI, 2011:8).

⁽³⁶⁾ Porosidade é um conceito (metáfora) que no trabalho dos arquitectos trata-se de um instrumento de investigação e projeto para o território contemporâneo. para lecce é o suporte de estudo de um território disperso vinculado (AKIYAMA, PEDRAZZINI, 2011: 199)

⁽³⁷⁾ Os arquitectos utilizam o termo “cenário” prevendo consequências das ações e decisões projetuais adotadas no planeamento e projeto de cidade, aferindo-se a viabilidade das mesmas. (AKIYAMA, PEDRAZZINI, 2011: 195)

Com base na publicação “Territori de la nuova modernità”, de viganó, o plano para Lecce (2001), no extremo sudeste da Itália, na região de Salento, os arquitetos seguem conceitos por eles formulados e refletidos como ideias-guias de “porosidade” ⁽³⁶⁾ e “cenário” ⁽³⁷⁾. Recorrem a estes instrumentos para pesquisa e elaboração de planos e projetos, transformando a cidade dispersa num território mais consolidado, com atenção ao equilíbrio da paisagem – “i temi dell’ambiente e della sostenibilità” (VIGANÓ, 2001:5) e às tendências contemporâneas – construir a cidade, construir o futuro.

Salento é um território com 1800 quilómetros, dos quais 865 são cobertos por vinhas e oliveiras, muros de pedra baixos, e onde habitam 800 mil pessoas, num lugar de história e cultura. No processo de modernização do território a cidade tornou-se dispersa e desvinculada.

A análise partiu de uma grande escala e perspectiva alargada do território o que sugeriu como necessário aos intervenientes (especialistas qualificados de diversas áreas) do plano, o entendimento da morfologia do mesmo e as interações sociais de cada lugar, que previram para Salento um futuro de continua dispersão dos recursos e de habitabilidade. À data do estudo, a região apresentava-se com pouco crescimento económico, no entanto, de continua valorização e progresso, apesar dos seus problemas urbanos. O principal objetivo é “um projeto baseado nas possíveis sinergias entre as oportunidades para o desenvolvimento local e, ao mesmo tempo, atenuação e compensação de possíveis externalidades que essas oportunidades, inevitavelmente, tendem a gerar” (VIGANÓ, 2001: 12).

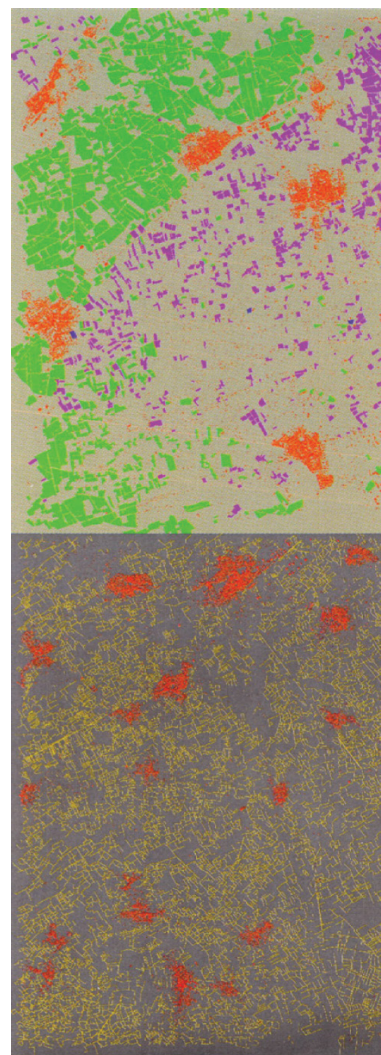
Após conclusões de análise, passaram a assumir o tecido de Salento como de grande parque, alvo de intervenções de requalificação de parte da paisagem artificial e perspectivas de dilatação da natureza sobre o tecido, possibilitando o desenvolvimento das principais atividades e práticas sociais. Reproduziram hipotéticos cenários, tanto na articulação das diversas situações distribuídas pelo tecido, como para os equipamentos industriais, habitacionais, áreas agrícolas, entre outros.

Milena D'ayala Valva ⁽³⁸⁾ descreve o uso de imagens, metáforas e figuras como marcante e curioso no trabalho dos arquitetos, para Lecce surge a “esponja” representativa das áreas de dispersão assumidas, por exemplo, por texturas agrícolas, onde se habita, se trabalha de modo disperso, no entanto, com qualidade ambiental; a “pedra”, símbolo de áreas de grande densidade, grandes centros urbanos, maior densidade de infraestruturas, cujas áreas possuem, por vezes, uma história extensa; e o “tubo” como figura de eixos principais do território e materiais associados à mobilidade. Desta forma, relacionam os fatores de dispersão, infraestruturas e mobilidade, num território balanceado entre cheios e vazios. (VALVA, 2011)

- Loteamento

Pela alargada área em análise e pela impossibilidade de “habitar” e prever o seu desenvolvimento e expansão de forma concisa e infalível tomaram-se medidas guias/ diretrizes de condicionamento da apropriação de determinadas áreas, no entanto, ainda que tomadas pelos proprietários.

“São princípios do Plano e fundadores da ação pública orientando sobre a sua execução um amplo reconhecimento dos direitos de cidadania, o valor o investimento na construção e gestão de cada política territorial, a proteção do património histórico e da preservação do meio ambiente natural”. (VIGANÓ, 2001:12)



072. Morfologia do construído + olivas + vinhedos; morfologia do construído + Muros

⁽³⁸⁾ Parte da pesquisa desenvolvida na tese de doutorado intitulada *Da renovatio urbis à cidade porosa: um laboratório para a cidade contemporânea*, defendida na FAU-USP em 2011. Trabalho orientado pela prof. Dra. Maria Cristina da Silva Leme e coorientação da prof. Donatella Calabi durante o estágio de um ano no IUAV-Veneza (2008-2009).

03. Leitura do Lugar

“Se a identidade de uma cidade é artificialmente paralisada no tempo, se a pudéssemos bloquear numa fração do tempo dessa cidade, essa identidade congelada deixaria de representar a vida urbana em toda a sua totalidade, e, como todos sabemos, a realidade nunca para.”

(AGUIAR, 1999: 5)



073. Autora

3.1. O Lugar

“(...) Ei-lo diante de mim. Primeiro a costa, ao longe, violeta e vermelha, mais longe roxa e diáfana, mais longe ainda perdida na bruma. Aqui e ali uma aldeia ao sol – o Ferrel, Casais de Martim Mendes, a Atouguia da Baleia, e no espinhaço dos montes a linha azul dos pinheiros. No fundo Peniche e a formidável cenografia do Carvoeiro, que entra pelo mar dentro; à direita as Berlengas, que pelo recorte e pela cor parecem duas nuvens pousadas no mar; à esquerda as terras cortadas a pique. Uma grande rocha no mar, o Baleal, ligada à terra por um fio de areia, com uma baía ao norte e outra ao sul (...)”⁽⁴²⁾

BRANDÃO, 2004(1923): 52

População: 27.753 habitantes.

Área 77,7 Km²

Principais campos económicos:

Sector primário - Pesca e Agricultura

Sector secundário - Transformação

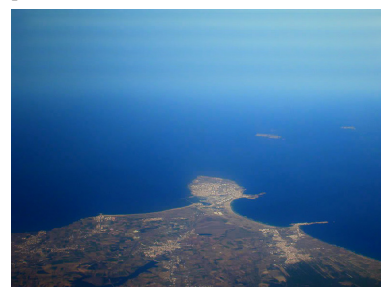
Alimentar

Sector terciário - Turismo e Serviços⁽³⁹⁾

⁽³⁹⁾ Retirado do website oficial da Câmara Municipal de Peniche - http://www.cm-peniche.pt/concelho_caracterizacao-concelho.

Peniche é uma Península com cerca de 10 Km de perímetro donde, avistando o lado ocidental em direção ao Oceano Atlântico avistamos o arquipélago das berlengas. Toda a costa é formada por laminados rochedos de forte presença e por estonteantes praias que se escondem nos mais maravilhosos recantos da “ilha”. O Concelho de Peniche, cidade desde 1988, localiza-se na zona Oeste de Portugal, “no corredor litoral que une as Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto, beneficiando de

074. Fotografia aérea do concelho de peniche



um posicionamento central no País” (CMP, 2009: 129), sendo também a cidade mais ocidental da Europa.

Para além de Peniche, enquanto freguesia, também a Atouguia da Baleia, Ferrel e serra d’El Rei pertencem ao concelho, a par das maravilhosas praias dos seus limites, de atração turística como, o Baleal “esplêndida estação balnear” (MONTEZ, 1976: 12), Supertubos e São Bernardino.



075. Concelho de Peniche.

A freguesia de Peniche divide-se em “de cima” (a norte) e de “baixo” (a sul), todavia esta divisão tem-se vindo a desmarcar ao longo dos tempos, já que a cidade se foi expandido para poente, pelo que, nos dias de hoje é uma questão pouco clara em termos de localização geográfica. Por outro lado, a freguesia começa ainda antes do fosso da muralha, abrangendo a zona de indústria contígua à muralha e o porto de pesca.

076. Fotografia aérea de parte da península de peniche onde se concentra o centro histórico



A Peniche de Cima, chegamos através da estrada marginal N114 que atravessa a zona de industria e armazéns, com vista à Praia da Gamboa do lado direito, escondida pelas “dunas brancas e ondulantes em que se espalha uma alcatifa prendada de chorão verde” e de frente, damos com a abertura da muralha: um portão alargado pelas exigências da vida moderna, acolhedor, atraente, a dar-nos as boas-vindas”.



077. Entrada da cidade pela Avenida Monsenhor Bastos.



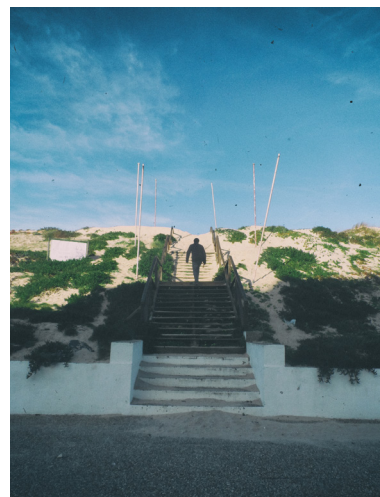
078. Avenida Monsenhor Bastos



079. “Abertura da muralha”



080. Praia da Gamboa



081. “Dunas brancas e ondulantes...”
Para lá, a Praia da Gamboa.

A Peniche de baixo, chegamos pela via paralela ao Porto de Pesca, com este mesmo nome, que atravessa uma das pontes sobre o fosso da muralha, em direção, no caso, à Avenida do Mar cuja direção a sul, culmina na fortaleza. Continuando o percurso pela Rua de São Marcos, continúa a norte do Porto da Areia Sul, antiga pedreira, chegamos a um ponto de conexão com a Estrada Marginal N114 cujo percurso, percorre todo o perímetro do limite geográfico da península, passando, a poente, pela Gruta da Furninha; seguida do Cabo Carvoeiro (ponto mais a ocidente); mais adiante, os Remédios, onde iniciamos o regresso à muralha mas, não sem antes avistarmos a Papoa, também esta ligada por um istmo, a norte e a nascente da “ilha”.



082. Fosso da Muralha



083. Forte de Peniche / Fortaleza



084. Percurso da Estrada Marginal - Remédios



085. Continuação do percurso pela Estrada Marginal - Revelim dos Remédios



085.



086. Rua da muralha, a caminho da Papoa



087. Percurso da Estrada Marginal, em direção ao Cabo Carvoeiro



088. Continuação do Percurso da Estrada Marginal, sobre as rochas, com vista ao Faról do Cabo Carvoeiro.



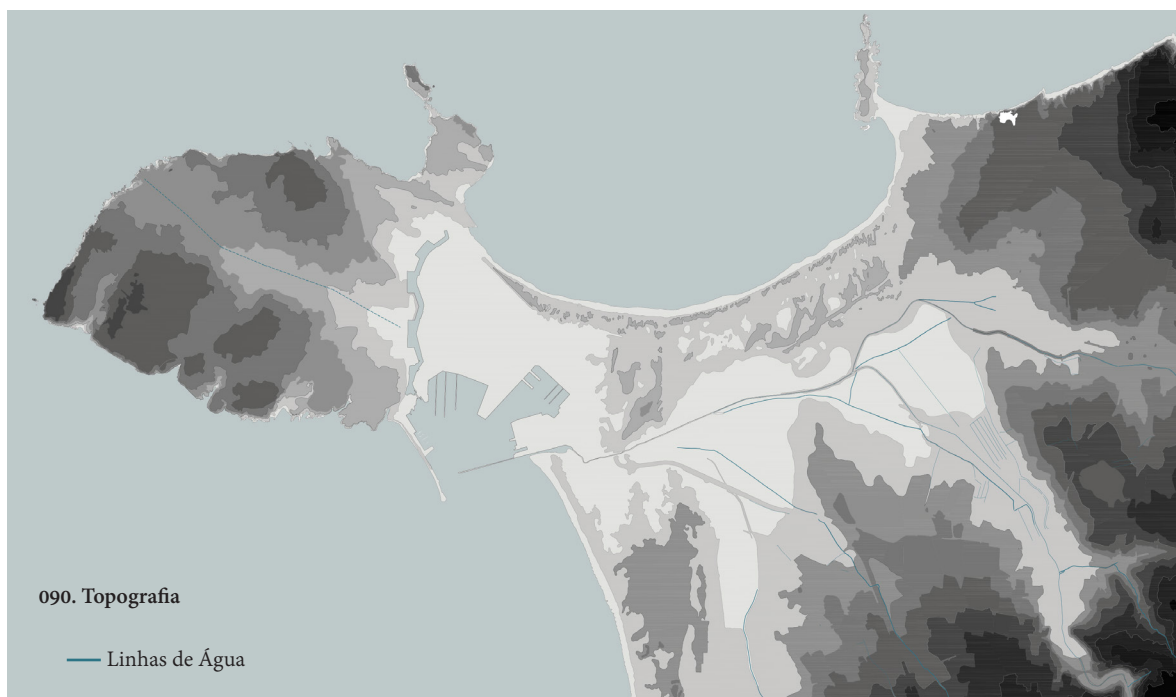


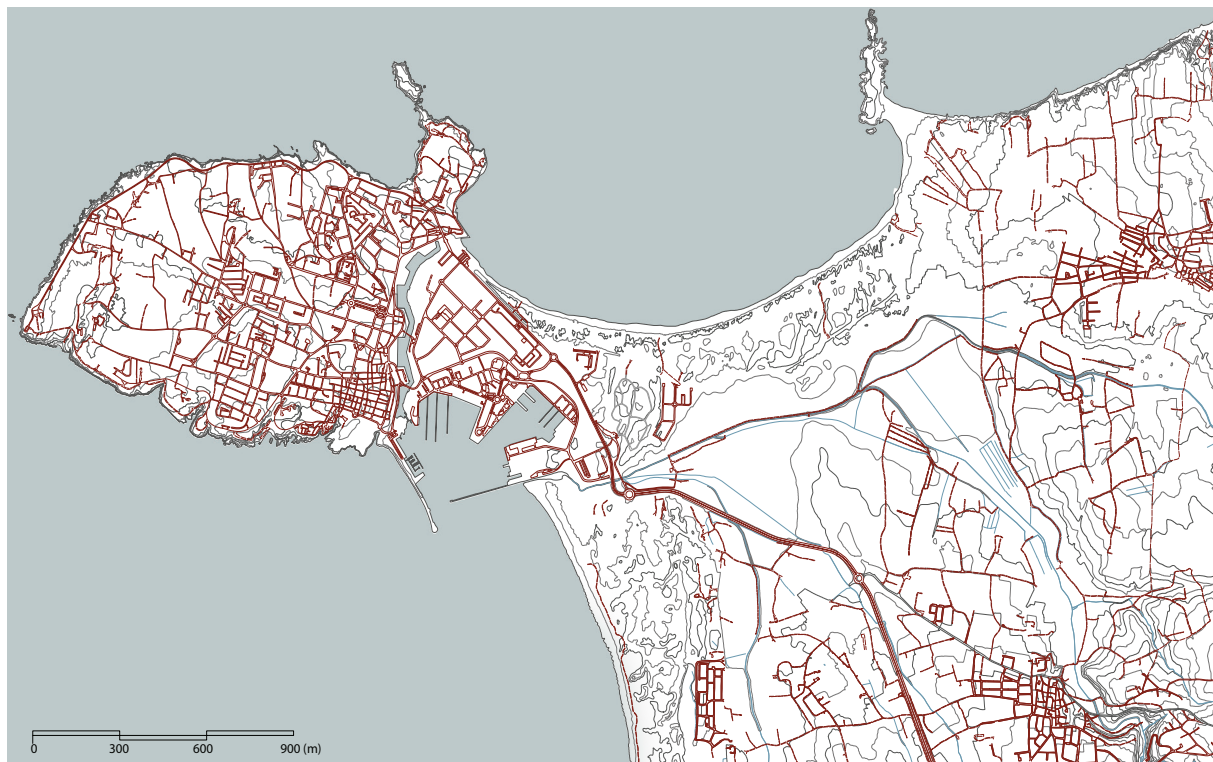
089. Fotografia aérea de Peniche

3.2. Peniche, na atualidade

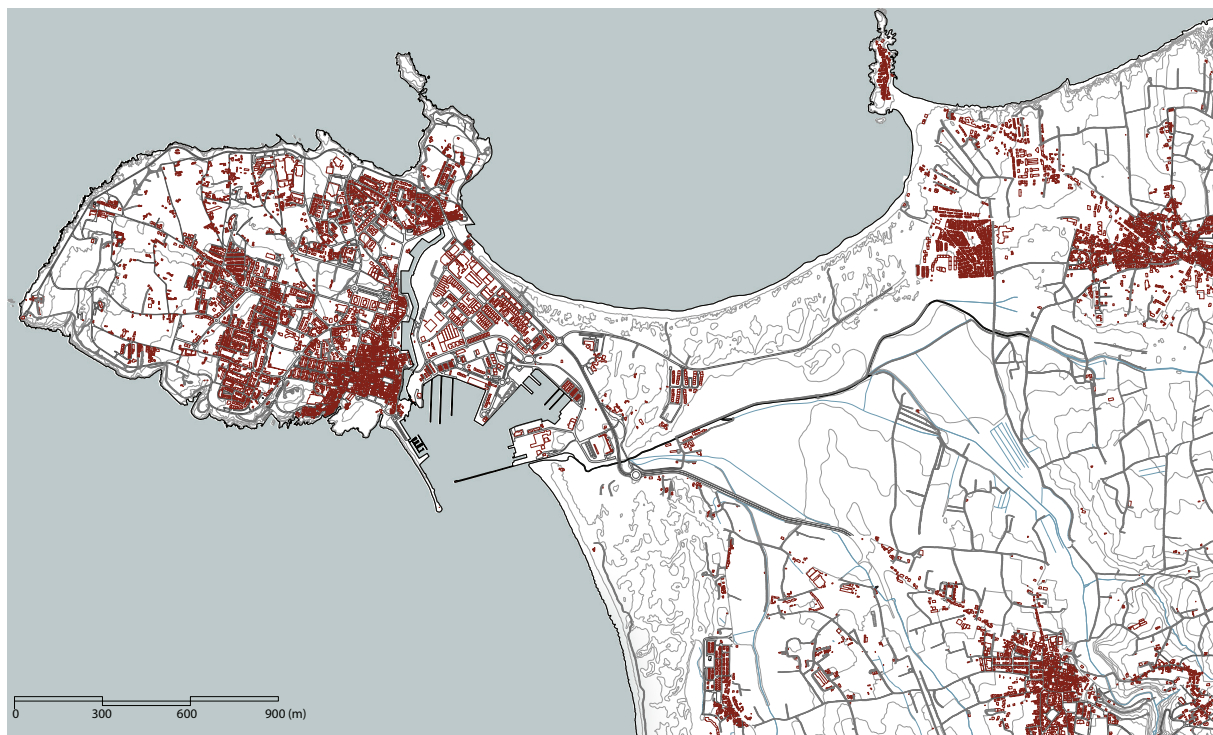
O PDM caracteriza a cidade como “um centro urbano equilibrado com oferta de valores e condições de vida em plano satisfatório no contexto nacional, regional e concelhio [...]. O sistema urbano atual é marcado, muito claramente, pelo contraste entre as zonas históricas e as áreas de expansão, sendo estas sobretudo constituídas pela faixa na orla sul, predominantemente habitacional” (PDM, 1995: 62-63.)

3.2.1 Análise do território





091. Vias sobre topografia



092. Relação de traçado urbano com o edificado



093. Interpretação do PDM original (1995)

- Espaços Naturais
- Espaços Culturais
- Espaços Agrícolas
- Espaços Florestais
- Espaços Urbanos
- Espaços Urbanizáveis
- Áreas de Verde Urbano e Enquadramento
- Espaços Turísticos
- Espaços Industriais Existentes
- Área Portuária e de Domínio Público



094. Tipos de solo

- Culturas não irrigadas
- Matos
- Solos artificializados
- Outros usos
- Pinheiro Bravo

No que diz respeito à península, tem-se verificado, como em muitos outros pontos de Portugal, a falibilidade no tecido urbano pela desarticulação entre a ciência da forma urbana e a prática, considerando os planos aprovados pelas autarquias locais por, precisamente, interesses políticos e económicos. Contudo, assume particularidades de crescimento urbano, no sentido em que, as políticas complementares de vocação turística, ao contrário do que se espera, não souberam defender a paisagem atrativa e pitoresca que atrai os visitantes, desconsiderando por completo o carácter e conservação da península.

Às datas do plano de Paulino Montez, arquiteto já mencionado, imaginava-se para Peniche um crescimento fugaz da população, atendendo às maravilhas de Peniche enquanto terra de mar, belas paisagens e clima favorável, no entanto, os planos urbanos foram idealizados numa perspetiva de futuro oposta à que se veio a verificar. Estes planos monumentais encontram-se fora de escala nas relações entre o espaço



095. Visível junto à praia, a Avenida Monsenhor Bastos, via de entrada na cidade de Peniche

096. Fotografia aérea de um supermercado na entrada da cidade.



⁽⁴⁰⁾ No capítulo anterior sobre o arquitecto Paulino Montez , a imagem 065, pág.48 retrata a monumentalidade dada à Avenida Paulo VI pelo arquitecto.

097. Fotografia aérea de uma área da cidade de Peniche, onde se destaca:

1. A zona do planeamento de Paulino Montez da Avenida Paulo VI. território dominado pelo descampado contíguo à zona “central”.
2. Zona industrial da Prajeira, que acompanha a entrada da península e que se encontra junto às muralhas



- A industria

Por outro lado, um dos maiores problemas que afeta a paisagem de Peniche é a existência de fábricas e armazéns, um pouco por todo o território e até nos limites físicos da cidade, onde o olhar deveria desfrutar de verdadeiros quadros reais contempladores do oceano.



098. Fotografia aérea de parte da Zona industrial e de armazéns

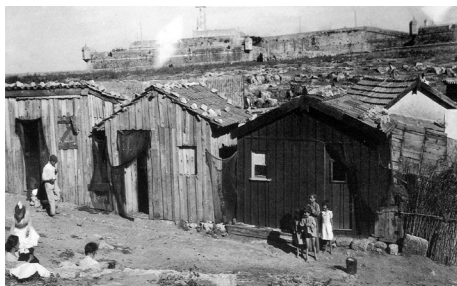
“A construção de inúmeras fábricas, que se espalham por todos os sectores da Vila, sem respeito pela estética local e pela saúde dos habitantes” (MONTEZ, 1943: 99).

A própria câmara municipal reconhece este desrespeito, tanto à paisagem como por quem habita afirmando, “os cheiros pestilentos, derivados dos coletores industriais e dos depósitos de guano, reduzem, mais do que a falta de alojamento, a frequência dos veraneantes que a Peniche se acolhiam” mesmo que tenha trazido alguma espécie de vantagem para a “economia do mar” , os resultados foram contraditórios- “dinamizou a economia do mar, tanto da pesca, como das atividades portuárias, a montante, da conservação e distribuição do pescado, a jusante” (CMP, 2009: 40-41)

- Os bairros sociais e ilegais

Em destaque na problemática do tecido penichense prevalece também o

facto da maioria da habitação no território ser de génese ilegal ou social, o que nos esclarece sobre a pobreza e condições precárias em que demasiada população vive. Este tipo de habitação surge da formação de cidade não planeada e de contornos indefinidos que, apesar de tudo, reconhecem a identidade de um povo pescador e agricultor.



100. Imagem das casas de madeira dos pescadores. “ Provavelmente em 1951”



099. Bairro do Visconde

3.2.2 Planear a Cidade

No seguimento da análise do território questionámos a forma de integração e aproveitamento dos recursos existentes, assim como o potencial programático do lugar, usufruindo de estratégias arquitetónicas, revitalizando e retomando a identidade de Peniche.

Desta forma, e avaliando os desenhos de análise anteriormente referidos neste documento, listámos uma série de carências que Peniche enquanto cidade apresenta - falta de coesão do tecido urbano no seu todo, e de percursos capazes de dinamizar o futuro da cidade (circuitos pedonais e de ciclovias) e arquitetónica pela existência de patologias do edificado e dissonâncias entre as áreas ocupadas e por ocupar.

Vários locais da cidade foram selecionados como possíveis, de intervenção de requalificação e reabilitação de espaços sob o ponto de vista arquitetónico enquanto motor regenerador da malha urbana como podemos verificar na figura 101. correspondente à planta da cidade de Peniche que seleciona pontos de possível intervenção nos domínios da arquitetura.



101. Áreas pertinentes de intervenção e alvo de coesão do tecido urbano

1. Requalificação e revitalização da zona de entrada da cidade de Peniche ocupada por uma zona de indústria. Os armazéns presentes nas “portas da cidade” encontram-se desqualificados e alguns deles desocupados, sendo que este é um local, não só de passagem, como de comércio e de chegada à cidade.

2. Intervenção na zona muralhada, utilizando esta “espinha dorsal” da cidade como limite que “separa, mas que une”, reaproximando Peniche da sua génese e identidade, tendo como matriz a sua formação inicial de ilha. Possível abertura de um canal de água, fazendo o prolongamento do fosso da muralha até ao mar e como consequência, a revitalização de espaços contíguos ao fosso, desde o extremo de “Peniche de cima” até à zona do Porto de recreio e da Praça.

3. Praia do Portinho da areia sul, espaço conhecido pela antiga pedreira e atualmente desocupado, cuja localização privilegiada se faz junto ao mar, característica potenciadora de uma (re) interpretação do

tecido urbano, possivelmente no desenvolvimento de um parque urbano.

4. Zona “central da cidade” planeada pelo arquiteto Paulino Montez da Avenida Paulo VI cuja “monumentalidade” não se adequa á dimensão de uma cidade como a de Peniche, destacando-se como alvo de coesão arquitetónica.

5. Por último, os Remédios, com alto valor histórico, simbólico, cénico, capaz de potenciar relações interpessoais que a cidade deve promover como objeto vivo e que promova a inclusão social ao poder ser acedido por toda a comunidade pela colmatção de áreas ocupadas, planeamento de espaços desocupados e criação de equipamentos.

3.2.3 Os Remédios como Espaço Público

“É nos próprios Remédios, frequente encontrar, engastados nos rochedos, restos de artículos de crinoides (as “vulgares estrelinhas”) – sendo este um exemplo da fauna que permitiu classificar estratigraficamente as diferentes camadas dos calcários que formam a península.”

CALADO, 1984 (1962): 26

O Largo dos Remédios, composto por uma “praça” em U, tal como todas as praças de análise neste documento referidas, é o culminar de um caminho, o dos Remédios, entre o centro da vila e o extremo oriente da península, envolvido por campos de há tempos agrícolas, essencialmente por videiras, protegidos por muros de pedra de calcário solta – cujo benefício se perdeu pelos tempos de extinção das videiras.

Generosamente para quem chega, abre-se a “praça” dos Remédios, de um gesto oblíquo, no seguimento da estrada do mesmo nome - hoje alcatroada, um dia de terra batida. O espaço organiza-se pela já mencionada capela de Nossa senhora dos Remédios – peça principal da composição- e as humildes casas agregadas de cada lado da “praça”, com extensões diferenciadas ⁽⁴¹⁾.

Os edifícios que compõem esta área em estudo remetem, na maioria deles ao séc. XIX sendo que, a totalidade das habitações nos limites do largo foram construídas entre o Séc. XIX e XX. A maioria destas são da responsabilidade da paróquia de Peniche (fig. 048) e encontram-se, também na maioria, desocupadas, circunstância que aferimos pelo



102. Estrada dos Remédios.
Antes de chegar ao largo

⁽⁴¹⁾ Verificamos a semelhança ao Santuário do Cabo Espichel, apesar deste apresentar uma diferente monumentalidade nos “braços” que compõem o volume edificado, também eles se apresentam desiguais na sua extensão.

gradual decair das cerimónias religiosas. Ao longo do tempo, o edificado que compõe o terreiro tem sofrido algumas alterações, essencialmente ao nível da fachada, contudo, a maioria delas carece de alguma espécie de preservação, seja ela de reabilitação ou restauro.

103. Planta de Localização dos remédios

- Património Paroquial
- Escola Superior de Tecnologias do Mar (ESTM)
- 1. Primeira implantação da ESTM



104; 105. Escola Superior de Tecnologia do Mar de Peniche do Instituto Politécnico de Leiria (Vista da Marginal)



104. Escola Superior de Tecnologia do Mar de Peniche do Instituto Politécnico de Leiria (Vista do Largo dos Remédios)

A Escola Superior de Tecnologias do Mar em Peniche (ESTM), do Instituto Politécnico de Leiria (IPLEiria), foi (re)construída em 1999. O complexo da ESTM assume a maior volumetria construída na área em estudo, a sul do largo e, visível a partir da estrada marginal norte, uma das principais vias de Peniche que percorre os limites físicos da península. A implantação deste equipamento e, não pondo em causa a necessidade da existência de uma instituição de ensino superior aliada às tecnologias do mar, veio a determinar no seguimento deste estudo, objeto desvalorizador do significado a que a praça dos Remédios foi criada. Aferindo o volume do equipamento e área ocupada, concluímos que a área dos Remédios, pouco

desenvolvida e cingida pela natureza, apresenta desproporcionalidade de escalas de ocupação do território, o que mimetiza o valor pitoresco do lugar.

Atualmente, as áreas que se espalham sobre o tecido de Peniche até aos Remédios, no cruzamento entre cheios e vazios (imagem 110.), apresentam falta de interação e significado entre os constituintes e “um vazio localizado entre outros vazios pura e simplesmente não existe” (CUNHA, Luíz *in*, TEIXEIRA, 2001: 237) ⁽⁴²⁾. Desde os acessos viários que se cruzam frente à Capela e a paisagem marítima, ao descuidado espaço de terreiro atualmente dedicado a veículos, ao solo rural imundo e aos muros desacreditados, uma desconsideração pelo espaço que poderia ser dotado de um alto valor de vivência do espaço.

⁽⁴²⁾ CUNHA, Luíz, *A Praça urbana na contemporaneidade*, In TEIXEIRA, 2001



106; 107. Lateral do Largo dos Remédios - Estrada dos Remédios; Largo dos Remédios. [da esquerda para a direita]
As imagens demonstram a forma como os “espaços livres” foram ocupados como parques de estacionamento.

Este cenário representa o oposto descrito por Calado - “Esquecemos de tudo, perdidos na contemplação do sítio dos remédios – paraíso de meditação, de sonho e de poesia.” (CALADO, 1984:26) assim sendo, imerge a necessidade de colmatação deste espaço seja a nível de qualificação dos percursos como de (re) qualificação do sítio enquanto espaço público, assim como através de equipamentos necessários.

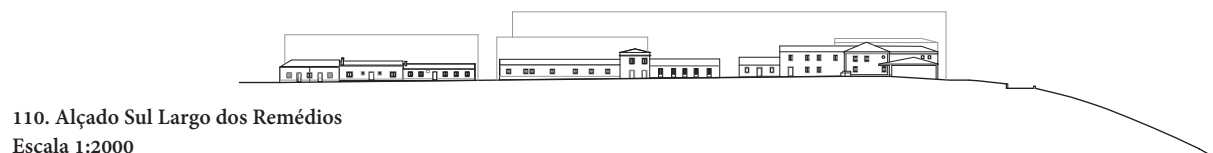
E perguntamo-nos, perante isto, em que podemos transformar esta “praça”, e o que podemos devolver e/ ou acrescentar, sem descaracterizar todavia, renovando o seu sentido e inovando o modo de habitar este espaço.



108. Cheios e Vazios - Remédios
Escala 1:2000



109. Alçado Norte- Largo dos Remédios
Escala 1:2000



110. Alçado Sul Largo dos Remédios
Escala 1:2000

04. Proposta

“O amanhã é sempre uma esperança... em peniche, fadada pelas suas excepcionais condições geográficas e belezas naturais, tem motivos de sobejo para aguardar um desenvolvimento cada vez mais palpável. Que, se o amanhã é sempre um sonho, há sonhos que podem ser autênticas realidades” (CALADO, 1984:441)



111. Da autora

4.1. Os Muros como arquitectura

“(...) se dá início à grande transformação económica e urbanística (...) os outeiros que deveriam pontilhar aqui e além a superfície da península, desaparecem; o planalto alisa-se e rasga-se o solo que começa a frutificar – (...) com o cultivo da vinha, do trigo, das árvores de fruto – defendidos com muros de pedra solta e cortinas de caniçais.”
(CALADO, 1991 (1962): 103)

Importa-nos conservar elementos básicos intransferíveis do lugar e que incorporam capacidades de continuidade cultural e de projeto. Isto reflete-se no desenho da arquitetura, tanto a nível do planeamento urbano como do edificado construído, assumindo um papel interpretativo e compreensivo do traçado morfológico, histórico, social e cultural. Paralelamente, indagamos um plano concebível no contexto do lugar e de paisagem contemporânea, do seu processo evolutivo e mutações, que represente qualidade de vida a quem vive e visita Peniche.

Pretendemos renovar o território pela interpretação crítica e criativa dos muros de calcário de pedra solta existentes um pouco por todo o território, construídos num contexto agrícola. No fundo, estes são traços deixados pela história que nos ajudaram a compreender a evolução da cidade e da sua identidade, apesar de estarem presentemente conservados sem utilização prática ao que foram criados.

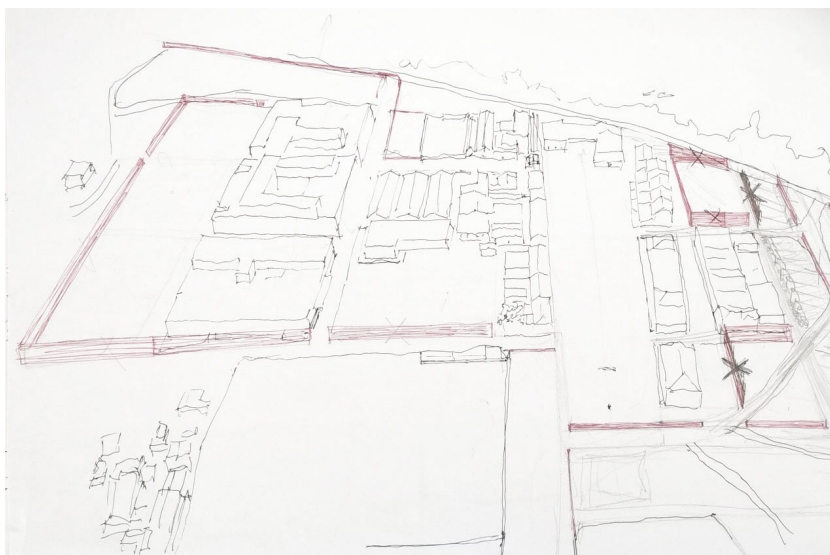
Por essa “consistência material (na qual se manifesta a imagem de obra de arte) devem ser feitos todos os esforços e pesquisas para que possa durar o mais longo tempo possível” (BRANDI, 1977: 6).

A utilização destes limites materiais da imagem do lugar pitoresco e testemunho das atividades agrícolas praticadas é, por si, um fator de conservação no sentido em que retém valores de território e patrimoniais naquilo que se torna essencial apreender e manter em Peniche.

Uma das estratégias encontradas para o controlo de crescimento urbano e colmatção do existente é a sensibilização à esquecida vinicultura, pelo que sugerimos a implantação de videiras retomando-se a função dos muros de pedra solta de calcário, num ato de (re)valorização do espaço desocupado em Peniche.

4.1.1 Percursos

Uma das estratégias de intervenção deste trabalho é a (re) estruturação de percursos, atendendo à morfologia e a fatores variáveis ao longo da sua história de povoamento como, a criação de percursos, extensão de sistemas no tecido e definição de espaços privados ou públicos de Peniche. Esta pesquisa permite-nos reconhecer o território e os espaços de excelência histórica e vivências culturais, através de estudos geográficos e morfológicos, iconografia e cartografia como diretrizes de um sistema itinerário e identitário para o território seja, na recuperação de vias perdidas nos tempos, preenchimento de espaços, ou colmatando outros de carácter público.



112. Da autora

4.2. Programa

“E perguntamo-nos o que está o “nosso” tempo a acrescentar, a dar, a ver, a entender desta praça? O que gostaria de aí ver? Para lá das erudição dos arquivos e dos papéis e do pó dos séculos, o que é para cada um de nós esta Praça hoje em dia? Que valor simbólico representa? Como é vivida hoje ? com muitos ou poucos ? com turistas ou habitantes apressados?” (RAMALHETE, Filipa (coord), 2009)

No seguimento deste trabalho que, partiu da análise aprofundada do território, foi eleito como local de intervenção programática, os Remédios, cujo local nos interessa pelo forte cariz histórico e simbólico, de tradição e cariz popular. Este lugar é o culminar de um percurso, cujo valor cénico parece-nos notavelmente destacado e alheio ao que desvendamos deambulando por entre os caminhos de Peniche.

Acreditamos na capacidade do limite fronteiro entre a terra e o mar, como estratégia de requalificação e dinamização da cidade, pensando que este não é um lugar isolado, mas sim um articulador entre as peças urbanas de Peniche e um impulsionador sociocultural pela implantação de equipamentos estrategicamente estudados.

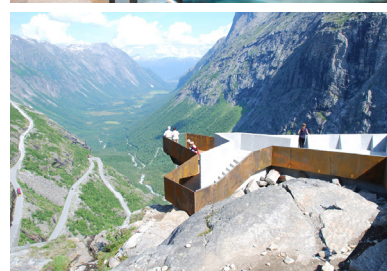
A intervenção resulta de uma leitura cuidada do espaço em que o “monumento natural” e o conjunto arquitetónico dominado pelo Largo

Referências de projeto:



113. Parque de Valdefierro em Zaragoza dos arquitetos Héctor Fernández Elorza e Manuel Fernández Ramírez

Sistema de muros num contexto de espaço público executados por materiais misturados do próprio local. As paredes ganham espessura e tornam-se habitáveis, ao mesmo tempo que protegem do vento e recebem o sol de inverno.



114. Rota Turística Nacional Trollstigen dos arquitetos Reiulf Ramstad, em Romsdalen, Rauma, Norway

O projeto é um conjunto exemplar da arquitetura construída sobre a paisagem, podendo esta relacionar-se de forma tão harmoniosa. Propicia ao visitante uma ainda maior conexão com a paisagem, numa visita que se faz sobre percursos e transações a instalações funcionais bem programadas. São premissas de projeto os próprios elementos naturais, a água e a neve como elementos dinâmicos e a pedra como elemento estático.



115. Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa dos arquitetos Camilo Rebelo e Tiago Pimentel

Para construir o museu de arte e arqueologia do Vale do Côa - um museu que se estabelece na paisagem - cruzaram-se diversos fatores: topografia, acessibilidades e programa.

dos Remédios são peças principais do contexto. Com isto, a materialização da proposta não será a de “emendar” a natureza, mas sim a de aprovação da mesma para a construção do programa, através dos já referidos muros de pedra de calcário; das vinhas; caniçais e restante vegetação autóctone.

4.2.1 (Re)qualificação de “sítios” (espaço público)

Iniciamos esta intervenção pela requalificação do Largo dos Remédios, e espaços contíguos, pelo singelo (re)desenho do terreiro e pela diferenciação de usos do espaço através dos pavimentos - O uso de pedra calcária (também ela trabalhada de forma a diferenciar os espaço), saibro (o próprio terreiro) e de argamassas asfálticas betuminosas agregadas por inertes das terras que circundam a península para, a delineação de percursos pedonais. São propostos espaços verdes (recorrendo a vegetação autóctone), e novos lugares de estacionamento necessários também pela implantação de novos equipamentos.

Numa intervenção de maior aproximação ao paisagismo, ainda que, sobre os ensinamentos da disciplina da arquitetura, qualificamos e renovamos a zona de encontro com as camadas rochosas, sugestivas de percursos e convidativas a percorre-las. Pela perceção visual de lugares de maior excecionalidade alcançáveis na imagem retirada da paisagem, criamos percursos deambulantes e *limites* construídos (crescentes ou decrescentes) condutores do olhar às Berlengas; ao cruzeiro dos Remédios; ao Cabo Carvoeiro; e ao “sítio” alvo de programa construído, o Largo.

4.2.2 Equipamentos

Enquanto que no contexto urbano e de parcelamento, os muros desempenham um papel limitador do espaço que o encerra e que é igualmente a passagem de um lugar a outro, na fase construtiva, os mesmos, encerram os espaços privados adquirindo uma espessura habitável e vivenciada. Após o estudo do clima e da paisagem, a (re) interpretação dos muros direcionados em defesa dos ventos fortes de noroeste, ganham uma imagem contemporânea, não pela variação da sua materialidade (pretendemos manter as técnicas originais de construção e a relação que possuem com o espaço evolvente), mas pelos materiais que a eles se conjugam, todavia, “que nunca se tocam”. Queremos com isto dizer que, pelo recurso a transparências (vidro) e a “materiais leves” (metais), destacamos os muros de pedra da restante composição do edificado.

- Centro de Interpretação e Pólo de Arqueologia Náutica e Subaquática

O Centro de Interpretação proposto tem como objetivo servir social e culturalmente não só os que visitam, como os habitantes da cidade, relembrando-lhes a sua história, valores de identidade e memória. Um centro de interpretação é um edifício com um programa didático-pedagógico que busca, sobretudo, dar visibilidade *in situ* ao tema e o conteúdo no qual se inspira.

Neste espaço penetrado pelas vinhas proporcionamos ao visitante, num percurso ascenso de uma torre, o prazer revelador de inesperados momentos, a experiência de percorrer as várias “molduras” da paisagem de Peniche desde o percurso mais humilde dos Remédios, ao Largo e, por fim, sobre a torre sineira da capela, as Berlengas destacadas entre o mar e o céu, difusos.

É sabido que ao longo da costa da Península de Peniche encontra-se uma quantidade inumerável de vestígios proveniente de naufrágios. É por isso, uma zona de interesse ao estudo científico da arqueologia náutica e de possivelmente, à Universidade de Tecnologias do Mar nos Remédios. Para o estudo destes artefactos é necessária não só uma ciência arqueológica experimentada em laboratório, como a investigação em terreno que, neste caso, não é nada mais que o Atlântico.

Assim sendo, “trazemos o mar à terra” e materializamos um tanque de mergulho que, no seu sentido mais poético da arquitetura é o inverso da torre construída no centro de interpretação, conectadas por um túnel que completa a relação entre a memória de um lugar, as vinhas e paisagem do atlântico, à experiência de mergulhar. No sentido inverso, a arqueologia encontrada e estudada no centro de investigação será exposta no centro de interpretação.

- Espaço de Restauração

O espaço de Restauração é um trabalho da arquitetura com o “sítio” continuo ao Atlântico e, por sua vez, aos aflorados e rígidos rochedos calcários no limite da “ilha”. Esta localização consequente de um estudo do clima e da paisagem, justifica-se não só pelo programa no âmbito da restauração como, por constituir na proposta, o final de um percurso iniciado na cultura, passando à investigação e culminando no puro lazer



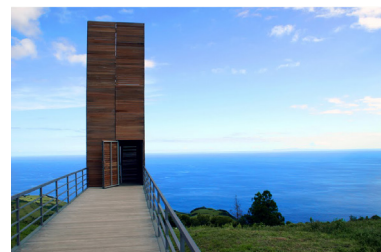
116. Centro Interpretativo da Paisagem da Vinha de SAMI-arquitectos.

Situada numa paisagem classificada de Património da Humanidade pela UNESCO, na Ilha do Pico, Açores, Santa Luzia. A edificação rural associa-se ao cultivo da vinha, tanto a nível da composição, como no sentido expositivo de visita ao centro interpretativo.



117. Centro de Interpretação Ambiental na Ilha de São Jorge da arquiteta Ana Laura Vasconcelos.

O edifício estabelece uma relação seguidora de minuciosos critérionternacional.



118. Miradouro do Pico dos Bodes, ilha de s. Miguel nos açores do arquiteto Luís Filipe Barata Almeida e Sousa.

A estrutura eleva os visitantes a um nível que permite um campo de observação da paisagem local de 360°.



119. Museu do Vinho no Pico, Açores do arquitecto Paulo Gouveia.

O museu é um dos integrantes de um pólo de três museus que juntos propiciam e valorizam o património cultural da ilha também associados à vinicultura.



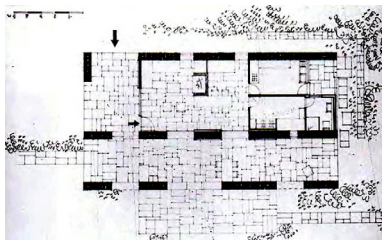
120. As Piscinas de Marés de Leça da Palmeira, em Matosinhos do arquiteto Álvaro Siza Vieira.

O complexo, consiste em vestiários, um café e duas piscinas- uma para adultos e outra para crianças.



121. Museu Hedmark do arquiteto Sverre Fehn

O Museu Hedmark nasce sobre as ruínas do Castelo medieval do bispo e do que mais tarde foi uma fazenda. Utiliza materiais do “nosso tempo” de forma a compreendermos essas ruínas.



Paredes e estruturas de pedra que suportam coberturas de betão, logicamente planeadas. um rígido padrão, laminado, adaptado às condições climáticas regionais. existe uma minuciosa preocupação em relação ao uso da luz nos espaços interiores e exteriores e a colocação da composição construída na paisagem.

contemplativo e social. Todavia, e apesar da beleza ímpar da implantação escolhida, o edifício sujeita-se aos fortes ventos. É o único entre os três equipamentos propostos em contacto com a avenida marginal e por esta razão, os constituintes deste espaço distribuem-se de forma a garantir espaços exteriores abrigados aos ventos.

Neste edifício, a cobertura “abre-se” para o mar, convidando-nos a deslumbrar o Atlântico e as berlengas.

- Materialidade

A diversidade de elementos verticais distribui-se em paredes de pedra espessas; paredes de alvenaria; betão (estruturais); de gesso (paredes leves no interior do edificado), pintadas de branco.

A estrutura dos três edifícios é feita por pilares de perfil tubular quadrangular e vigas de perfil em “I” metálicos (aço) pintados de branco. A utilização dos perfis metálicos nas paredes de pedra que suportam coberturas espaçadas das mesmas (entradas de luz natural), são assumidos e recorridos para a aplicação de luz artificial.

Relativamente aos pavimentos, o soalho de madeira é utilizado em zonas de receção, trabalho (escritórios) e nos dormitórios; o pavimento em cortiça em mosaicos de tom não contrastante às paredes de Pedra, no auditório; o pavimento epóxico autonivelante em cinzento, surge em zonas de maior passagem, armazéns ou sanitários.

Em toda a proposta, além da pedra calcária, está muito presente o pigmento férreo, característico da terra argilosa de origem vulcânica, tanto nas paredes de elementos excepcionais do projeto - “torres” ou no caso do espaço de restauração num pequeno percurso contemplativo- como nos pavimentos epóxidos do mesmo pigmento que preenchem espaços expositivos, e todo o percurso entre as “torres”, desde o ponto mais alto com vista às Berlengas, ao culminar de um túnel que as conecta.

O objetivo é uma proposta não descrente da paisagem natural e construída, persistindo a poética do lugar.

05. Considerações finais

O presente trabalho propôs a regeneração e colmatação da área dos Remédios, na cidade de Peniche, desde a reabilitação do espaço público, nomeadamente o Largo dos Remédios, à intervenção de maior índole paisagista, e ao desenvolvimento de equipamentos, sendo eles, o Centro de Interpretação, O Pólo de Arqueologia Náutica e Subaquática e o espaço de restauração, sempre sob os fundamentos da disciplina da arquitetura.

A razão de exploração deste território surge da conclusão percetiva de uma expressão urbana gerada sem qualquer tipo de planeamento, confirmada pela negligência da história de um povo de traçados culturais e tradições fortes que potenciariam a marca deste território. Hoje em dia, a identidade que encontrámos genuinamente em Peniche tem sido obstruída pela expansão tendencial em direção à periferia, alargando o *limite* da cidade, posição que tem angariado uma panóplia de inconvenientes urbanos caracterizantes do envelhecimento de Peniche, tornando as peças urbanísticas desadequadas e imprevisíveis, sabendo-se que o centro histórico será a única exceção a esta falta de coesão do tecido urbano, ainda assim com vazios e anexos murados.

Com isto, e sobre o fascínio pelo sítio e pela imagem das paisagens que circundam a, em tempos ilha, procedeu-se, sobre essa motivação, à análise do território que revelou diversos “sítios” problemáticos e suscetíveis de intervenção arquitetónica. Pelo estudo da *génese e percursos* (explorada neste documento no capítulo denominado de leitura do território), sugeriu-nos a própria história, os Remédios como, lugar a intervir. Esta área destaca-se não só como *limite* de uma cidade envolvida pelo mar, como

limite do próprio crescimento urbano alargado (atendendo à área de Peniche balanceada entre cheios e vazios) cuja história lhe destaca razão espiritual e de encontro com o “sobrenatural”, capaz de consolidar os espaços a colmatar desde o centro ao limite fronteiriço.

Todavia, e deparados com um espaço público, Largo dos Remédios, cujas razões religiosas têm vindo a decair, coloca-se como questão o que estará o “nosso” tempo a acrescentar a este espaço de arraial. Os “novos” tempos trazem novas necessidades e novos ritmos, apressados, que no caso, pretendemos até salvaguardar deles, a área dos Remédios. Trata-se exatamente de um lugar de contemplação, descoberta, experiência e lazer, contrastante da azáfama em que vivemos cada vez mais nas cidades. Perguntámos o que significa o terreiro sobre o qual intervimos; que valor simbólico representa; estudámos o modo como é vivido no presente; e só dessa forma alcançámos um programa com lógica de conjunto.

Após a apropriação de questões levantadas por autores, arquitetos e urbanistas, aprofundaram-se temáticas condutoras de projeto e até de resposta à viabilidade das soluções apresentadas. Conclui-se que olhar para o passado, sustentado por conhecimento da geomorfologia e de questões históricas, sociais, urbanas e climáticas, começam por desvendar um “sítio” que, comparado à perceção visual do mesmo num contexto atual e de conhecimento da situação alargada à economia e política da cidade, respondem à procura da matriz condutora de projeto e, suportam a existência dos equipamentos propostos.

Concluímos terminante o entendimento do potencial gerador de vivências e dinamização de uma cidade, através de um pensamento global resumido num lugar estratégico, sabendo que uma previsão teórica é o início de uma concretização prática.

No final, remanesce o desconhecimento do desfecho deste projeto de arquitetura na possibilidade de preservar os lugares propostos, sem que estes resultassem apenas em vontades, não obstante da exequibilidade do mesmo a nível programático e construtivo.

A nível futuro, deseja-se que este trabalho ganhe força, se possível, outro formato e dimensão e, que se torne, deste modo, uma da base para próximas investigações.

06. Bibliografia

ABEL, António. *Os Limites da Cidade* (dissertação apresentada à Universidade de Évora para obtenção do grau de Doutor em Arquitetura), Évora, 2007/2008

CULLEN, Gordon. *Paisagem Urbana*, Architectura & Urbanismo 1, Edições 70, Lisboa, 1973.

AKIYAMA, Renata , PEDRAZZINI, luisa. *From Territorial cohesion to the new regionalized europe*, Maggioli.p.A, RN, 2011

AMARAL, Francisco Keil do,[et al.], *O Santuário da Nossa Senhora do Cabo no Espichel*, Fundação Calouste Gulbenkian , Lisboa, 1964

BRANDÃO, Raul. *Os Pescadores*, Porto Editora, Porto, (1923) 2004

C. Brandi, Teoria del Restauro, Turim, Piccola Biblioteca Einaudi, 1963 (2ª ed. de 1977),

CACCIATORE, Francesco. *Il muro come contenitore di luoghi - The wall as living place*, Lettera Ventidue, Italy, 2011

CALADO, Mariano. *Peniche na História e na Lenda*, 3ª edição (Edição de autor), Cacilhas, (1962)1984

CALADO, Mariano. *Da Ilha de Peniche*, edição de autor, Peniche, 1994

CÂMARA MUNICIPAL DE PENICHE. *Magna Carta: Peniche 2025*. Peniche, CMP, 2009

CARVALHO, Sérgio Luis. *idades medievais portuguesas*, Lisboa, 1989

CHOAY, Françoise. *O Urbanismo: utopias e realidades, uma antologia*, Editora Perspectiva, São Paulo, (1992) 2005

CHOAY, Françoise. *Pour une anthropologie de l'espace*, Seuil, Paris, 2006

CHOAY, Françoise; MERLIN, Pierre, *Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement*, Paris:PUF, 1988

COELHO, Carlos,[coord.]. *Os elementos urbanos*, Grupo de Investigação Forma Urbis Lab, Argumentum, Lisboa 2013

COELHO, Carlos,[coord.] ; *Os elementos urbanos*, Grupo de Investigação Forma Urbis Lab. Argumentum, Lisboa 2013

CONZEN, M. R. G. *Alnwick, Northumberland: a study in town-plan analysis* *Institute of British Geographers Publication*, 27 (George Philip, Londres), 1960

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano – A Essência das Religiões*, Edição Livros do Brasil, Lisboa (1992) 2002

FERREIRA, Vítor Matias. *Fascínio da Cidade. Memória e Projeto de Urbanidade*, Centro de estudos Territoriais (ISCTE) e Ler Devagar, Lisboa, 2004

FIGUEIRA, Pedro Cervantes de Carvalho. *A indústria de Peniche*, Associação Promotora da Indústria Fabril, Biblioteca das Fábricas, Lisboa, 1865

GORJÃO, Jorge. *Lugares em Teoria*, Caleidoscópio, 2009

LAURENTIIS, clara , *Francis Alÿs. Percursos e desvios* (projeto final de mestrado), FAUUSP, Junho, 2014

LOFLAND, Lyn H. *A World of Strangers: Order and Action in Urban Public Space*, Reprint edition, Prospect Heights, Ill.: Waveland Pr Inc, 1985.

LOPES, Flávio; CORREIA, Miguel Brito. *Património Arquitectónico e Arqueológico: Cartas, Recomendações e Convenções Internacionais*, Livros Horizonte, Lisboa, 2004.

LÔBO, Margarida Souza. *Planos de Urbanização: A época de Duarte Pacheco*, 1995

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*, Arte & comunicação 15, Edições 70, Lisboa, (1960) 1999

MENDES, Manuel. *Regresso à Baixa*, consulta para a elaboração do programa de requalificação da baixa portuense, FAUP publicações, Porto, 2001

MEYER, Han. *City and Port: Urban Planning as a Cultural Venture in London, Barcelona*, New York and Rotterdam, 1999

MIRCEA, Eliade. *O Sagrado e o Profano – A Essência das Religiões*, Edição Livros do Brasil, Lisboa, (1992) 2002

MONTEZ, Paulino. *A estética de Lisboa: formação da urbe, traça contemporânea, sector monumental, plano de urbanização*, edição de autor, Lisboa,1935

MONTEZ, Paulino. *Estudos de Urbanismo em Portugal: 8-10, Praias do Concelho de Peniche: Baleal, Consolação e S. Bernardino: Planos Gerais de Extensão e de Regularização*, P. Sociedade Industrial de Tipografia, Lisboa, 1976

MORIN, Edgar. *Le Paradigme Perdu: La Mature Humaine*, Editions du Seuil, 1973

MUMFORD, Lewis. *A Cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas*, Martins Fontes, São Paulo, 1998

PANERAI, Philippe. *Análise Urbana*, UnB, Brasília, (1999) 2006

PEIXOTO, L.C. *Peniche: Bilhetes Postais Ilustrados*, Rio Maior, edição de autor, 2003

PEIXOTO, L.C. *Subsídios para a história da “arte de anzol, redes de emalhar e covos em Peniche”*, edição de autor, Rio Maior, 2002

RAMALHETE, Filipa. *Praça do Comércio - Percepção e representação do espaço: presente e futuro*, Universidade Autónoma de Lisboa, S.A., Outubro 2009

RAPOPORT, Amos. *Aspectos Humanos de la Forma Urbana*, GG, Barcelona, 1978

ROSSA, Walter. *Fomos Condenados à Cidade: Uma década de estudos sobre património urbanístico*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015

PORTAS, Nuno. *Cidades e Frentes de Água*, APL, Administração do Porto de Lisboa, 1998

SANDINO, Fernando Villanueva. *Construir sobre el pasado*, COAAO, Sevilla, 1988

SECCHI, Bernard, VIGANÒ, Paola. *Un projet pour le grand Paris et la métropole de l'après-Kyoto*, Metispresses, Veneza, 2011

SILVA, Manuela Santos. *A região de Óbidos na época medieval*, Caldas da Rainha, Património Histórico-Grupo de Estudos, 1994

SIZA, Álvaro. *Obras e Projectos*, Matosinhos, Electa, 1995

SOLA-MORALES, Manuel. *Las formas de crecimiento urbano*, Edicions UPC, Barcelona, 1997

RAMALHETE, Filipa (coord). *Praça do Comércio - Percepção e Representação do Espaço Presente e Futuro*, Edial, lisboa, 2009

RIBEIRO, Orlando, Portugal e o Mediterrâneo, Sá da Costa, 1ª edição, lisboa 1945

TEIXEIRA, Manuel. *A Praça na Cidade Portuguesa*, Livros Horizonte, Lisboa, 2001

TRÍAS, Eugenio. *Lógica del Limite*, Ediciones destino, Barcelona, 1991.

TRIGUEIROS, Luiz, Álvaro Siza. 1986-1995, Editorial Blau, Lisboa 1995: 9-24.

VALVA, Milena D'Aayala. *Da renovatio urbis à cidade porosa : um laboratório para a cidade contemporânea*, (Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo), São Paulo, 2011

VIGANÒ, Paola. *Piano Territoriale di Coordinamento della Provincia di Lecce*, 2001

WHITEHAND, J. W. R. *The structure of urban landscapes: strengthening research and practice*, Urban Morphology 13, 2009

AGUIAR, José. *A conservação da identidade do património urbano e o lugar às novas arquitecturas* In, *Estratégias de Reabilitação dos Centros Históricos*. Vila Real, URBE, 1999: 27-46

CORBOZ, André. *Il território come palimpsesto*, Casabella. N°516, 1985

CORBOZ, André, *El Territorio como palimpsesto* In, *Lo urbano en 20 autores contemporâneos* (Do documento original: *Le territoire comme palimpseste* aparecido em Diogenes, 12. Janeiro-Março 1983, pp. 14-35) , ETSAB, abril 2004

DIAS, Maria Helena e INSTITUTO GEOGRÁFICO DO EXÉRCITO, *Catálogo portugalliae civitates, perspectivas cartográficas militares*, 1ª edição, 2008

GASPAR, Jorge, *A morfologia urbana de padrão geométrico na idade média*, In *finisterra*, VOL. IV, N°8, 1969

LUCENA, Armando de, *Caminho português de Santiago* In, *Belas artes : Revista e Boletim da Academia Nacional de Belas Artes*, s. 2, n° 21-22, 1966

MESTRE, Victor, *Intervenção no Cabo Espichel*, In *Arquitetura e Vida* N°4, Junho 2001: 16-21

MUNICÍPIO DE PENICHE, *Rota das igrejas, Itinerário pelo património religioso* (folheto)

NETTO, Vinicius M.A, *Urbanidade como devir do urbano*, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil

NUNES, João Arriscado. *Fronteiras Hibridismo e Mediatização, Os Novos territórios da Cultura* In, *Revista Crítica de ciências Sociais*. Coimbra, N° 45, Maio, 1996

PEREIRA, Nuno Teotónio, ARQVIDA N° 17, Junho 2001: 16-21

PINON, Pierre, *relations entre formes d'occupation* In, *architecture d'aujourd'hui* N°164, 1972: 4-11

- Planos Municipais e Legislação

Câmara Municipal de Peniche, **Magna Carta**: Peniche 2025. Peniche, CMP, 2009

MONTEZ, Paulino. *Peniche : Um plano de extensão de regularização e de embelezamento da vila*, revista arquitectura, 1943

PDM - **Plano Diretor Municipal**, publicado em Diário da República N°265 - 16-11-1995,

- Fontes audiovisuais

DGEMN, Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, CD- ROM, Lisboa, 2001

- Webgrafia

ALÿS, Francis. [Consult. 01 de Junho de 2017]. <http://francisalys.com/>

BRANDÃO, Diogo, 2013, *In Jornal Voz da Verdade, Santuário de Nossa Sennhora dos Remédios, em peniche – Descer às raízes da fé*. [Consult. 01 de Junho de 2017] <http://www.vozdaverdade.org>

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA, *Mais um passo na devolução da Praça do Comércio à cidade In*, Cultura e lazer, Setembro, 2016. [Consult. 01 de Junho de 2017]. <URL: <http://www.cm-lisboa.pt/noticias/detalhe/article/mais-um-passo-na-devolucao-da-praca-do-comercio-a-cidade>>

MUNICÍPIO DE PENICHE. [Consult. 01 de Junho de 2017]. <http://www.cm-peniche.pt/CustomPages/ShowPage.aspx?pageid=3e524d-c8-7a9d-42c4-881a-f0484477eb95&q=%C3%89POCA%20ROMANA>

MUNICÍPIO DE PENICHE. [Consult. 01 de Junho de 2017]. http://www.cm-peniche.pt/concelho_caracterizacaoconcelho

SIZA, Álvaro, 1992 *In*, [Consult. 01 de Junho de 2017] <URL: https://www.si.ips.pt/ese_si/WEB_BASE.GERA_PAGINA?P_pagina=28267>

WHITEHAND, J.W.R, *British urban morphology: the conzenian tradition*, School of Geography and Environmental Sciences, University of Birmingham, UK, 2001: 103-109 [Consult. 01 de Junho de 2017]. <URL: <http://www.urbanform.org/pdf/whitehand2001.pdf>>

VIN & SOCIÉTÉ, [Consult. 01 de Junho de 2017]. <URL: <https://www.irancy.org/vins-rouge-bourgogne.php>>

Vinhas de Irancy, [Consult. 01 de Junho de 2017] <URL: <http://www.vivendoa-vida.net/?p=19436>>

07. Anexos

Índice de Anexos

7.1 Processo de trabalho	105
7.1.1 Desenhos	107
- (Re) qualificação do espaço público - Caminho dos Remédios	107
- Os Muros como Arquitetura; Percursos	108
- Santuário dos Remédios	111
- Novos equipamentos	112
7.1.2 Maquetes	114
7.2 Peças de apresentação final	117
7.2.1 Maquetes	119
-Território Área dos Remédios	119
-Espaço de Restauração Bar e Restaurante	120
-Centro de Interpretação e Pólo de Investigação de Arqueologia Náutica	121
- Torre de Contemplação Centro de Interpretação	123
-Dormitórios Pólo de investigação de arqueologia Náutica	126
7.2.2 Painéis	129
PAINEL 1 - O Território como Palimpsesto - Localização; Análises do território	
PAINEL 2 - A Sedução do Lugar - Localização; Percursos; Estratégia de Projeto	
PAINEL 3 - Os Muros como Arquitetura - Implantação	
PAINEL 4 - Os Muros como Arquitetura (Antes, agora e depois) - Fotomontagens (Espaço público e Novos equipamentos)	
PAINEL 5 - Programa (Restauração) - Plantas e Cortes	
PAINEL 6; 7; 8 - Programa (Centro de interpretação; Pólo de Investigação de Arqueologia Náutica) - Plantas e Cortes	
PAINEL 9 - Centro de Interpretação - Torre de Contemplação (Desenhos de detalhe construtivo, perspéticos)	
PAINEL 10 - Pólo de Investigação de Arqueologia Náutica - Pormenores Construtivos	

7.1 Processo de Trabalho

7.1.1 Desenhos

- (Re) qualificação do espaço público - Caminho dos Remédios



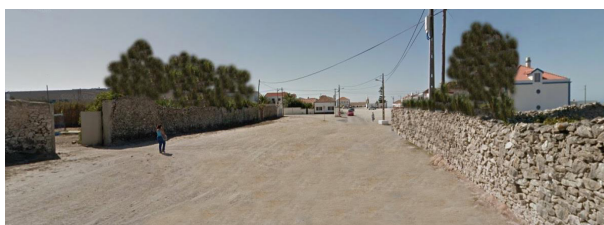
Onde “começam” os Muros de Calcário no caminho dos Remédios



Caminho dos Remédios - espaços de maior área



Chegada ao Santuários dos Remédios



- Os Muros como Arquitectura, Percursos

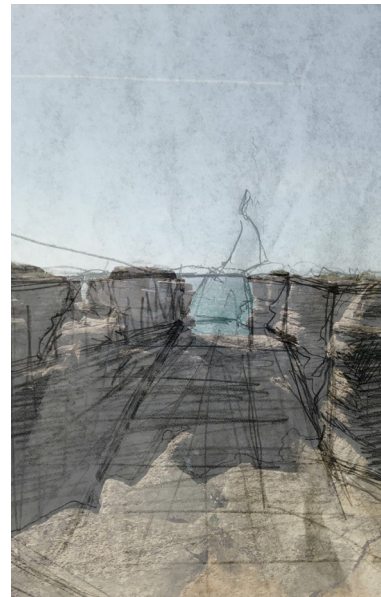
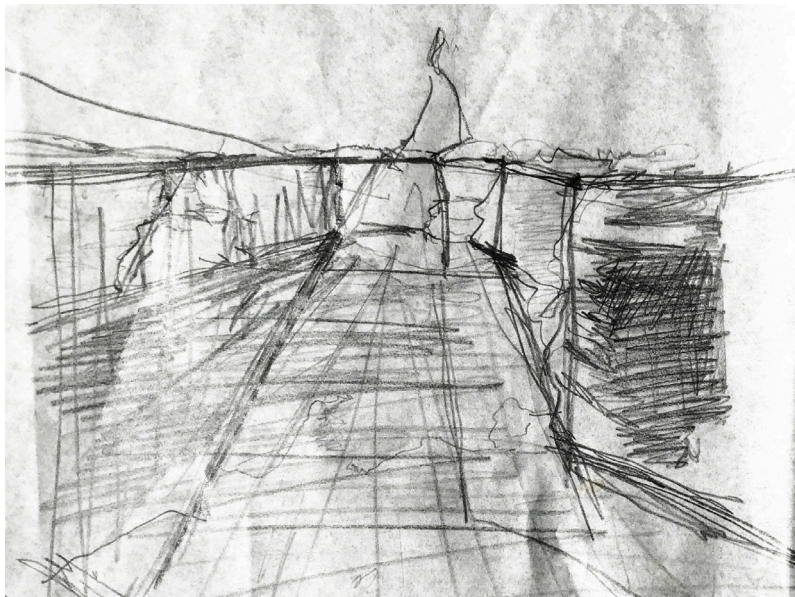




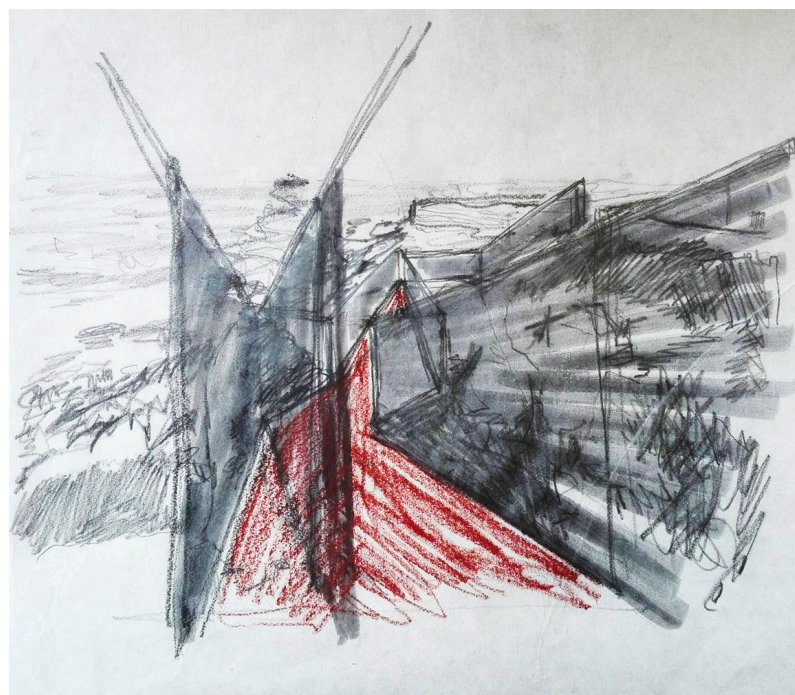
Vista ao Cabo Carvoeiro



Vista à Cruz dos Remédios

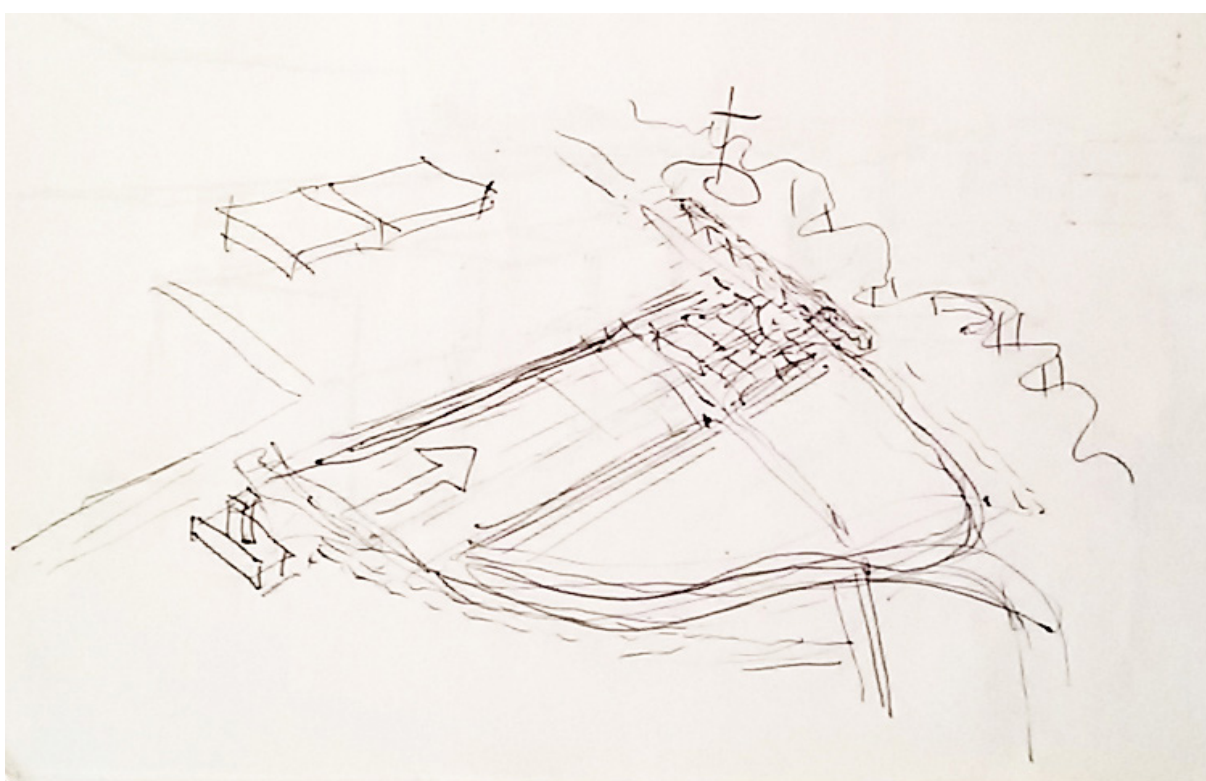


Momentos de Contemplação



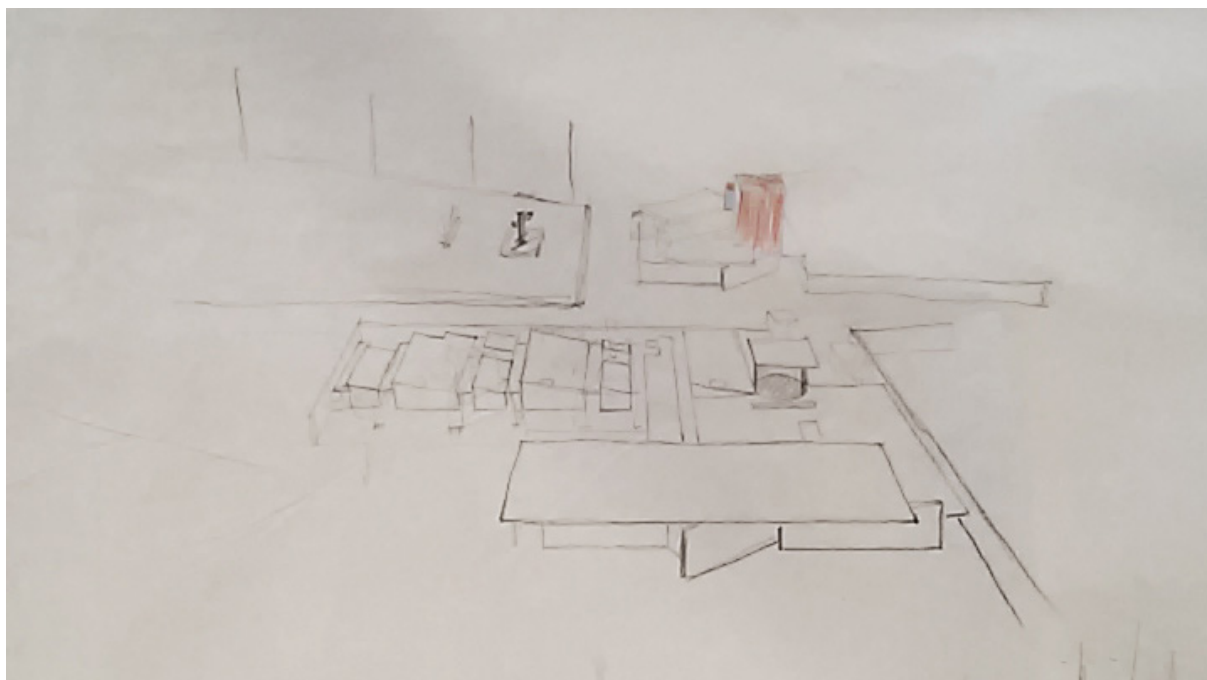
Percurso entre as Rochas

- Santuário dos Remédios

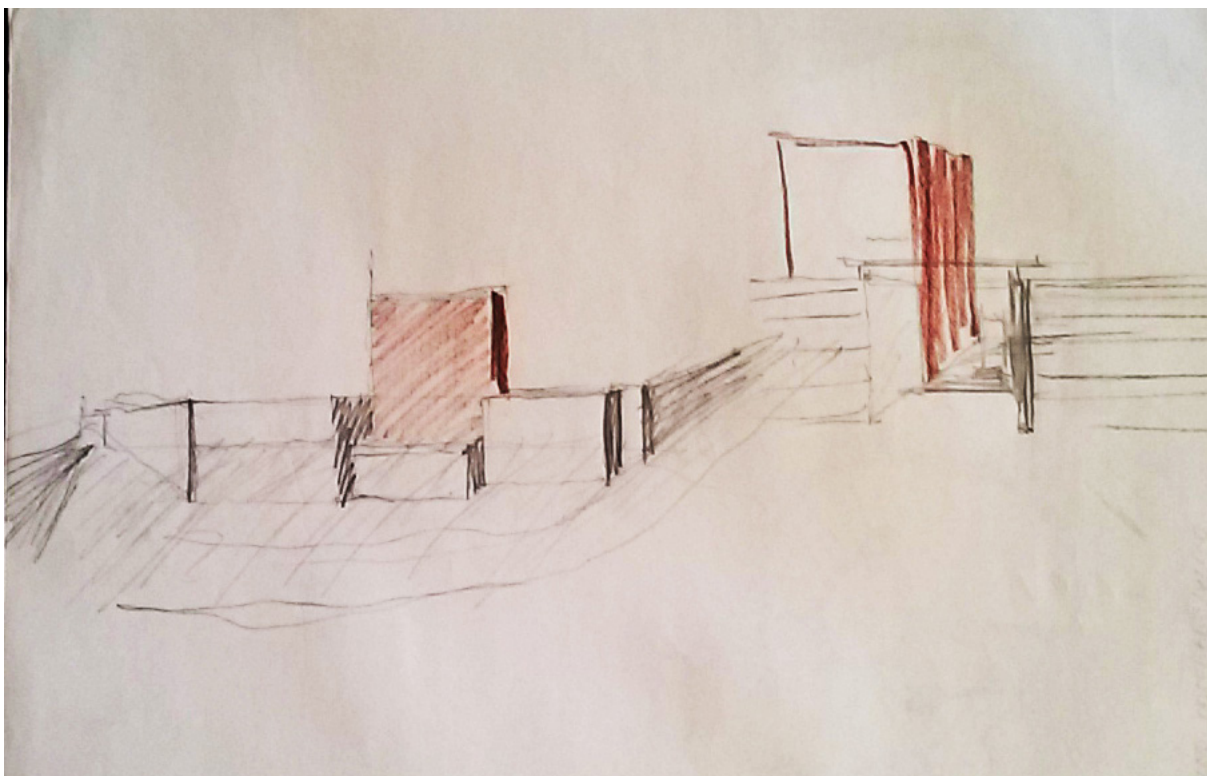


Desenho de João Nuno Pernão

- Novos equipamentos



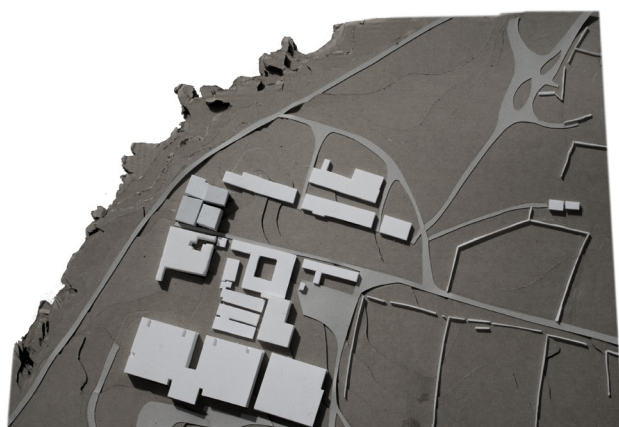
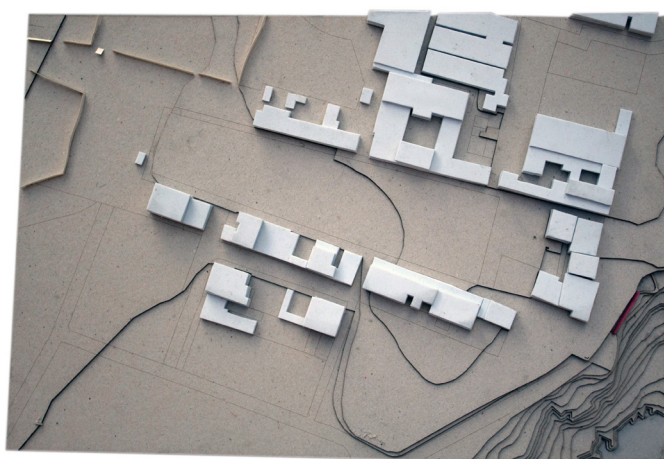
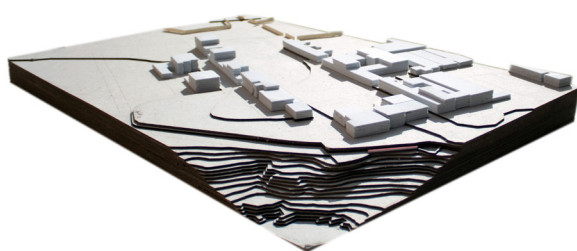
Centro de interpretação; Pólo de Investigação de arqueologia; Cruzeiro



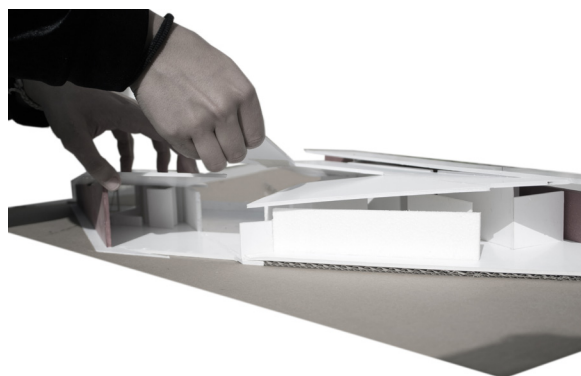
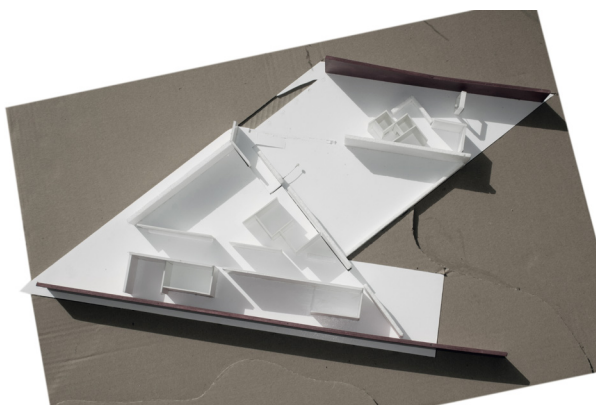
A Torre de Contemplação

7.1.2 Maquetes de estudo

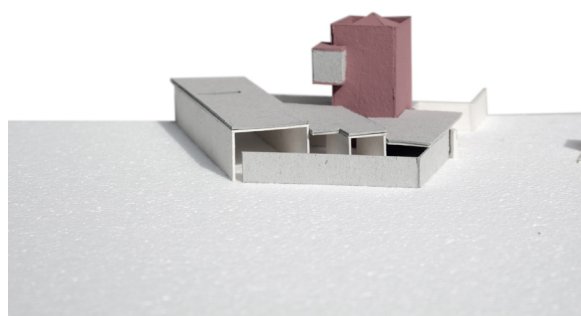
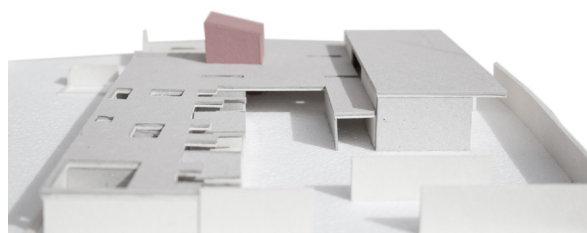
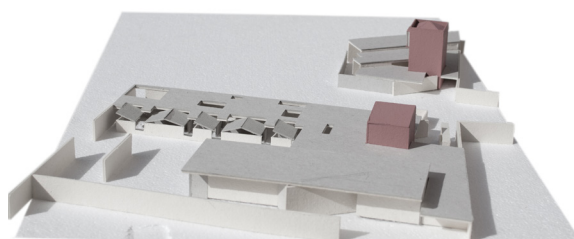
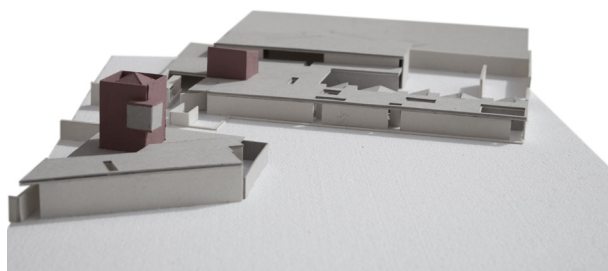
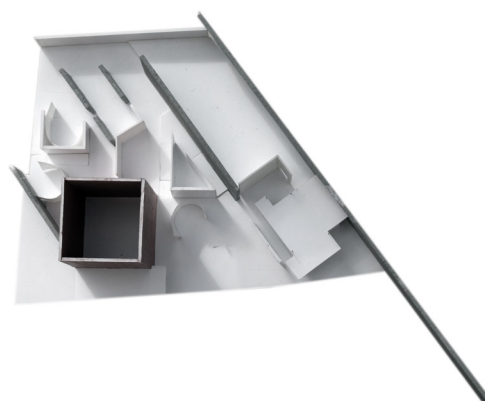
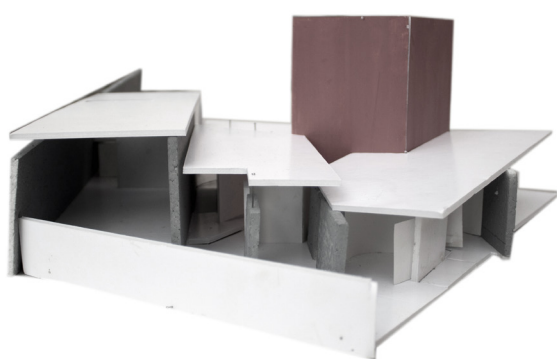
- Estudo da área dos Remédios



- Espaço de Restauração



- Centro de Interpretação | Pólo de investigação de arqueologia Náutica



7.2 Peças de apresentação final

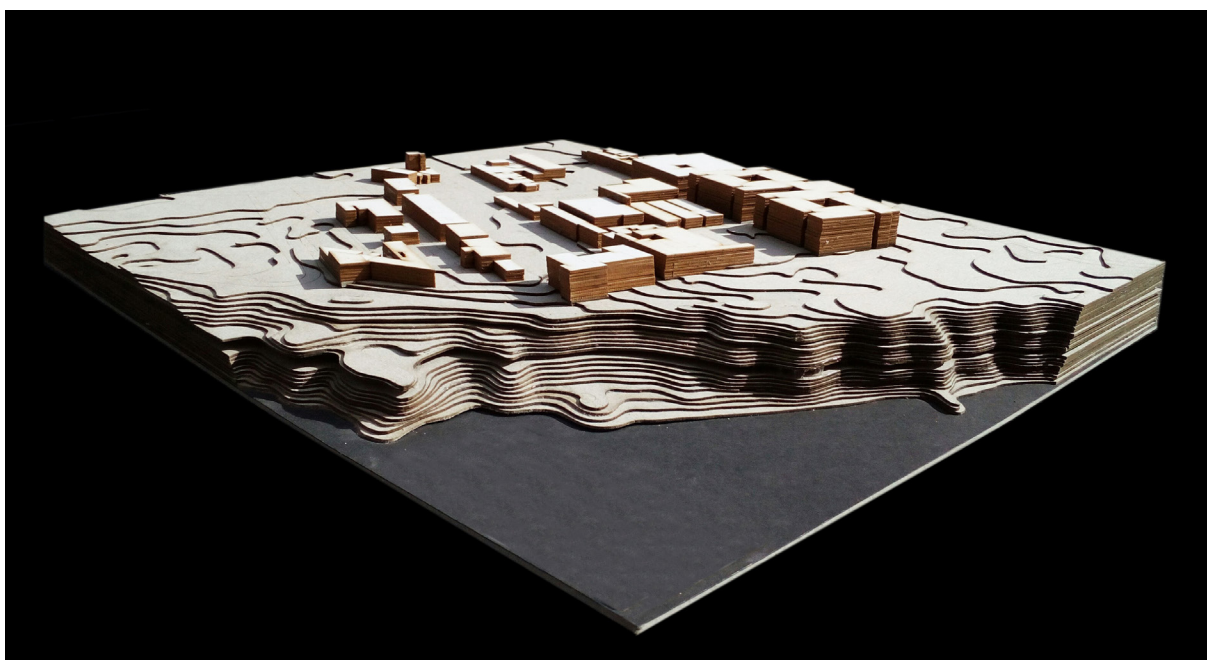
7.2.1 Maquetes

Maquete escala 1:1000

TERRITÓRIO | ÁREA DOS REMÉDIOS

Representação dos espaços cheios e vazios no confronto de escalas e volumetrias do existente, sendo a peça de destaque, o Santuário/ Terreiro dos Remédios

Modelo tridimensional representativo da intervenção a nível urbano, assim como do novo edificado construído.

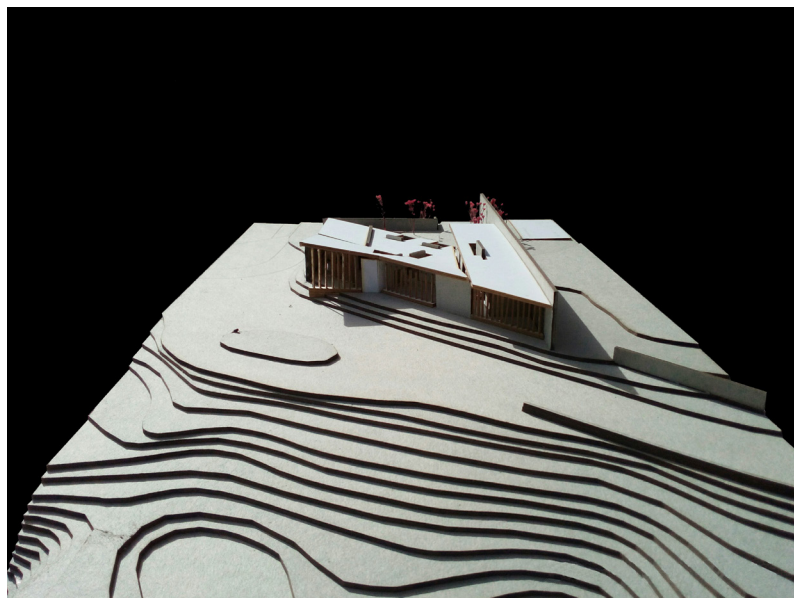


Maquete escala 1:200

ESPAÇO DE RESTAURAÇÃO | Bar e restaurante

Representação tridimensional do espaço de restauração implantado sobre os aflorados rochedos de pedra calcária.

Com a envolvente, destaca-se a relação direta com o mar, enquanto que em volumetria, a maquete expõe a forma e distribuição dos diferentes espaços de bar, restaurante e pátio.

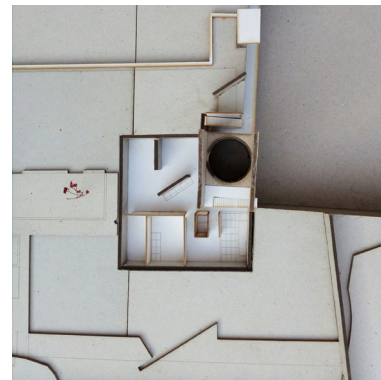
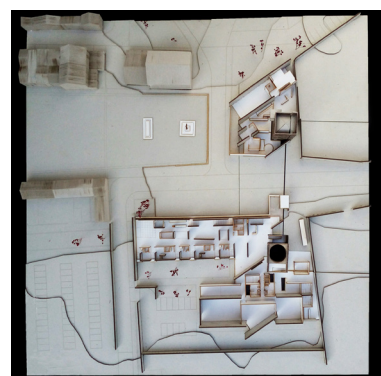
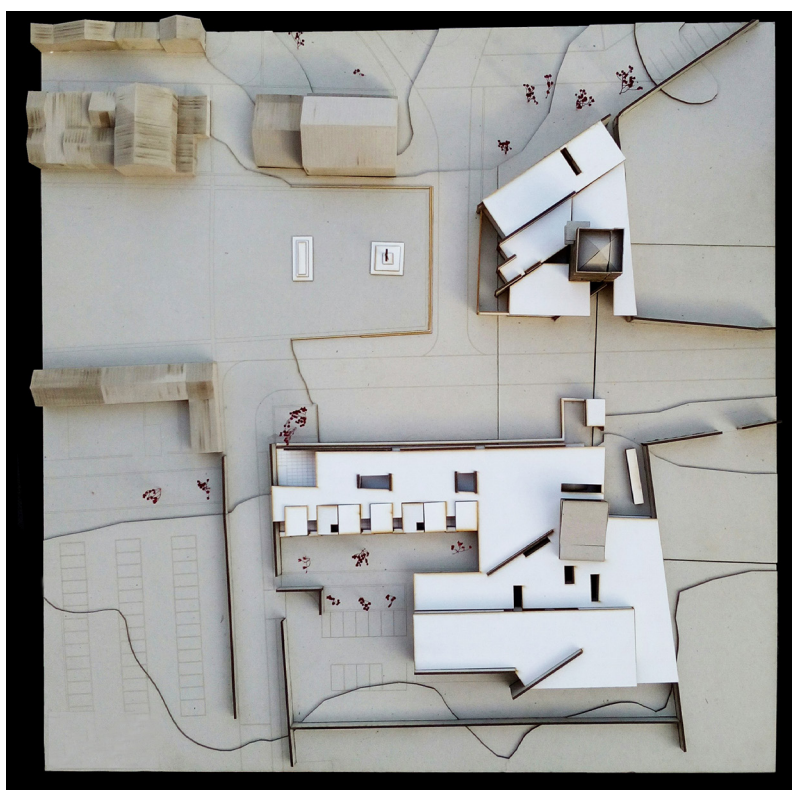


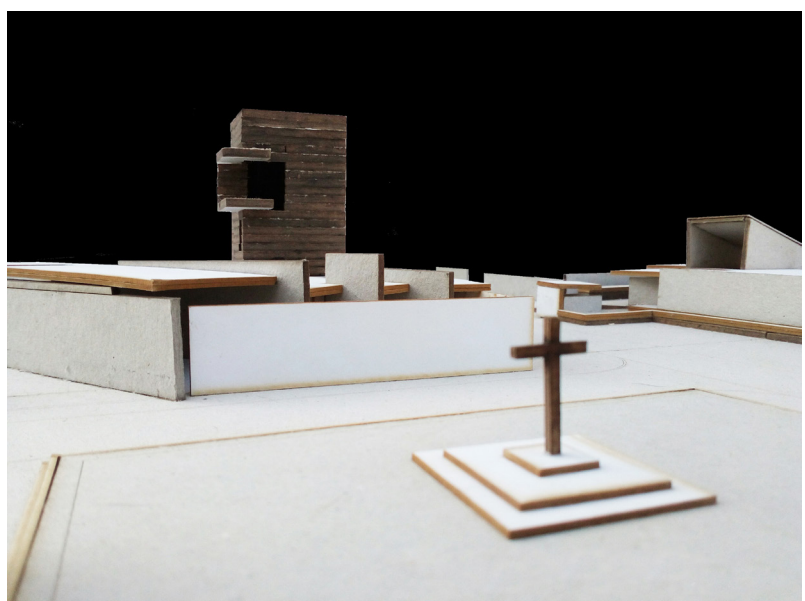
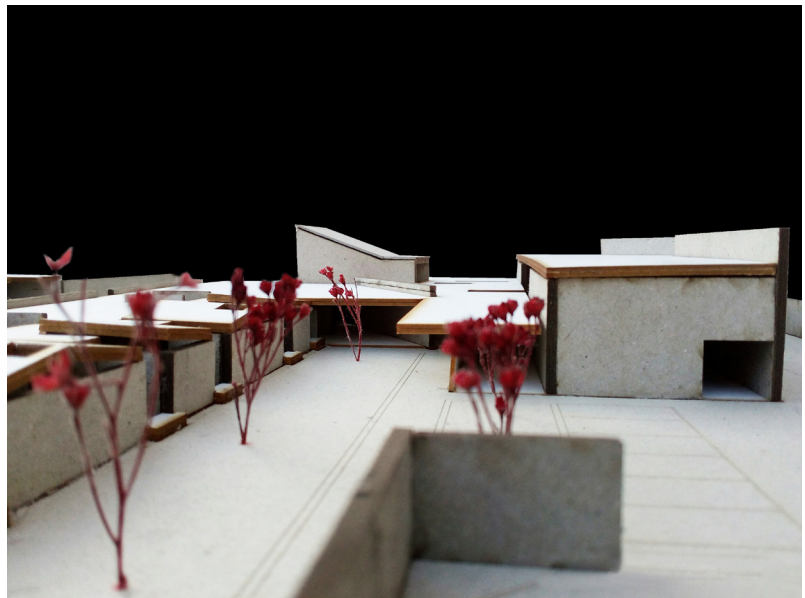
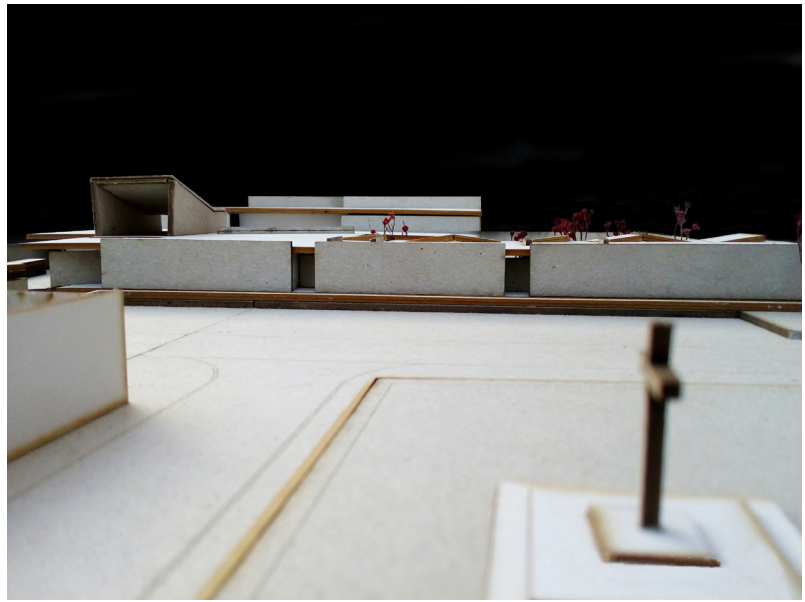
Maquete escala 1:1000

CENTRO DE INTERPRETAÇÃO E PÓLO DE INVESTIGAÇÃO DE ARQUEOLOGIA NÁUTICA

Representação tridimensional do Centro de Interpretação e Pólo de Investigação de arqueologia Náutica implantados em “espaços vazios” contíguos ao Terreiro dos Remédios e pertencentes ao Santuário.

A intenção do modelo é o confronto destes espaços e volumetrias mencionados a cima, assim como da relação entre o novo edificado que se distribui também em pisos e num túnel que os liga.





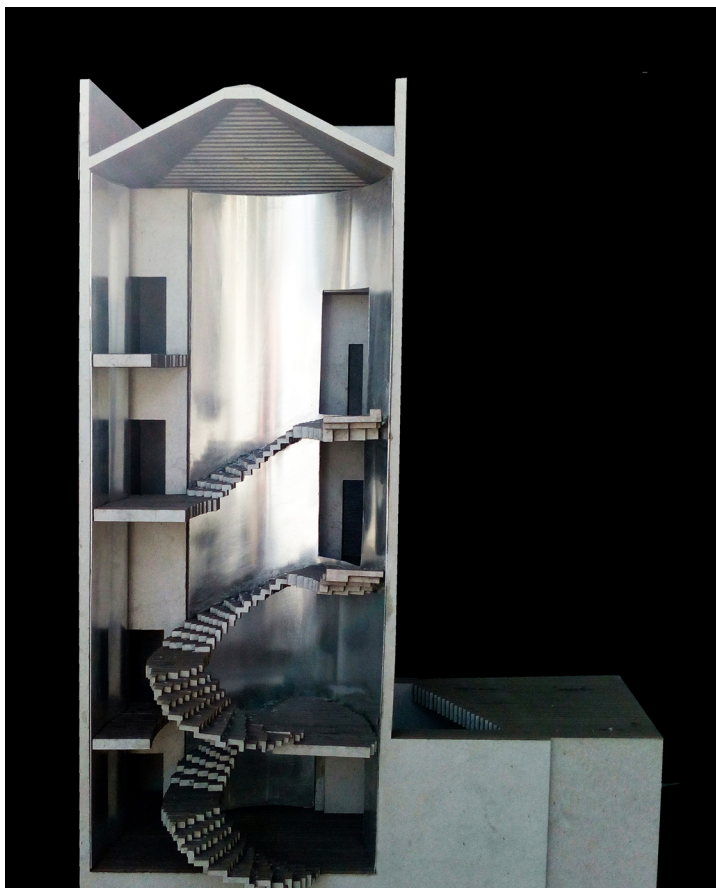
Maquete escala 1:50

TORRE DE CONTEMPLAÇÃO | Centro de Interpretação

Representação Tridimensional da torre de contemplação / miradouro, acessível pelo centro de interpretação.

Demonstra a distribuição dos pisos da torre e pontos de contemplação ao longo do percurso.

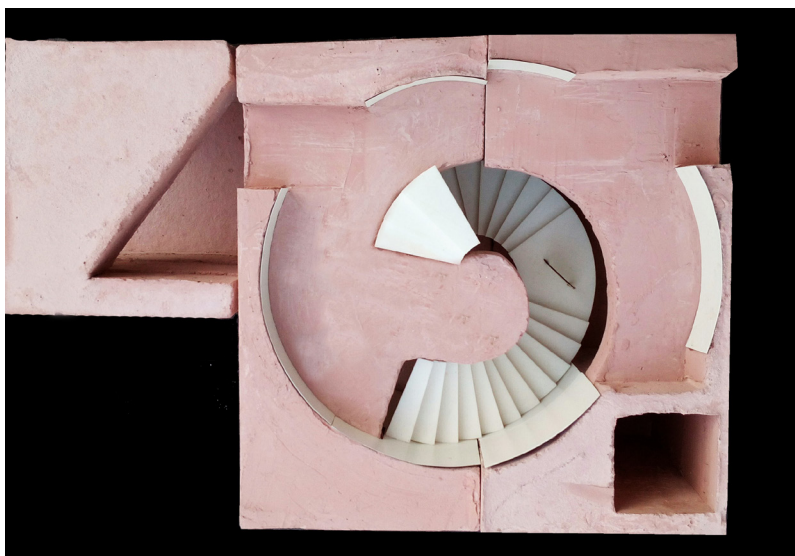




Maquete escala 1:20

TORRE DE CONTEMPLAÇÃO | Centro de Interpretação

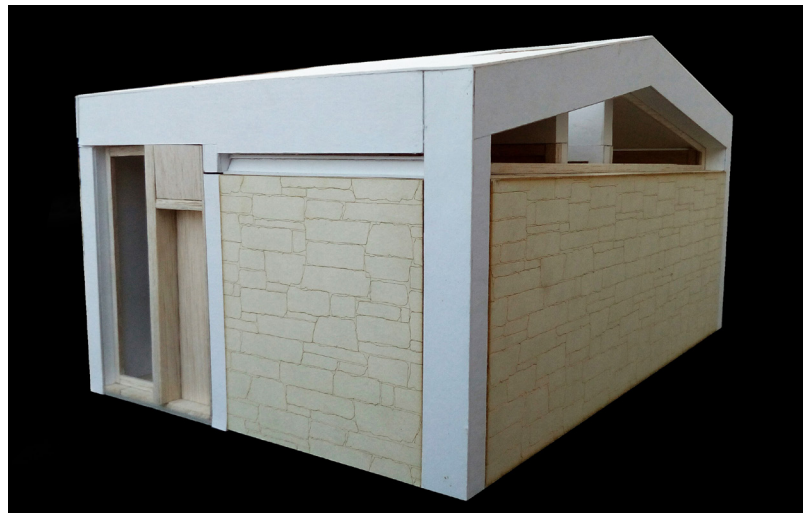
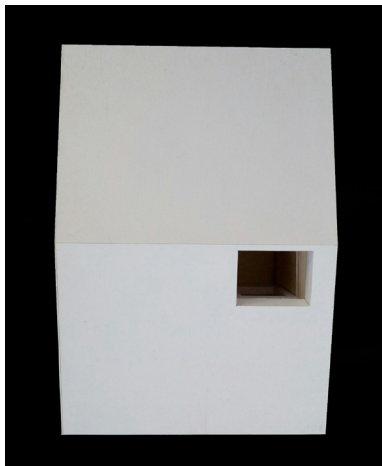
Representação Tridimensional em Betão pigmentado do piso -1 da torre com ligação ao túnel de acesso ao Pólo de Investigação de arqueologia Náutica.



Maquete escala 1:20

DORMITÓRIO | Pólo de Investigação de arqueologia Náutica

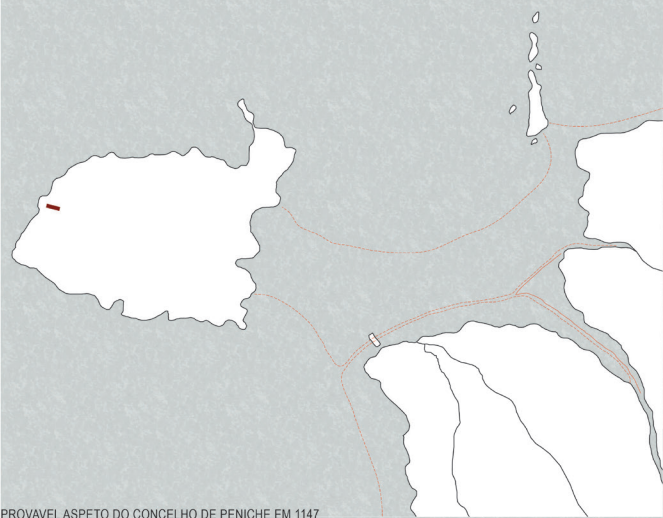
Representação tridimensional de um dos dormitórios ditos “duplos”, a uma escala de detalhe e percepção da distribuição do mobiliário.



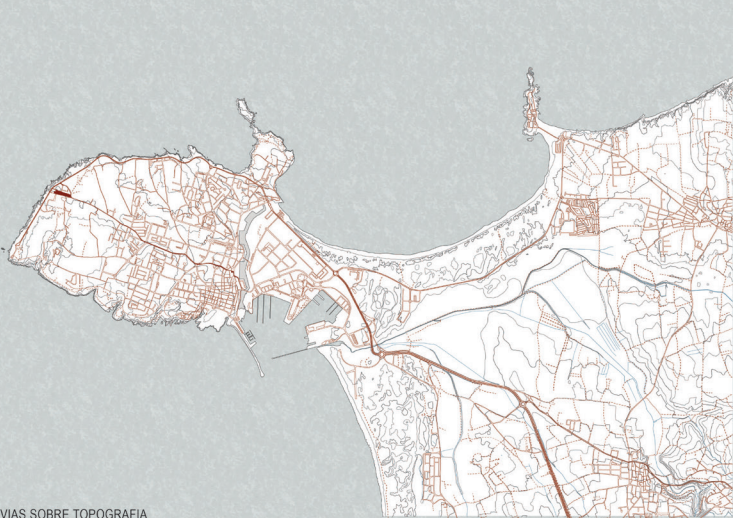


7.2 Peças de apresentação final

7.2.2 Painéis



PROVAVEL ASPETO DO CONCELHO DE PENICHE EM 1147



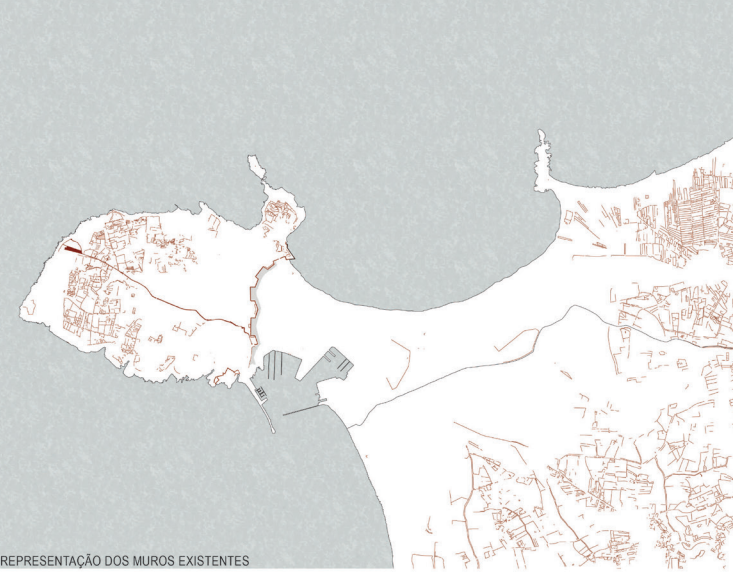
VIAS SOBRE TOPOGRAFIA



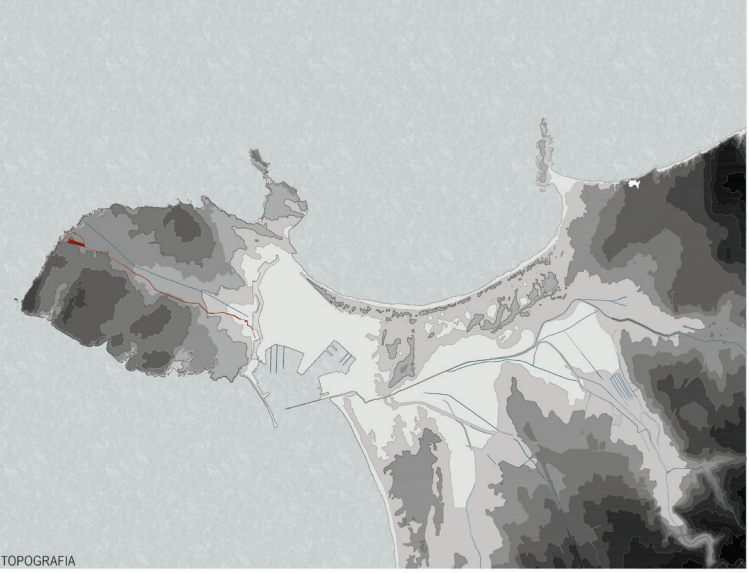
RELAÇÃO DO TRAÇADO URBANO COM O EDIFICADO



PLANTA DE PENICHE EM 1940



REPRESENTAÇÃO DOS MUROS EXISTENTES



TOPOGRAFIA



PERCURSOS TRANSVERSAIS



PERCURSOS PERIFÉRICOS



SITUAÇÃO CONJUNTA



PERCURSOS



LIMITES



MUROS



CRUZ DOS REMÉDIOS



SANTUÁRIO DOS REMÉDIOS



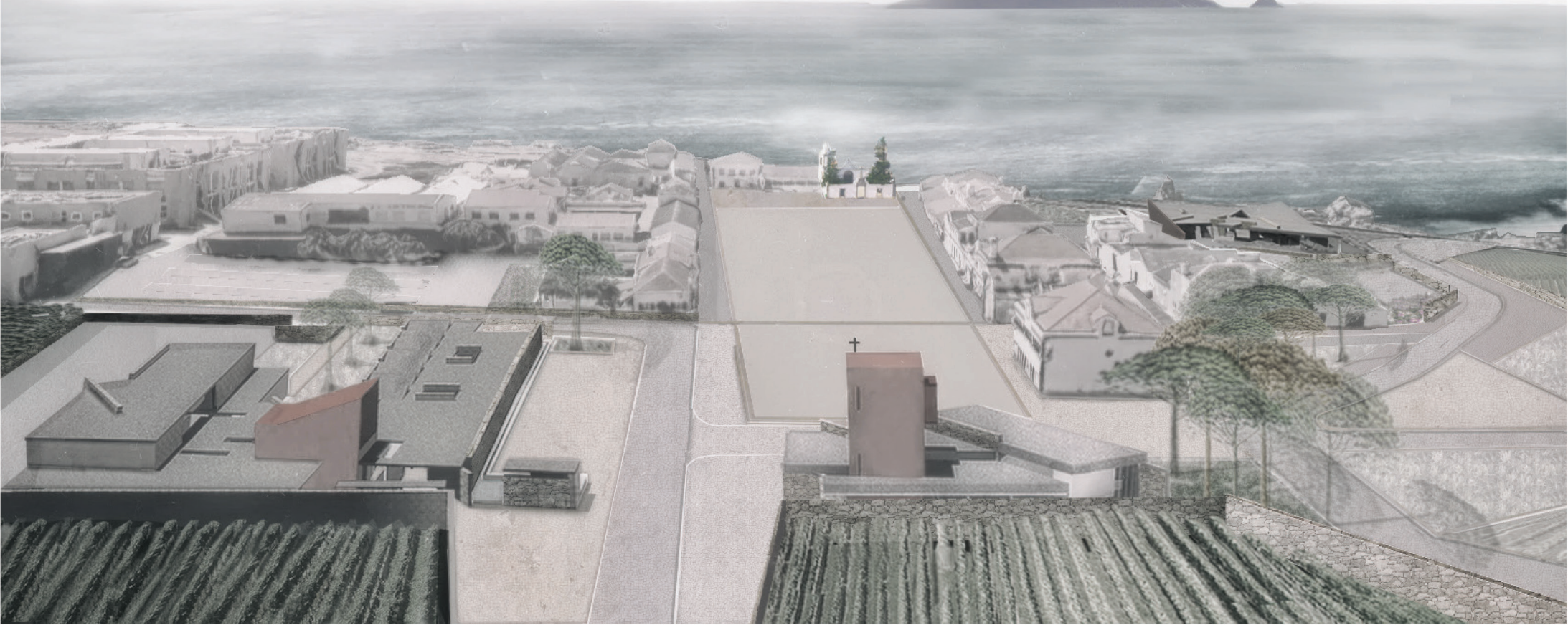


1. Capela dos Remédios; 2. Escola Superior de Tecnologias do Mar; 3. Miradouro da Meia Laranja; 4. Cruz dos Remédios | A. Intervenção no espaço público nos limites fronteiriços dos Remédios (percursos entre as Rochas); B. Espaço de Restauração; C. Centro de Interpretação; D. Pólo de Investigação de Arqueologia Náutica

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO
ESCALA 1:500



CORTE PELO TERREIRO DOS REMÉDIOS
ESCALA 1:500



DOS REMÉDIOS AO CABO CARVOEIRO



ENTRE A CRUZ DOS REMÉDIOS E O MIRADOURO DA "MEIA LARANJA"



SANTUÁRIO DOS REMÉDIOS (antes)



ACESSOS AO SANTUÁRIO DOS REMÉDIOS (atual)

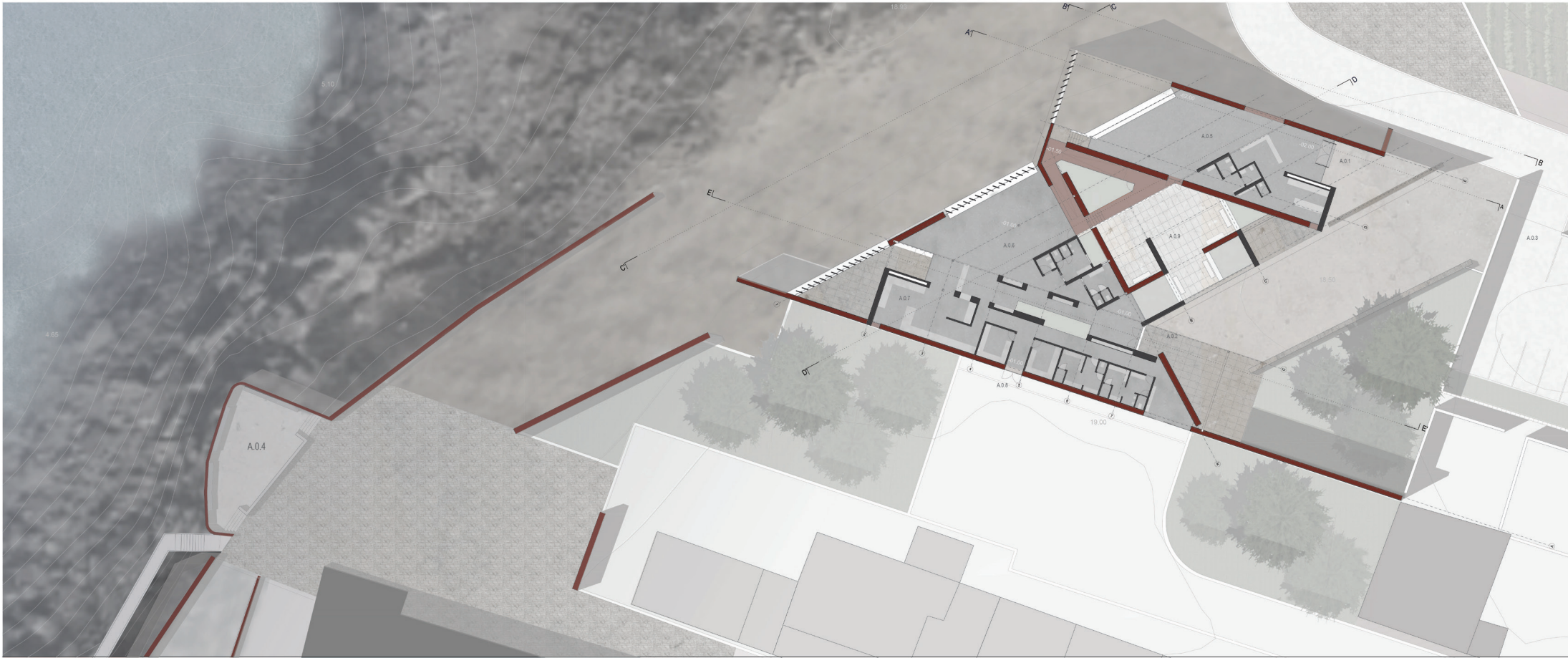


REMÉDIOS PELA ESTRADA MARGINAL



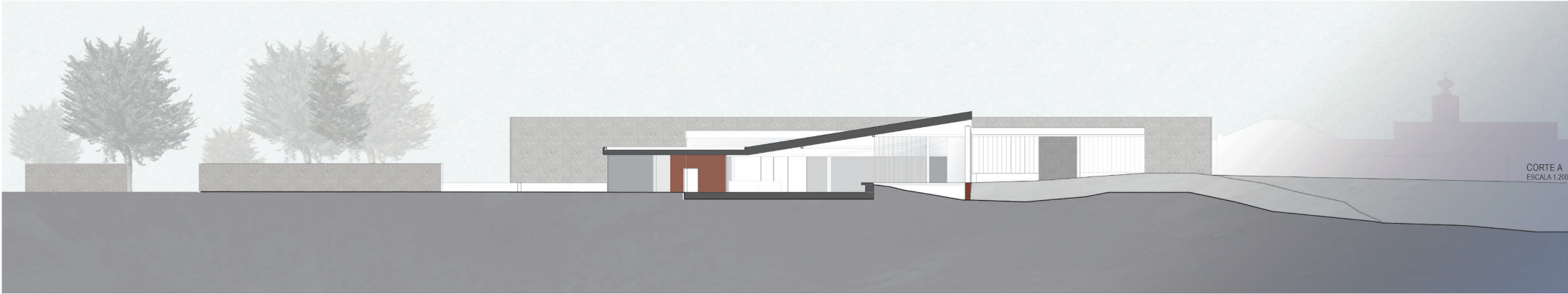
CAMINHO DOS REMÉDIOS | CHEGADA AO SANTUÁRIO



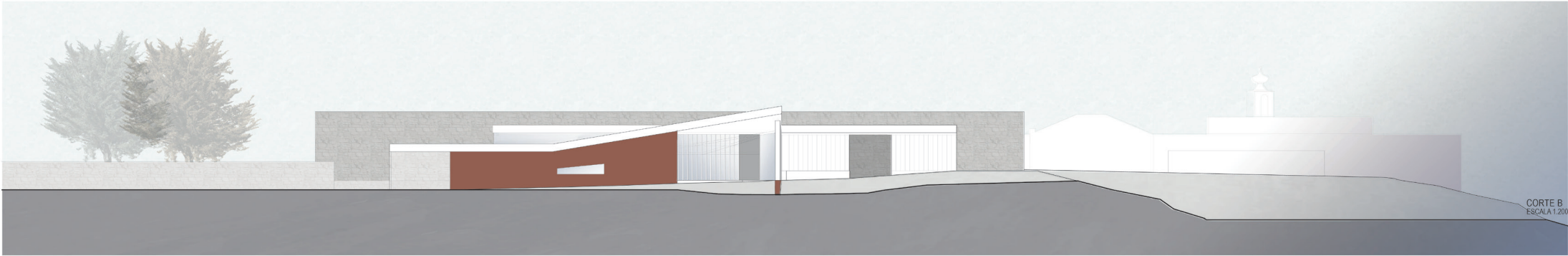


A.0.1 - Entrada do Bar; A.0.2 - Entrada do restaurante; A.0.3 - Estacionamento; A.0.4 - Miradouro da Meia Laranja; A.0.5 - Bar; A.0.6 - Restaurante; A.0.7 - Cozinha; A.0.8 - Entrada de cargas e descargas; A.0.9 - Esplanada

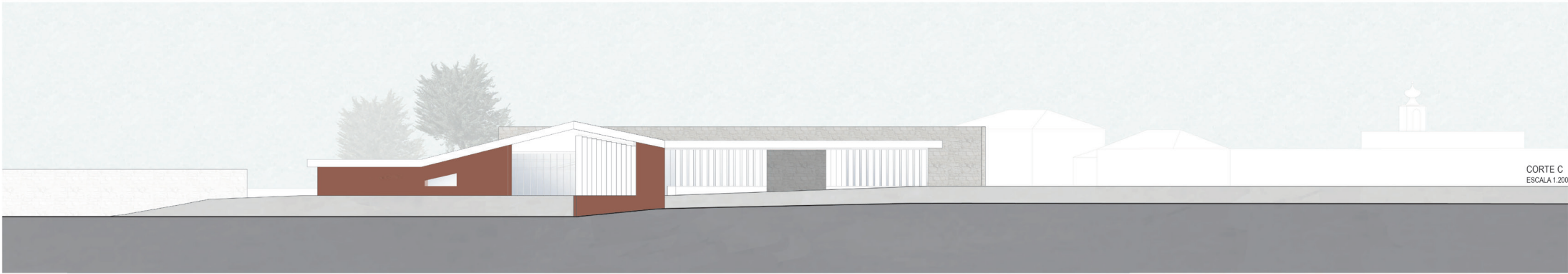
PLANTA PISO 0
ESCALA 1:200



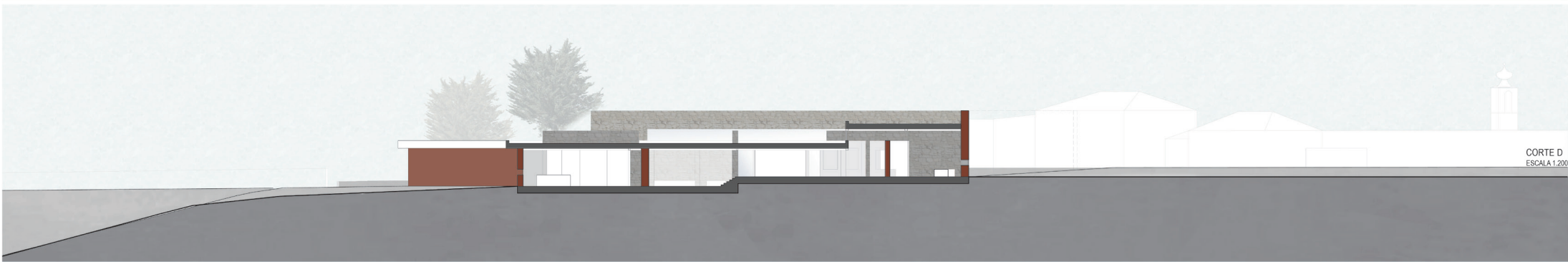
CORTE A
ESCALA 1:200



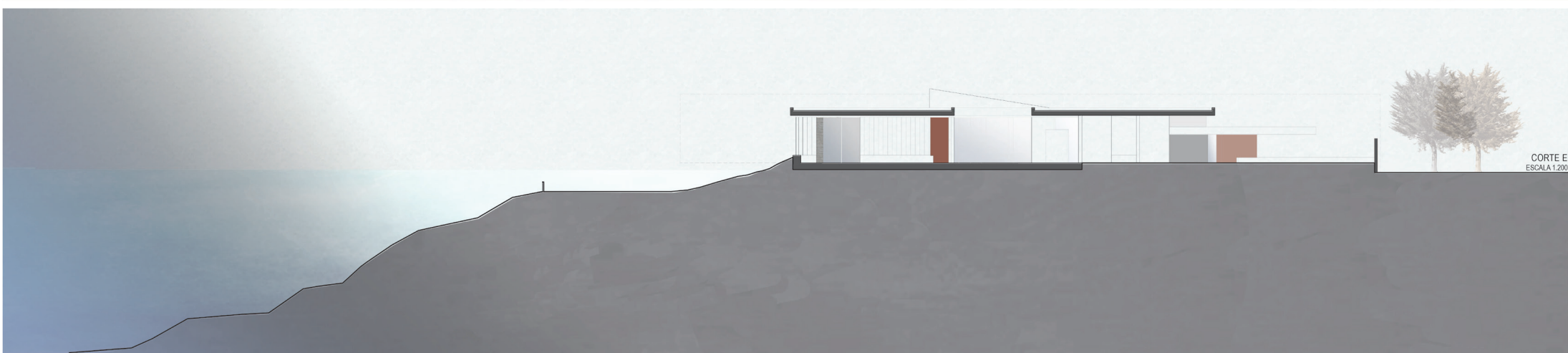
CORTE B
ESCALA 1:200



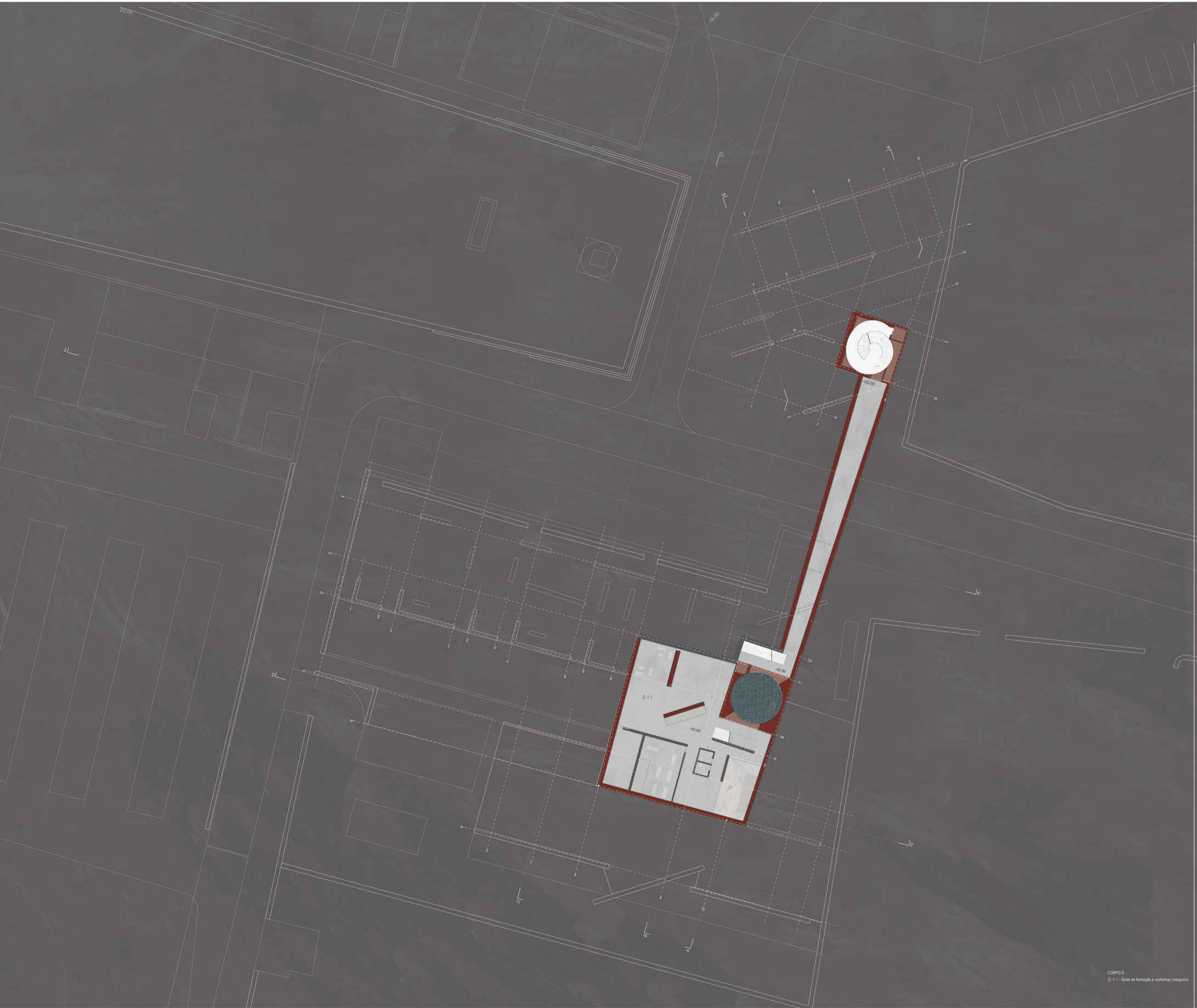
CORTE C
ESCALA 1:200



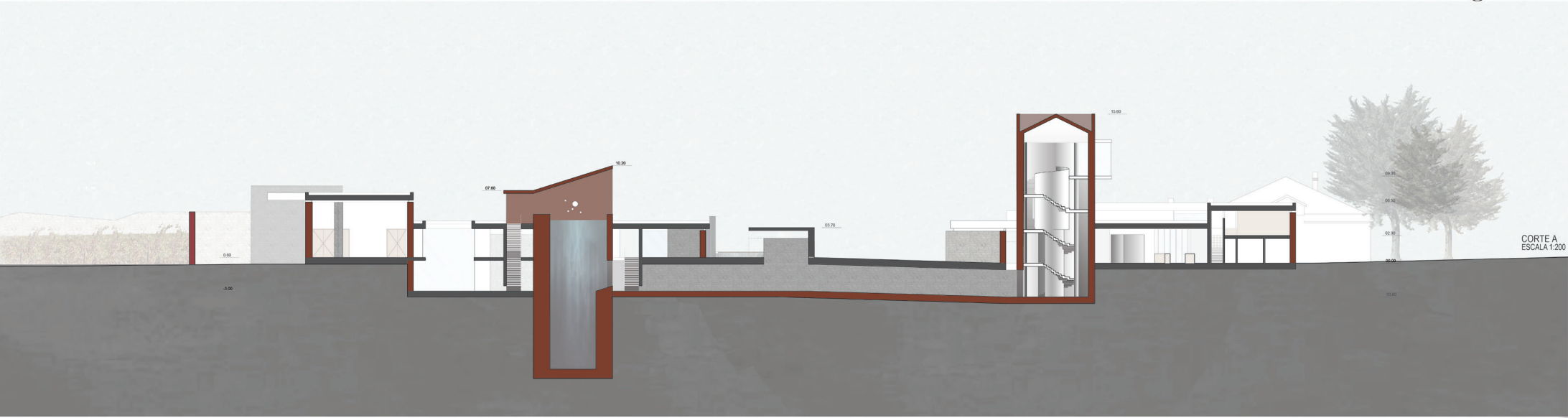
CORTE D
ESCALA 1:200



CORTE E
ESCALA 1:200



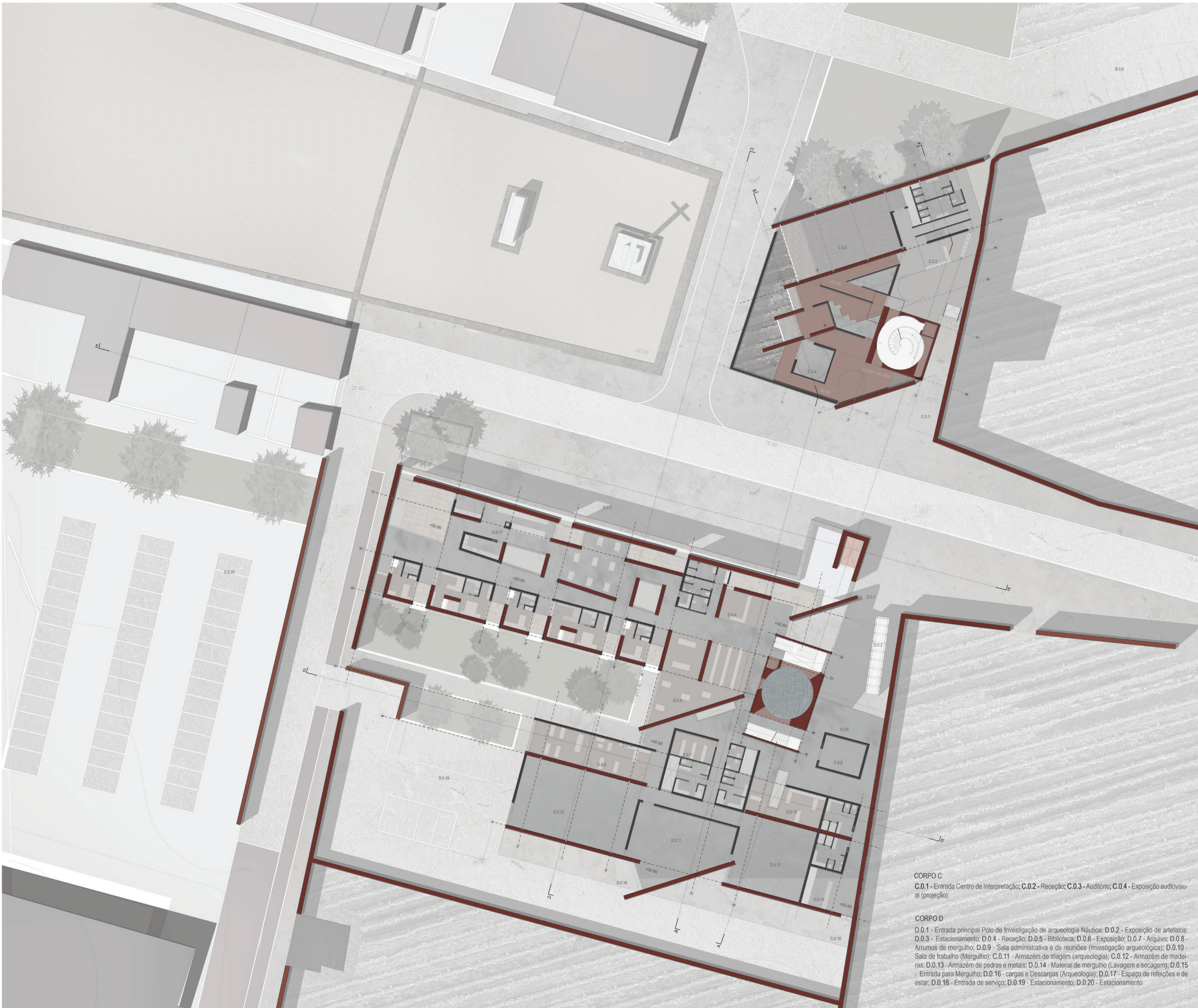
PLANTA PISO -1
ESCALA 1:200



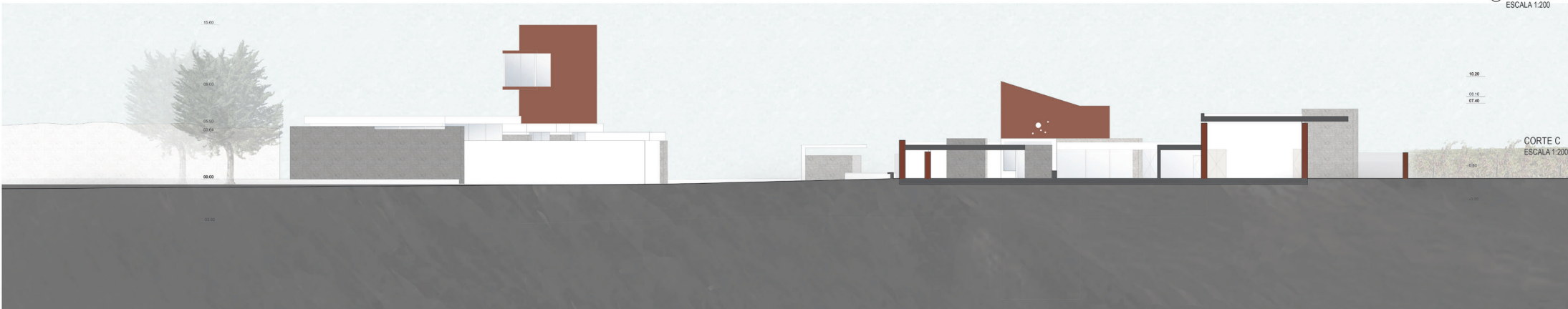
CORTE A
ESCALA 1:200



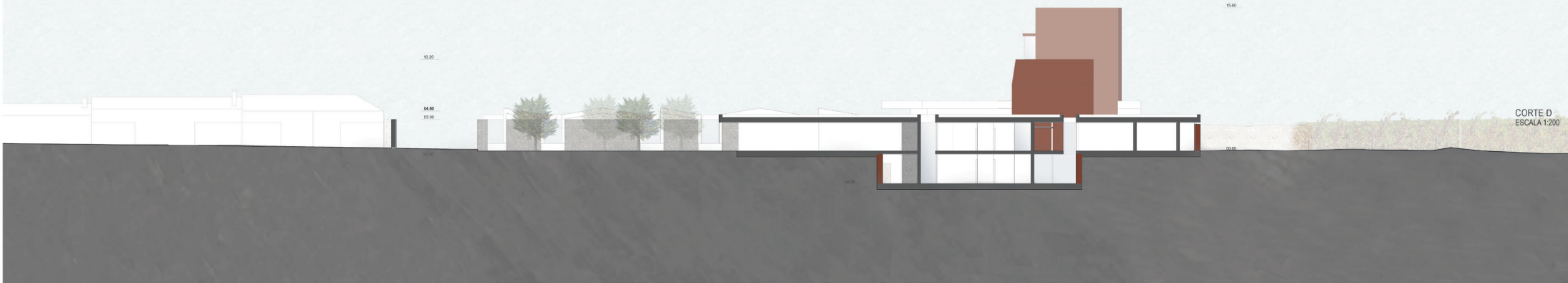
CORTE B
ESCALA 1:200



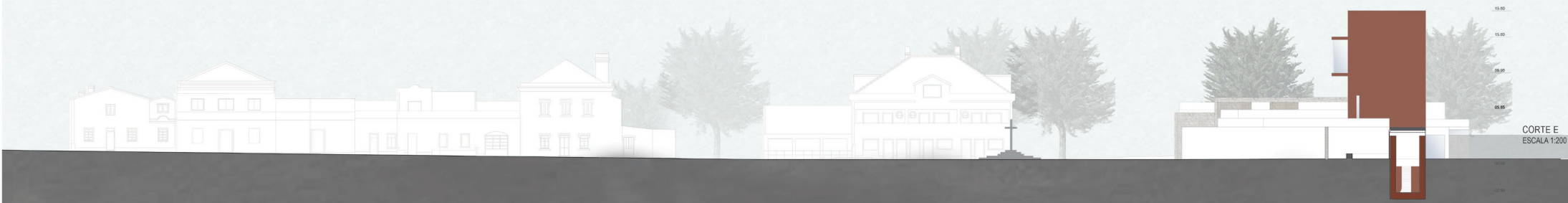
PLANTA PISO 0
ESCALA 1:200



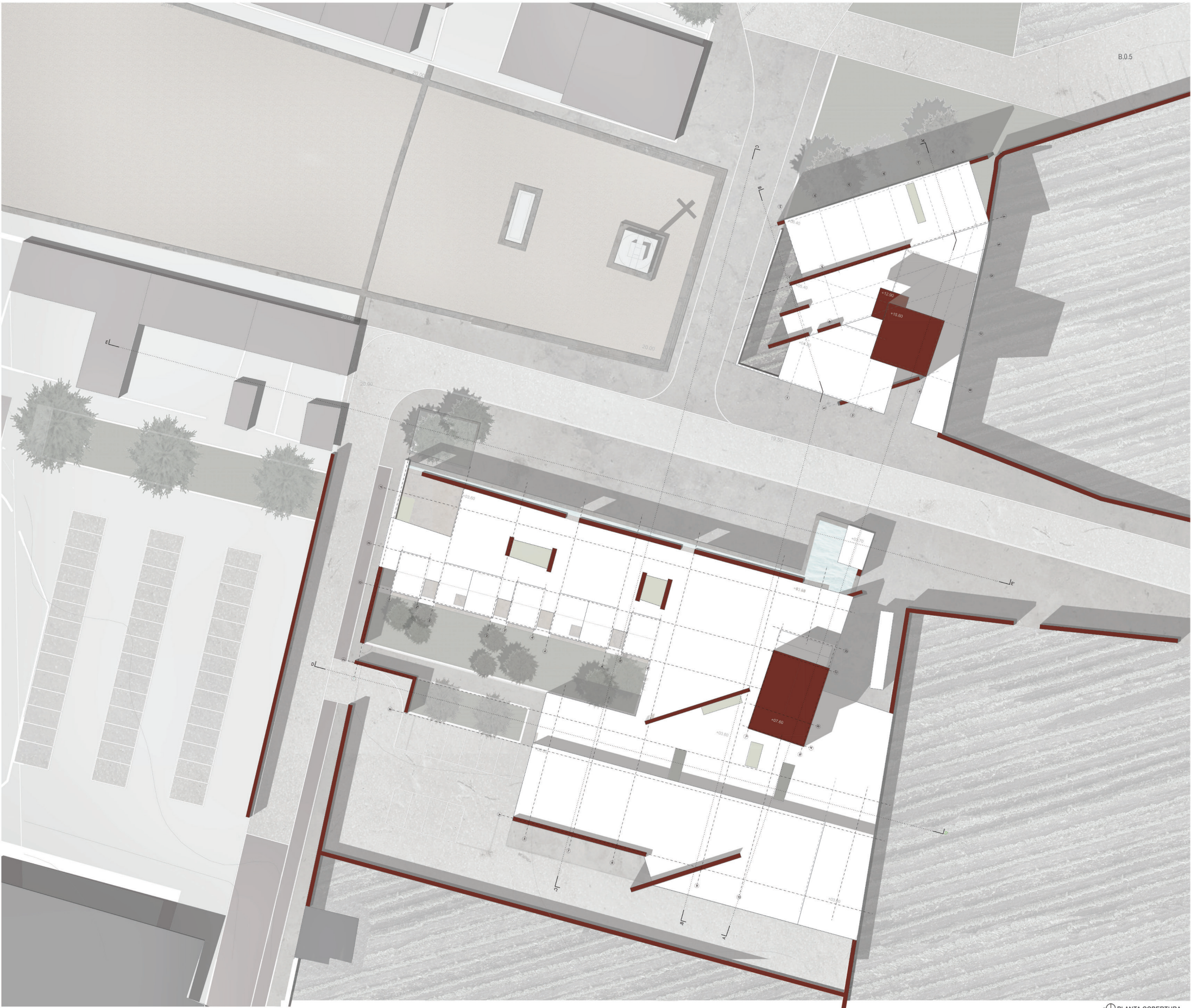
CORTE C
ESCALA 1:200



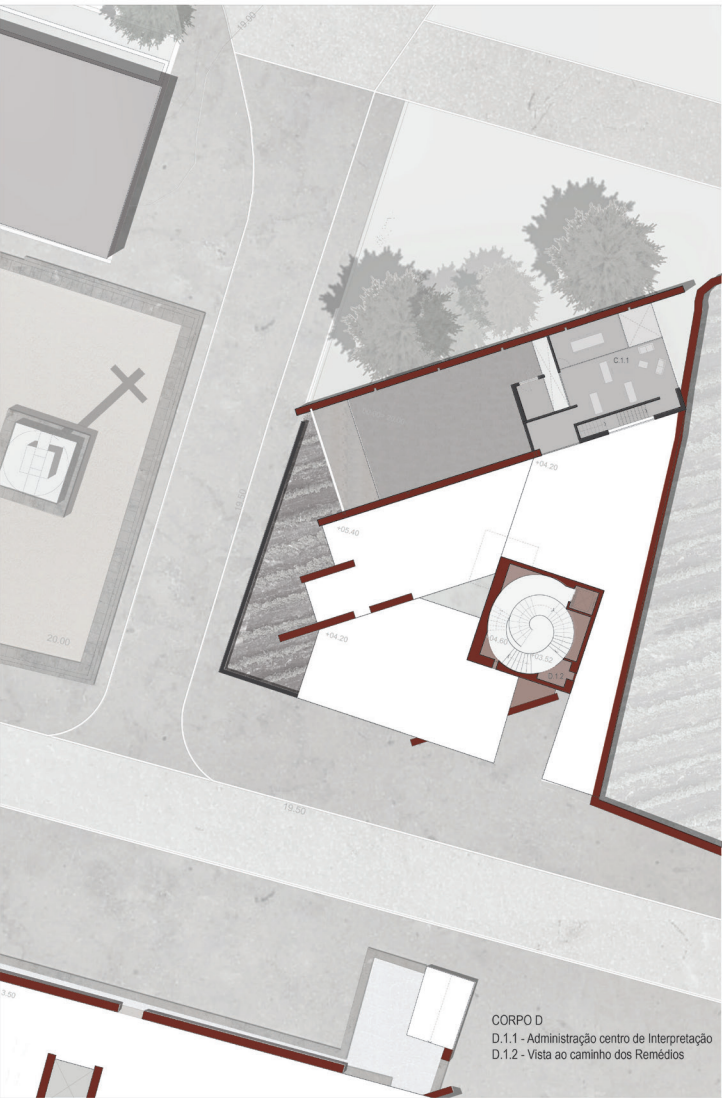
CORTE D
ESCALA 1:200



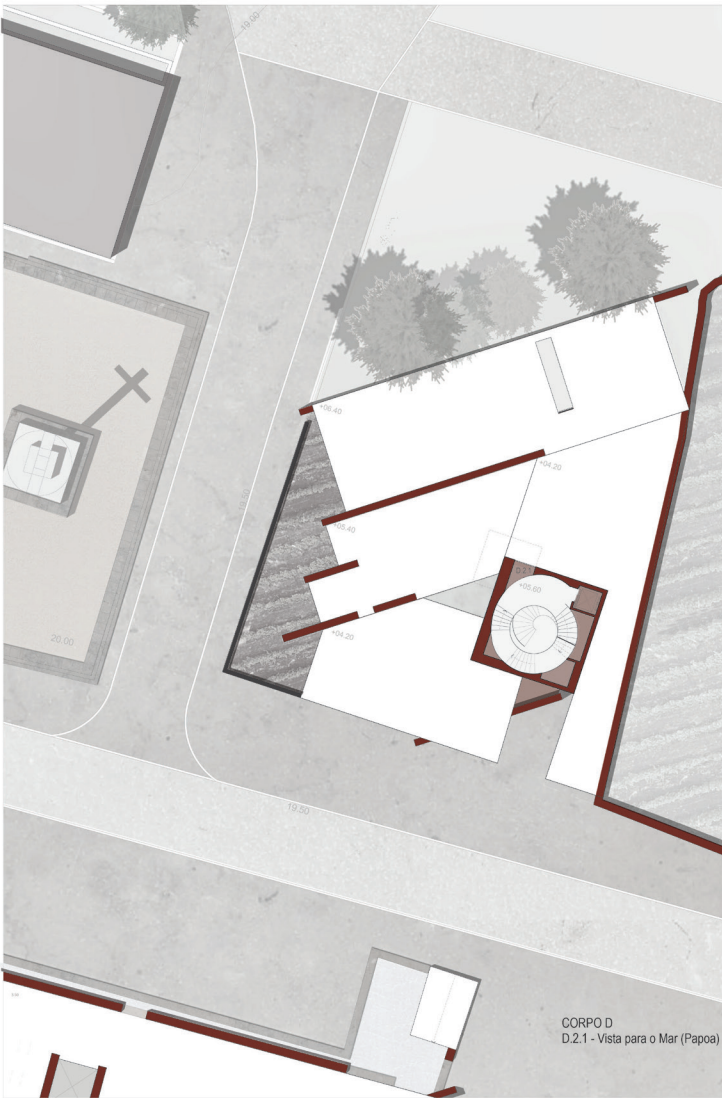
CORTE E
ESCALA 1:200



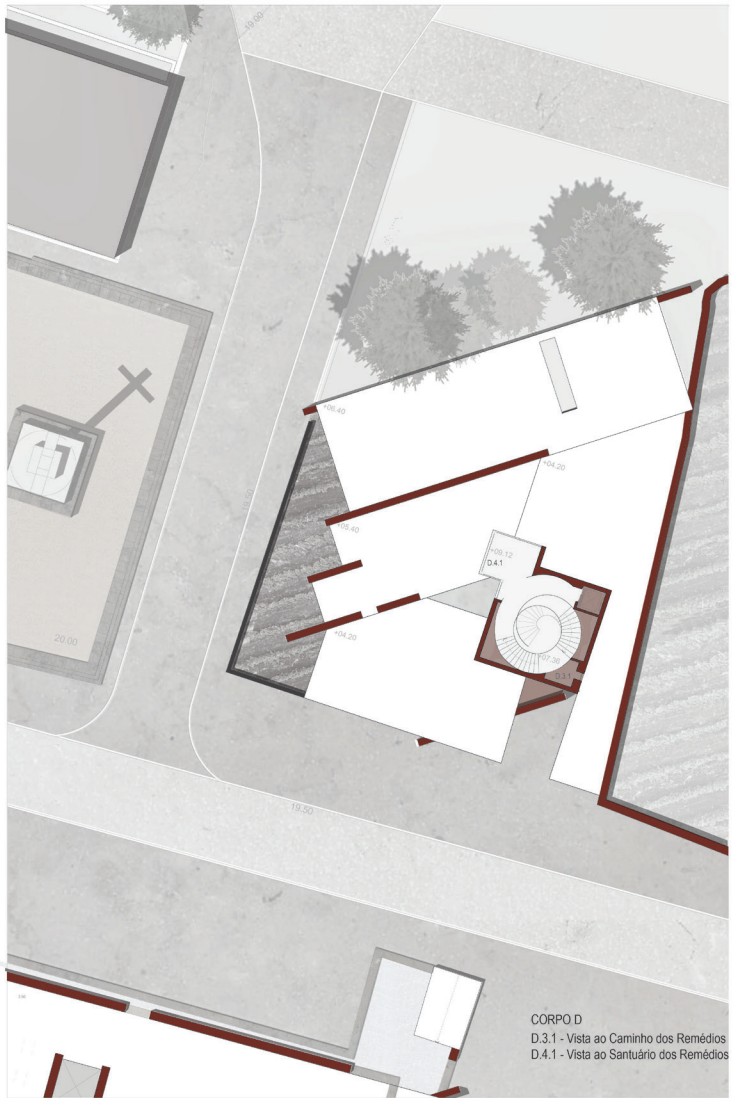
PLANTA COBERTURA
ESCALA 1:200



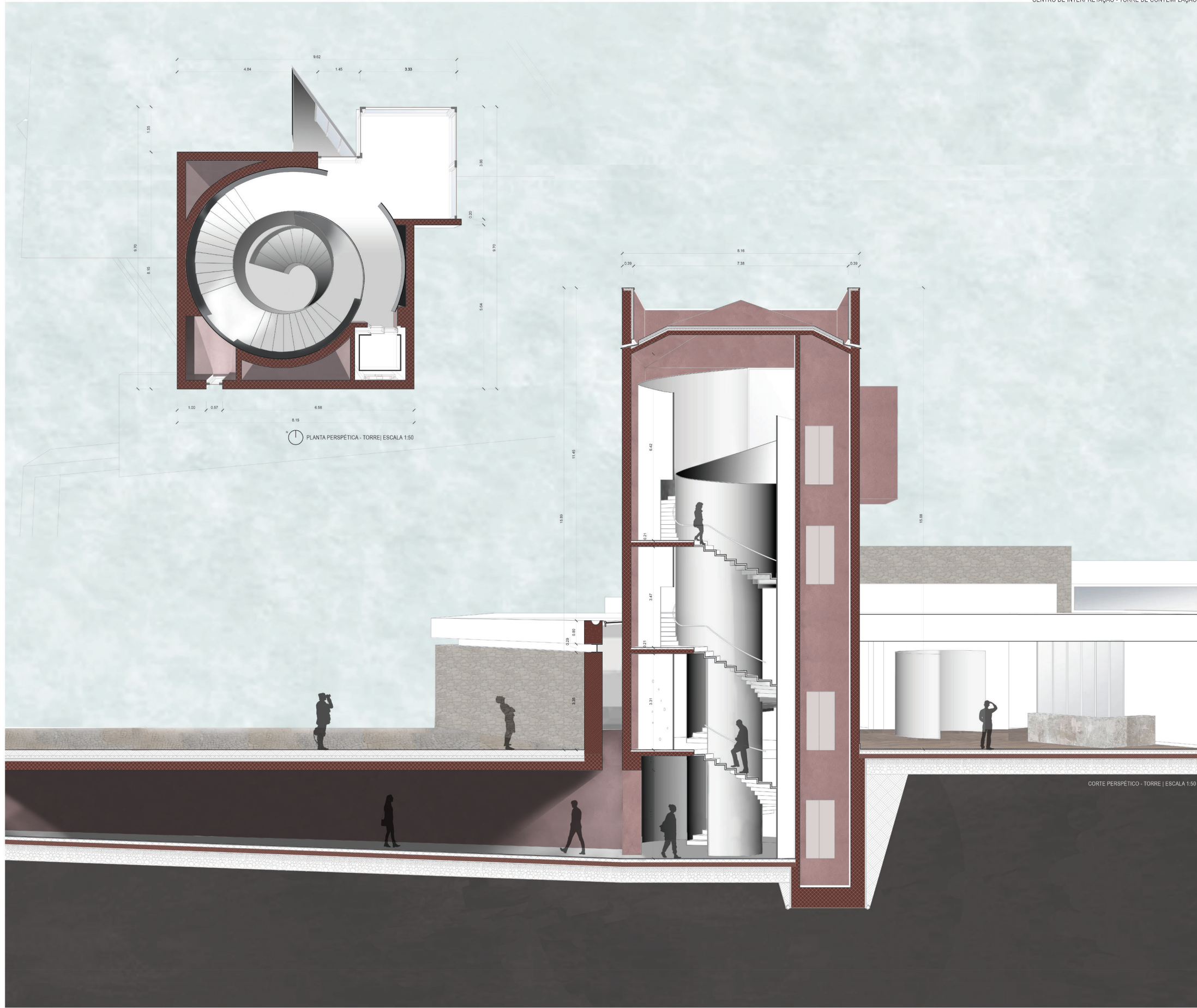
PLANTA 1º piso Torre
ESCALA 1:200

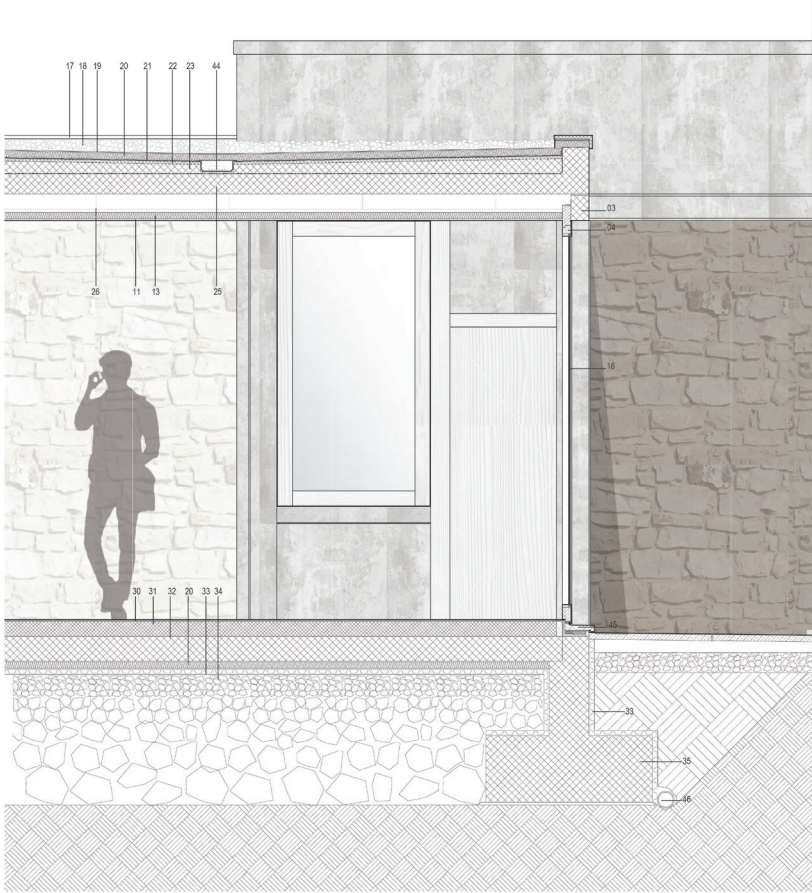
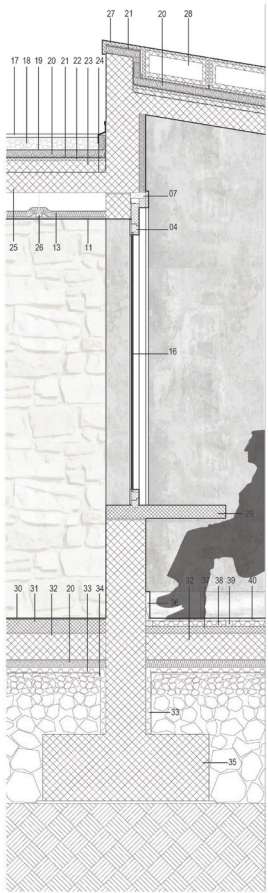


PLANTA 2º piso Torre
ESCALA 1:200



PLANTA 3º piso Torre
ESCALA 1:200





1. Pared de alvenaria de pedra calcária; 2. Pilar/cunhal de betão armado de inércia calcária; 3. Cantaria em betão pré-fabricados de inércia calcária; 4. Calvário de madeira tipo Carvalho pintado de branco; 5. Porta de madeira de Carvalho pintado de branco; 6. Barrote de madeira para remate entre o arco da porta e calvário; 7. Bala de remate em Pinho; 8. Pared estrutural de betão armado com inércia calcária; 9. Revestimento de mosaico de azulejo branco 20x20 (cm); 10. Cimento cola; 11. Gesso cartonado tipo hidrófugo pintado; 12. Montantes em aço leve de estrutura para gesso cartonado; 13. Isolamento térmico Lã de Rocha; 14. Porta de armário de madeira (carvalho); 15. Vão envidraçado do tipo oxibater; 16. Capoteamento em vista; 17. Bala; 18. Manta geotêxtil; 19. Manta geotêxtil; 20. Isolamento térmico rígido poliestireno extrudado (XPS); 21. Tela impermeabilizante; 22. Betão de regularização da cobertura; 23. Camada de forma (Betão e argila expandida); 24. Barreira de vapor (Tinta betuminosa); 25. Laje de Betão armado; 26. Perfil de suporte de teto em gesso cartonado; 27. Capoteamento em betão; 28. Blocos pré-fabricados de betão com inércia calcária; 29. Tempo de secretária em betão com inércia calcária; 30. Pavimento autorilievante de epóxi circo; 31. Betão de regularização; 32. Massacre; 33. Tela geotêxtil; 34. Enrocamento; 35. Sapata em betão armado; 36. Rodapé de madeira tipo carvalho pintado de branco; 37. Betão de regularização do pavimento; 38. Aglomerado de corte expandida; 39. Ripas de madeira em pinho; 40. Solo de madeira do tipo carvalho; 41. Pavimento exterior em Pedra calcária creme e cinzento azulado; 42. Terra de assentamento de lajetas de betão (Tol verant); 43. Terreno; 44. Caixa de escoamento de águas pluviais; 45. Pedra de Soterra; 46. Tubo de drenagem protegido por manta geotêxtil; 47. Banco exterior em betão com inércia calcária; 48. Bloco de betão; 49. Chapa de aço para remate de pavimento; 50. Terreno com vegetação autóctone

